



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC  
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA – UNILAB  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**JOSELANE LIMA DA SILVA SANTOS**

**UM MUSEU VIVO: MEMÓRIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DAS NARRATIVAS DO  
POVO KANINDÉ**

**FORTALEZA**

**2023**

JOSELANE LIMA DA SILVA SANTOS

UM MUSEU VIVO: MEMÓRIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DAS NARRATIVAS DO  
POVO KANINDÉ

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Antropologia no curso de Mestrado em Antropologia do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Susana Alem Abrantes.

**FORTALEZA**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S235m Santos, Joselane Lima da Silva.  
Um Museu Vivo : Memória e Educação a Partir das Narrativas do Povo Kanindé / Joselane Lima da Silva Santos. – 2023.  
116 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Profa. Dra. Carla Susuna Alem Abrantes..

1. Museu Kanindé. 2. Memória. 3. Identidade étnica. 4. Educação indígena. I. Título.

CDD 301

---

JOSELANE LIMA DA SILVA SANTOS

UM MUSEU VIVO: MEMÓRIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DAS NARRATIVAS DO  
POVO KANINDÉ

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Antropologia no curso de Mestrado em Antropologia do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 21/06/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes. (Orientadora)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

Prof. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes. (Examinador interno)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

Prof. Dr. Claudia Mura. (Examinadora externa)  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

As milhas filhas, meu esposo, aos futuros indígenas, aos meus pais, aos meus antepassados, ao povo Kanindé, à Antropologia que reconhece a importância política das memórias dos povos indígenas e em especial à minha querida irmã Joselita Lima. Sem ela por perto os resultados não seriam os mesmos. Ela foi o meu maior incentivo desde o início. Portanto, dedico este trabalho a todos eles por poder contar com o seu apoio e o conhecimento destas pessoas que foi essencial para meu êxito e para o desenvolvimento da escrita desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Nesses anos de mestrado, de muito estudo, esforço, empenho e dedicação, gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para realização de mais este sonho. Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por ter proporcionado tantas conquistas na minha vida. Agradeço aos meus pais, Maria do Socorro Lima da Silva e José Airton Freitas Martins por estarem sempre presentes na minha trajetória educacional e por terem me dado a vida.

Agradeço a minha irmã Joselita Lima dos Santos, por sempre me apoiar nas minhas escolhas e por nunca soltar minha mão durante os obstáculos que apareceram na minha vida e por sempre me dar forças para continuar a minha caminhada. Também agradeço a meus outros irmãos (Airta Lima, Joselia Lima, Jorlania Martins, Mardonio Lima e Airton Lima), que direta ou indiretamente acreditaram e desejaram o melhor para mim e pelos os esforços que fazem para que eu possa superar cada obstáculo em meu caminho e pelo o amor que cada um sente por mim.

Sou eternamente grata ao meu esposo Antonio Nilton Gomes dos Santos, por tudo que sou e por tudo que me tornei e pela união que temos entre nós, obrigada por nunca desistir de me e pelo cuidado e zelo que tem pela nossa família, e principalmente por ter cuidado de mim na hora que mais precisei. Agradeço por ter me incentivado a continuar meus estudos, pois estou nesse patamar, porque você nunca desistiu de mim e sempre acreditou no meu potencial.

Minha gratidão especial vai para a Prof.<sup>a</sup> Dra. Susana Alem Abrantes, minha orientadora, que sobretudo, se tornou uma querida e grande amiga, pois esteve presente durante toda minha trajetória no mestrado e pela pessoa e profissional que é. Obrigada por sua dedicação, por muitas das vezes deixar de lado seus momentos de descanso para me orientar e ajudar nesse processo de construção da pesquisa e por acreditar e depositar sua confiança em mim ao longo desses dois anos e meio de trabalho que iniciou no mestrado. É evidente que sem sua orientação, amizade, confiança e apoio nada disso seria possível.

Agradeço também aos professores que passaram por mim durante as aulas de mestrado. Obrigada às professoras Dra. Denise da Costa, Dra. Isabelle Braz, Dra. Vera Rodrigues, Dr. George, Dr. Leonardo, Dr. Martinho Tota, Dr. Rafael Antunes e por cada momento compartilhado durante as aulas do mestrado, obrigada por cada conhecimento compartilhado e por fazerem também parte da minha trajetória educacional.

Agradeço também ao programa de pós-graduação em Antropologia PPGA – UFC / UNILAB, por proporcionar cada momento de aula com professores excelentes e por passar cada informação com clareza e dedicação, além disso.

Sou eternamente grata ao José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), pelo compromisso de estar junto comigo nessa pesquisa e por cada compartilhamento de seus saberes e principalmente para o compartilhar a história do Museu para que eu pudesse realizar essa pesquisa. Obrigada por tanto e por estar presente nesse momento.

Agradeço aos meus colegas de trabalho Francisco de Paulo e Terezinha Gomes, por ter contribuído com as entrevistas e por ter compartilhado suas experiências. Obrigada por tanto.

Sou grata à Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, pela paciência que teve durante a minha pesquisa, e por sempre pensar querer o melhor para formação de seus professores e por contribuir com esse momento, principalmente aos professores que passaram por me durante minha caminhada do ensino médio, em especial ao professor Jair Martins, por cada conselho, e por cada saber compartilhado.

Agradeço a liderança tradicional do povo Kanindé Cicero Pereira, por contribuir com esse momento e por partilhar os seus saberes, sou eternamente grata por fazer parte deste trabalho.

Sou eternamente grata as minhas filhas Thayná Lima e Taiane Lima, por cuidarem da casa, pelos momentos que precisei estudar e por serem meu braço direito nos afazeres de casa. Obrigada, saibam que vocês fazem parte dessa conquista.

Por fim agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram presentes comigo nessa trajetória, em especial a minha turma de mestrado, que compartilhamos momentos bem significativos durante as aulas mesmo que virtualmente, e por serem pessoas incentivadoras e por compartilharem seus saberes.

O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui. O museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu o tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque aí tem um pouco do retrato, da imagem de tudo. Tem a imagem do *peba*, tem a imagem do *pote* que foi feito antigamente. Tudo ali foi um retrato dos nossos antepassados, retrato de quem construiu aquela história. (Cicero Pereira – Liderança indígena Kanindé). (SANTOS, 2021)



## RESUMO

Esta pesquisa consiste em descrever as narrativas sobre o Museu Kanindé, um Museu construído ao longo dos anos por José Maria Pereira dos Santos, conhecido por nós como Cacique Sotero. O Museu Kanindé é um espaço de transformação e afirmação étnica para o povo, trazendo uma representação de algo novo, pois é caracterizado como o espaço que reúne, incentiva, resgata e difunde a memória. Nesse estudo foi possível narrar a criação e gerenciamento do Museu e analisar a importância e o papel do Museu Kanindé na construção social da memória, de conceitos e de narrativas da resistência indígena. Investigamos o Museu Indígena Kanindé como espaço de discussão em torno da identidade, fizemos uma análise a partir de uma perspectiva contemporânea na antropologia que entende a questão do fortalecimento da identidade indígena como projeto político de resistência e protagonismo dos indígenas na história, na luta pela demarcação dos nossos territórios e pelo reconhecimento da nossa diferença sociocultural. Esta pesquisa foi construída a partir de práticas e saberes que envolveram a pesquisa de campo, entrevistas, a convivência no território e as aulas que são desenvolvidas na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Busca-se a contribuição para uma reflexão sobre como um povo indígena não destrói seus atos de pensar e agir diante daquilo que é novo. Ao contrário, revela a dinamicidade da cultura e da organização social que a cada dia produz mais capacidade de interação do povo com sua própria identidade.

**Palavras-chave:** Museu Kanindé; memória; identidade étnica; educação indígena.

## **ABSTRACT**

This research consists of describing the narratives about the Kanindé Museum, a Museum built over the years by José Maria Pereira dos Santos, known to us as Cacique Sotero. The Kanindé Museum is a space for transformation and ethnic affirmation for the people, bringing a representation of something new, as it is characterized as a space that brings together, encourages, rescues and disseminates memory. In this study, it was possible to narrate the creation and management of the Museum and to analyze the importance and role of the Kanindé Museum in the social construction of memory, concepts and narratives of indigenous resistance. We investigated the Kanindé Indigenous Museum as a space for discussion around identity, we carried out an analysis from a contemporary perspective in anthropology that understands the issue of strengthening indigenous identity as a political project of resistance and protagonism of indigenous peoples in history, in the struggle for demarcation of our territories and for the recognition of our sociocultural difference. This research was built from practices and knowledge that involved field research, interviews, coexistence in the territory and classes that are developed at the Indigenous School Manoel Francisco dos Santos. A contribution is sought for a reflection on how an indigenous people does not destroy their acts of thinking and acting in the face of what is new. On the contrary, it reveals the dynamism of culture and social organization that every day produces more people's ability to interact with their own identity.

**Keywords:** Kanindé Museum; memory; ethnic identity; indigenous education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Modelo da cartilha da Ana e do Zé - Utilizada no meu processo de alfabetização. .....	21
<b>Figura 2</b> -Peba - alimento tradicional do povo Kanindé.....	46
<b>Figura 3</b> - Objetos relacionados à caça, madeira, palha e adornos.....	57
<b>Figura 4</b> - Antiga sede do Museu Kanindé .....	57
<b>Figura 5</b> - Cacique Sotero segurando a primeira peça do Museu dos Kanindé de Aratuba. (A pedra preta).....	59
<b>Figura 6</b> - Recorte de um jornal - Museu Kanindé – Memória viva do povo Kanindé.....	63
<b>Figura 7</b> - José Maria - Cacique Sotero .....	71
<b>Figura 8</b> - Cicero Pereira, liderança tradicional do povo Kanindé.....	72
<b>Figura 9</b> - Aula de Arte e cultura - realizada pelo professor Paulo.....	82
<b>Figura 10</b> -Alunos da Escola e professor Alexandre Gomes.....	84
<b>Figura 11</b> - Primeiro grupo de estudantes que participaram das formações do Museu.....	85
<b>Figura 12</b> - Livro de Tombo utilizado para fazer o registro do acervo do Museu.....	86
<b>Figura 13</b> - Técnicas artesanais feitas de palha. Fonte: Acervo Museu Kanindé.....	87
<b>Figura 14</b> -Técnicas artesanais: Adorno corporal e escultura em madeira. ....	88
<b>Figura 15</b> - Instrumentos musicais - Utilizado ritual do toré - Maracas.....	88
<b>Figura 16</b> - Coisas dos mais velhos: Instrumento de trabalho, doméstico e pessoal.....	89
<b>Figura 17</b> - Acervo coisas das matas dos Kanindé: animais de caça. Acervo Museu .....	90
<b>Figura 18</b> - Registros importantes do povo Kanindé (Histórias e Memórias). Acervo Museu.....	90
<b>Figura 19</b> - Grupo NEPIK – Núcleo de Estudos e Pesquisas indígenas Kanindé .....	93
<b>Figura 20</b> - Fotografia- Acervo MK .....	100
<b>Figura 21</b> - Fotografia – Acervo do MK.....	101
<b>Figura 22</b> - Fotografia, Acervo do MK.....	102
<b>Figura 23</b> - Fotografia, Acervo do MK.....	102
<b>Figura 24</b> - Fotografia, Acervo do MK.....	103
<b>Figura 25</b> - Fotografia, Visita guiada.....	105
<b>Figura 26</b> - Fotografia, Visita guiada, Momento de acolhida, Ritual do toré.....	106
<b>Figura 27</b> - Fotografia, Visita guiada. Leitura do texto "Memória e história". ....	107
<b>Figura 28</b> - Fotografia, Visita guiada.....	108
<b>Figura 29</b> - Fotografia, Visita guiada. Atividade prática .....	109

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>LII PITAKAJÁ</b>	Licenciatura Intercultural Indígena dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé
<b>AIKA</b>	Associação Indígena Kanindé de Aratuba
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CREDE</b>	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>MISI</b>	Magistério Indígena Superior
<b>NEPIK</b>	Núcleo de Estudo e Pesquisa Indígena Kanindé
<b>PI</b>	Projetos Integradores
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>RCNEI</b>	Referencial Curricular Nacional para Educação Indígena
<b>SEDUC</b>	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
<b>SIGE</b>	Sistema Integrado de Gestão Educacional
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>UNILAB</b>	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
<b>TDIC</b>	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2- ENTRE SABERES, PRÁTICAS E CONHECIMENTO: A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.</b> .....	18
2.1. Meu lugar de fala.....	19
2.2. Motivações para a escolha do tema de pesquisa.....	26
2.3. Quando a Antropóloga é originária.....	26
2.4. Decisões teórica-metodológicas .....	28
<b>3. ASPECTOS DA HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA DO POVO KANINDÉ</b> .....	40
3.1. Quem somos? .....	40
3.2. Conceitualizando a identidade étnica .....	47
3.3. Atores e elementos da identidade étnica dos Kanindé .....	50
3.4. Espaços de resistência do povo Kanindé: a Escola e o Museu.....	52
<b>4. NARRATIVAS SOBRE O MUSEU KANINDÉ.</b> .....	55
4.1. Narrativas da memória sobre o Museu Kanindé .....	55
4.2. O Museu Kanindé e a memória local .....	62
4.3. “Guardiões da memória”: o tempo passado e o tempo presente.....	69
<b>5. O MUSEU COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E O VÍNCULO COM A ESCOLA KANINDÉ</b> .....	76
5.1. Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.....	76
5.2. Entre a Escola Indígena e o Museu Kanindé: ações educativas e culturais. ....	82
5.3. O acervo do Museu Kanindé: nossa memória e identidade.....	100
5.4. Uma visita guiada ao Museu Kanindé: Prática educativa desenvolvida por professores Kanindé.....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113

## 1- INTRODUÇÃO

Esta pesquisa antropológica parte do meu interesse em apresentar o Museu Indígena Kanindé, localizado na aldeia Sitio Fernandes, município de Aratuba no estado do Ceará. O Museu Kanindé é um espaço que possui amplo e diversificado acervo que se relaciona com trajetória de vida do povo Kanindé, além disso, é um espaço que traz elementos importantes da história local, a salvaguarda e a transmissão dos conhecimentos das práticas culturais que são desenvolvidas pela escola e comunidade. A partir das narrativas trazidas sobre o Museu é possível perceber que ele é um espaço de conexão entre o passado, presente e futuro, pois olhar para o passado é reviver tudo aquilo que já foi construído e vivenciado pelas as pessoas mais velhas da aldeia. Além disso, a sua finalidade não é só salvaguardar os objetos, mas sim disseminar conhecimento para futuras gerações, o que compreende ser um espaço também educativo. Assim, o Museu é um espaço de preservação da memória cultural de um povo.

Segundo Abreu, Chagas e Santos (2007)

Os museus lidam com memórias coletivas, ou seja, com representações consolidadas coletivamente. Eles podem ser compreendidos como instituições que têm sido cruciais na formação das identidades nacionais. A relação da identidade com o passado ou com a memória desse passado é complexa. Indivíduos constroem suas identidades mediante o uso da memória, e esta é indissociável, por exemplo, da linguagem, que é uma construção social que antecede a existência desses indivíduos. As memórias coletivas são uma forma de linguagem, são construções coletivas que antecedem os indivíduos. (ABREU, CHAGAS E SANTOS, 2007 p.12)

Contextualizando esse pensamento, podemos ver que a memória pode ser recordações que aconteceram coletivamente. Além disso, dados e acontecimentos que foram importantes para essas pessoas podem ser recordados. Pensando nisso, a memória coletiva faz parte de um legado de uma comunidade, pois geralmente as pessoas possuem lembranças muito parecidas. É perceptível ver que as narrativas que escutei sobre o Museu Kanindé perpassa pela trajetória de vidas das pessoas que contribuíram para esta pesquisa, seja ela através das atividades da escola ou pelas formações que são desenvolvidas no espaço do Museu.

Portanto iniciamos com a menção de que o Museu Kanindé, foi fundado no ano de 1995 na aldeia Fernandes por iniciativa do Cacique José Maria Pereira dos Santos, conhecido por nós como Sotero. Segundo a fala dos professores indígenas Kanindé entrevistados para esta pesquisa, o Museu é um espaço de memória que retrata a história do povo Kanindé, através dos objetos que estão em seu acervo, pois cada objeto ali presente conta um pouco do modo de sobrevivência, as práticas culturais e os costumes desse povo. É importante também destacar que escrita desta dissertação tem o intuito de mostrar por que o Museu Kanindé é um **Museu**

**Vivo**<sup>1</sup>. Quando me refiro ao Museu dessa forma, quero dizer que se trata de um espaço que dialoga com a comunidade, tem uma ligação com a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, e se comunica com nossos *guardiões da memória*<sup>2</sup>. Portanto, é um espaço central, onde a memória se constrói e que interage com tudo, com todos e todas à sua volta.

A memória, neste sentido, é fundamental junto a escrita da história. Os museus, por sua vez, constituem-se elementos de afirmação desta etnicidade e locus educativo por excelência, por serem espaços formativos para as diversas gerações. Lugar que potencializa a memória enquanto estratégia de luta e enfrentamento, os museus indígenas afirmam o que muitos querem negar: a existência de índios no Ceará, que nunca foi interrompida. Etnicidade que ressurgiu com força, em contextos de conflitos e na luta por direitos básicos de sobrevivência (PALITOT, p. 387-388. 2009).

Portanto, com base nesse pensamento expresso na citação acima busco mostrar para as pessoas que o Museu Kanindé vai muito além de um espaço físico e da guarda de objetos, mas deixar claro que o Museu é um espaço de transmissão de conhecimento e que vive em movimento dentro da comunidade, fazendo parte de nossas vivências e refletindo sobre a nossa identidade. Além disso, a partir dessa pesquisa podemos dizer que o Museu Kanindé veio para fortificar a nossa luta enquanto indígenas e levar ensinamentos para novas gerações, pois o Museu é um importante espaço de preservação da memória cultural de um povo, pois possui evidências reais da nossa história. Ao longo dessa leitura, será possível observar elementos importantes que fazem parte do processo de construção do Museu, como por exemplo as formações que foram realizadas nesse espaço, a relação do Museu com a Escola e as atividades que são desenvolvidas pelos professores nesse espaço.

O desenvolvimento desta pesquisa teve como estratégia metodológica a pesquisa de campo na qual tive como interlocutores lideranças, *guardiões da memória* e professores indígenas. De início, para situar como aconteceu todo processo de pesquisa, partimos de elementos importantes das práticas que foram utilizadas para o desenvolvimento dessa escrita e principalmente as pessoas que colaboraram com todo esse desenvolvimento. Além disso, também traz uma escrita muito importante sobre o lugar de fala da pesquisadora, pois precisamos conhecer as potencialidades de uma mulher indígena, mãe, professora e agora

---

<sup>1</sup> Para a grafia desta dissertação, usaremos o itálico para termos em uso pela comunidade e tradicionalmente conhecidos por todos os Kanindé, o negrito para categorias que estão sendo propostas e as aspas para marcar questionamento quanto ao significado de uma palavra bem como para citações, como é usual.

<sup>2</sup> Desde que iniciei a minha trajetória aldeia juntamente com o meu povo, sempre escutei das pessoas que convivo que os *guardiões da memória* são as pessoas mais velhas da aldeia, ou *troncos velhos*, que tem uma trajetória de luta e resistência juntamente com o seu povo. Além disso, os *guardiões* exercem um papel fundamental na formação da identidade étnica das crianças e jovens indígenas na aldeia. Os *guardiões* estão sempre envolvidos na luta pelo território, no desenvolvimento da educação escolar indígena, na luta por uma saúde de qualidade para seu povo.

pesquisadora e saber quais foram as motivações que a levaram a desenvolver uma pesquisa com essa temática sobre o Museu Kanindé, ou seja, a importância da pesquisa ter sido realizada por uma *antropóloga originária*<sup>3</sup>. Durante esse caminho que será percorrido nesta dissertação, veremos narrativas importantes sobre os aspectos da história da cultura indígena do povo Kanindé, bem como narrativas sobre o Museu e os processos educacionais que acontecem nesse espaço.

Segundo Santos<sup>4</sup> (Suzenilson Kanindé) (2021)

O museu Kanindé representa mais uma forma do pensar dos Kanindé, renova e guarda a memória através das narrativas dos próprios Kanindé e está relacionado com seus saberes sobre território, coisas e pessoas; sendo uma forma de concretizar o ser indígena Kanindé, transgredido na terra como ponte de fortalecimento para a relação com os mais velhos, conhecido por troncos velhos ou guardiões da memória. (SANTOS, 2021, p 46).

A partir dessa colocação de Santos, pode-se dizer que Museu Kanindé está em movimento, na memória, na narrativa, na escola, na comunidade, nos roçados, na agricultura familiar, na alimentação tradicional do povo Kanindé (objetos de caça) e do artesanato que faz parte da vida das pessoas como fontes de renda. Portanto, a partir desse olhar, podemos dizer que o Museu é um espaço **vivo**, por colaborar na formação de crianças e adolescentes, por estar inserido em todas as discussões que são realizadas pelos nossos *guardiões*, o Museu também tem um papel fundamental na integração de todos que o visita e conhecem sua história e além de tudo é um espaço que inclui todos em seu processo de formação. Ou seja, vamos procurar apresentar um Museu em movimento e que está presente em nossas vivências, sendo um mediador, facilitador e articulador de nossa identidade.

O MK preserva objetos importantes para a nossa memória, que contam um pouco da história do nosso povo, a partir do nosso próprio ponto de vista. Ao apresentar elementos dessa

---

<sup>3</sup> Na minha narrativa, ser uma antropóloga originária é quando o pesquisador pertence ao próprio território e que desenvolvi sua pesquisa nesse mesmo espaço, ou seja, o pesquisador que mora e já tem uma convivência maior nesse território. E segundo, Carvalho e Santos, (2022, p. 6). “Aqueles textos escritos, ilustrados e idealizados pelos próprios indígenas, de dentro de suas vivências, sejam elas nos espaços rurais ou urbanos, e sejam individualmente ou de autoria coletiva, em sua maioria estimulados e iniciados como forma de registro das histórias orais dos avós, avôs, anciões e conhecedores da história local onde vivem os autores dessa literatura”. Portanto a partir desse pensamento, podemos ver que os textos escritos por indígenas em seus próprios territórios, são de extrema importância, pois é uma das formas de preservar e fortalecer ainda mais a nossa identidade e de perpetuar esses saberes para novas gerações.

<sup>4</sup> Santos mencionada nesta dissertação é o professor Suzenilson, indígena pertencente ao povo Kanindé e pesquisador, menciono ele nas minhas citações por que foi um dos primeiros indígenas Kanindé a desenvolver uma pesquisa sobre o Museu Kanindé, então tenho ele como uma das fontes de pesquisa neste trabalho.



organização Kanindé, esta pesquisa propõe suscitar reflexões sobre o lugar de memória da comunidade indígena onde os *troncos velhos*<sup>5</sup> narram as suas histórias para as novas gerações.

A investigação se baseia nas narrativas destes *guardiões da memória* e dialoga com as contribuições do campo da antropologia, história e da educação. De um modo geral, os resultados aqui apresentados contribuem também para o fortalecimento da identidade cultural, por meio das experiências trazidas pelo povo Kanindé.

Esta dissertação, além desta introdução está dividida em quatro capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo “Entre saberes, práticas e conhecimento: a construção da pesquisa”, apresentamos os passos que nos levaram a esta escrita a partir do meu lugar enquanto antropóloga *originária*, do meu lugar de fala, apresentando minhas escolhas teóricas-metodológicas.

No segundo capítulo “História e cultura indígena do povo Kanindé”, temos como objetivo investigar as origens do povo Kanindé e como este povo tem resistido para preservar sua identidade, memória e patrimônio histórico-cultural nos últimos 25 anos.

No terceiro capítulo, apresentamos as narrativas sobre o Museu Kanindé, localizado no sítio Fernandes em Aratuba, Ceará. Desse modo, realizamos entrevistas com *guardiões da memória* da aldeia Kanindé, construindo uma relação entre passado, presente e preservação da memória coletiva.

Por fim, no quarto capítulo, “Educação e Museu”, tendo como objetivo investigar a relação entre Museu e Escola. Analisamos o Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, os projetos e ações culturais desenvolvidas. No mesmo contexto, apresentamos o acervo presente no museu Kanindé.

Assim finalizamos apresentação dessa pesquisa, descrevendo o quanto o museu Kanindé é um espaço importante para comunidade e que nele podemos fortalecer cada vez mais a nossa identidade, através dos objetos presentes no museu e das narrativas que estão na memória das pessoas mais velhas da aldeia, pois é possível perceber esse movimento que o museu faz dentro do território do povo Kanindé.

---

<sup>5</sup> Esse tipo linguagem é muita utilizada pelo povo Kanindé ao se referir as pessoas mais velha da aldeia, além disso, para nós é uma forma carinhosa ao se referir as pessoas que iniciaram a trajetória de reconhecimento do povo Kanindé, e que carrega em suas memórias os saberes de nossa ancestralidade.

## II- ENTRE SABERES, PRÁTICAS E CONHECIMENTO: A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.

Nesse capítulo, apresento a trajetória desenvolvida ao longo dessa pesquisa. Desse modo compartilho minha experiência enquanto mulher indígena, professora interseccionada com marcadores de opressão que me afetam como racismo, território e etnia. Assim, construo um caminho do meu lugar de fala enquanto antropóloga e originária, considerando a importância de romper com as estruturas de colonialidade de saber e poder (QUIJANO, 2009) que impuseram aos povos indígenas a subalternidade. Para esse autor, a colonialidade opera como um sistema de classificação dos povos colonizados tendo como base os padrões de poder e saber eurocêntricos (2009, p.73). Dessa maneira, os povos indígenas ao longo dos últimos 500 anos têm sofrido os efeitos da modernidade e colonialidade.

Mesmo o museu sendo um espaço colonial em suas origens (MIGNOLO, 2008), aqui nos propomos refletir sobre a construção do Museu Kanindé por um “nativo”, pelo próprio “outro”, considerando a atuação do cacique Sotero. Os museus coloniais com artefatos indígenas foram construídos no Brasil sobre a base da exploração racial. Desse modo, os efeitos da colonização e da colonialidade sobre as produções e saberes acadêmicos dificultaram a preservação de suas Histórias e memórias. Assim, a colonialidade do saber e do poder age eliminando as possibilidades dos povos indígenas serem protagonistas e produzirem seus próprios espaços de memórias, como ocorre com os museus. Assim, decolonizar saberes é uma opção decolonial epistêmica, “ou seja, ela [essa opção] se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento” (MIGNOLO, 2008, p. 290). Ramon Grosfoguel (2016) vai apresentar a conquista da América pelos europeus como um genocídio epistêmico contra os povos indígenas. Segundo Grosfoguel (2016) os quatro genocídios/epistêmicos estabelecido pela sociedade ocidental são:

1. Contra os muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus em nome da “pureza de sangue.
2. Contra os povos indígenas do continente americano, primeiro, e, depois, contra os aborígenes na Ásia.
3. Contra africanos aprisionados em seu território e, posteriormente, escravizados no continente americano; e
4. Contra as mulheres que praticavam e transmitiam o conhecimento indo-europeu na Europa, que foram queimadas vivas sob a acusação de serem bruxas. (2016, p. 31)

O discurso colonial moderno criou a categoria “índio” e inventou uma identidade com base no entendimento europeu. O racismo epistêmico implicou na destruição dos nossos saberes ancestrais e nos colocou em um lugar de subalternidade. O genocídio em larga Escola do meu

povo, somado ao racismo religioso epistêmico dos nossos saberes impactou a nossa existência durante toda a colonização e colonialidade. Nunca paramos de lutar; estamos hoje rompendo barreiras históricas construídas. Estamos emergindo e construindo saberes nas universidades.

O controle da colonialidade do saber é prova viva da dominação do homem branco sobre o controle dos conhecimentos do que eles chamaram de “nativos”. Subjugaram nossas experiências, tradições e conhecimentos. Construíram estruturalmente universidades ao longo desses séculos que seriam quase impossíveis para um indígena acessar ou permanecer nesse espaço institucional. Quem diria que uma mulher indígena estaria aqui escrevendo sobre seu próprio povo como um ato de subverter a lógica da colonialidade do poder e do saber?

Construir uma narrativa de dentro da Universidade para meu povo e, ao mesmo tempo, do meu povo para a Universidade é uma lógica de desmistificar o processo de dominação que criou o poder do saber ocidental sobre nossas vidas e modos de ser, viver, pensar e agir. Indo para além do que nos foi ofertado, dado, tirado, roubado, aqui rompo com uma análise de pensamento unilateral. Compartilho do pensamento de Boaventura (2007) quando resgata a importância do diálogo entre outras formas de saberes, a “ecologia dos saberes”. Desse modo, o autor argumenta que não existe epistemologias superior ou inferior, mas formas de produção de conhecimento e saberes diferentes. Segundo Aníbal Quijano, a colonialidade do saber (QUIJANO, 2009) predominou durante anos nos espaços de pesquisas acadêmicas, contudo, nós do movimento indígena temos buscado romper essa lógica, à medida que pensamos em uma educação plural que contemple a diversidade do nosso povo e assegure que esses povos tenham acesso e permanência na Universidade. Romper com os epistemicídios é uma tarefa nossa e minha, como mulher indígena.

## **2.1 Meu lugar de fala.**

Um dia acreditei que não seria possível estar na universidade, que esse caminho não era para uma mulher indígena. A lógica da colonização e colonialidade imposta ao meu povo me atravessou de uma forma que durante muito tempo acreditei que não seria possível ser pesquisadora.

Sou responsável por construir a minha própria história, carregada de diferentes sentimentos: alegrias, descobertas, tristezas, conquistas, desejos, perdas, sentimentos bons e ruins, mas que fizeram parte do passado e também estão no presente.

Enquanto uma mulher indígena, minha infância foi marcada por ensinamentos, mas também com brincadeiras, aventuras, e vivências com amigos, subir em árvores, tempo de aprendizagem, de descobertas, tempo de sorrir. Mesmo com poucas condições financeiras tive uma infância muito gostosa, por isso lembro-me da mesma com muita saudade. Saberes ancestrais de construção de brinquedos, com restos de madeira, latas, tecidos, fluíam na imaginação e na prática.

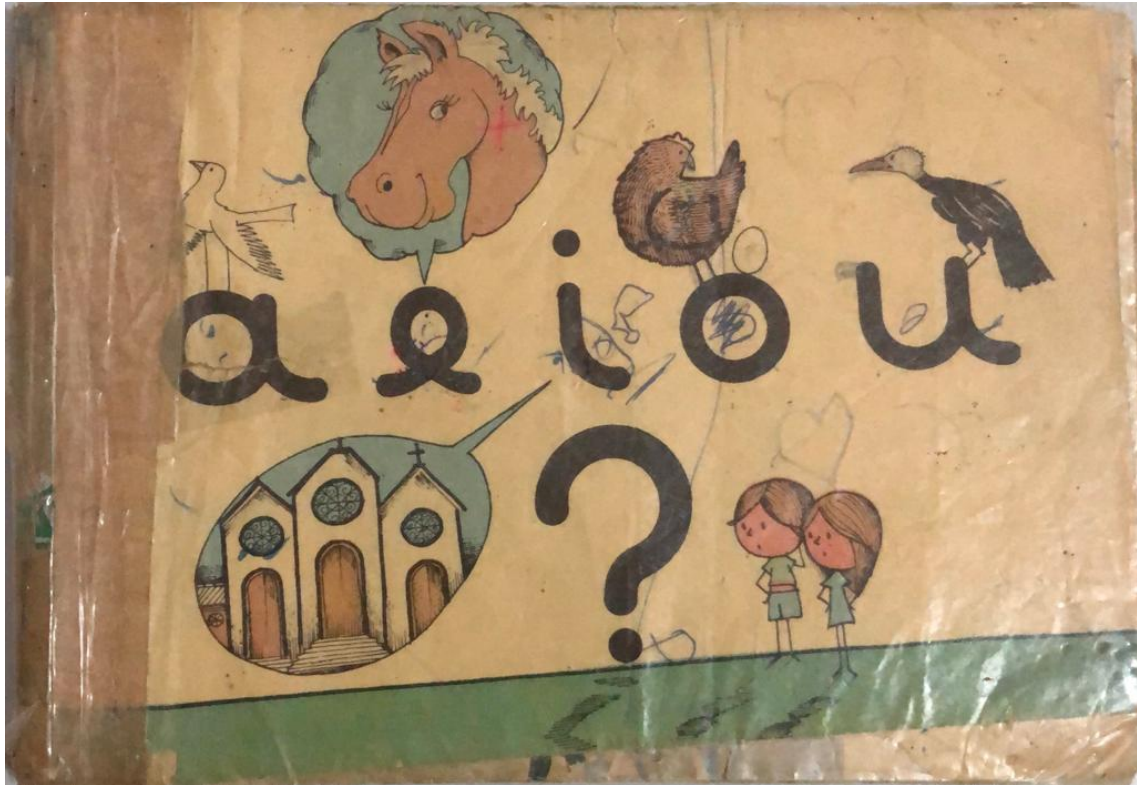
A minha autoidentificação enquanto indígena iniciou em 2009. Antes desse período eu vivia com meus pais no município de Aratuba, portanto vivi toda a minha infância na cidade e não tinha contatos com meu povo, desse modo não vivenciei os costumes e tradições do meu povo Kanindé.

A minha aproximação com meu povo Kanindé deu-se a partir do meu casamento com um indígena Kanindé, o indígena Antonio Nilton Gomes dos Santos que é filho de uma liderança tradicional do povo Kanindé, Cicero Pereira dos Santos. Vim morar na aldeia e passei a ser reconhecida pelo povo Kanindé e me auto identificar enquanto indígena.

Comecei a estudar com três anos de idade na Escola de Educação Infantil Nely de Lima no município de Aratuba. O meu primeiro dia de aula ficou em minha lembrança, pois era muito tímida e insegura, sentia medo do novo, mas minha mãe e minhas irmãs me encorajavam. Recordo-me da primeira professora com carinho, pois era muito amável, me tranquilizava, me incentivava a aprender, lembro-me que tinha muita confiança nela. Hoje entendo como é importante a afetividade na relação professor/a-aluno/a, pois esta influência no processo de aprendizagem. Assim, acredito que o afeto é indispensável no ato de ensinar. Meu pai e minha mãe tinham pouco conhecimento da leitura, mas sempre incentivaram a mim e a meus irmãos desde quando éramos pequenos e faziam de tudo para nos termos uma boa educação.

Minha alfabetização aconteceu dentro dos parâmetros do modelo tradicional. Usávamos uma cartilha da Ana e do Zé. A professora nos mandava fazer várias cópias, algumas no caderno de caligrafia, que eu detestava. E assim copiando textos, famílias silábicas, juntando sílabas, fui alfabetizada. Na verdade, não entendia a leitura e a escrita como uma função social, mas fiquei feliz quando comecei a juntar e ler as primeiras palavras. A “tia” Francisca sempre me elogiava, lembro-me que ficava toda orgulhosa. Com o passar dos dias, comecei a ler tudo o que via pela frente. Por outro lado, o modelo tradicional me afastava dos saberes do povo, não tinha sentido o aprender. Assim, concluí o ensino fundamental anos iniciais e anos finais.

**Figura 1** – Modelo da cartilha da Ana e do Zé - Utilizada no meu processo de alfabetização.



**Fonte:** Arquivo Pessoal da autora (Joselane)

Esse é o modelo da cartilha que foi usada no meu processo de alfabetização e ela também foi utilizada no processo de alfabetização das minhas filhas. É muito importante lembrar desses momentos, pois é a partir dessas memórias que construímos novas histórias e podemos repassar todo esse conhecimento para nossos filhos. Os momentos importantes que acontecem em nossa vida deixam boas marcas que merecem ser lembradas ao longo de nossas vidas.

Ao chegar no Ensino Médio por causa de uma gravidez precoce, tive que abandonar os estudos e passei um tempo sem estudar. Sempre me preocupei com minha formação e sonhava em ser professora, mas nesse período sabia que tudo seria um pouco mais difícil. Mas ainda bem que tive o apoio da minha família e do meu namorado que me ajudaram bastante nesse período. Foi a partir desse período que passei a morar na aldeia Fernandes a partir do ano 2009.

Estudei todo o meu ensino médio na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos que fica localizada na aldeia Fernandes, na época que comecei a estudar na Escola eu tinha 16 anos, na qual leciono hoje como professora. Lá eu tive ótimos professores onde todos me motivaram a realizar o meu grande sonho: o de ser professora. Além disso, tive o apoio da gestão da Escola,

onde todos me proporcionavam os melhores aprendizados. Isso eu escrevo com muito orgulho, pois me sentia segura do que eu queria para minha vida acadêmica e profissional.

Na minha trajetória e vivência enquanto aluna da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos, lembro muito bem que meus professores costumavam nos levar para o museu. Na época realizávamos pesquisas, formações e participava de palestras com os *guardiões da memória* e principalmente com Cacique Sotero. Ele foi a pessoa responsável pelo processo de construção do museu. Durante as aulas e oficinas nos possibilitava vivenciar a história do meu povo e conhecer ainda mais a trajetória de vida dos meus ancestrais.

Ao concluir o Ensino Médio busquei ingressar no mercado de trabalho, participei de uma seletiva do *Programa Mais Educação*<sup>6</sup> na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Nesse programa não era necessário estar cursando o ensino superior. Eu só precisaria ter o ensino médio completo, então essa foi a minha primeira oportunidade de adentrar na educação.

Acredito que minha vida profissional começou a partir desse momento que fui chamada para substituir o rapaz. Então nesse momento que comecei a fazer parte desse programa e a fazer o que eu mais gosto: ensinar.

A entrada na universidade surgiu logo em seguida (2013). Meu sonho sempre foi cursar língua portuguesa, assim que surgiu o primeiro vestibular me inscrevi, fiz e passei (Universidade Estadual Vale do Acaraú). Na época não formou turma para língua portuguesa, o que possibilitou adentrar no curso de pedagogia. Ainda durante a graduação passei a lecionar na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, surgindo assim outras oportunidades para minha vida profissional. Como pedagoga de uma Escola indígena, vejo que a minha formação tem uma grande potencialidade, pois contribui mais ainda para que eu desenvolva um trabalho de qualidade, fortalecendo não só aprendizagem dos nossos estudantes, mas também contribuindo no fortalecimento da nossa identidade, pois ser pedagoga é estar sempre na busca

---

<sup>6</sup> “O Programa Novo Mais Educação, criado pela [Portaria MEC nº 1.144/2016](#) e regido pela [Resolução FNDE nº 17/2017](#), é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola. O Programa tem por finalidade contribuir para a: I - Alfabetização, ampliação do letramento e melhoria do desempenho em língua portuguesa e matemática das crianças e dos adolescentes, por meio de acompanhamento pedagógico específico; II - Redução do abandono, da reprovação, da distorção idade/ano, mediante a implementação de ações pedagógicas para melhoria do rendimento e desempenho escolar; III - melhoria dos resultados de aprendizagem do ensino fundamental, nos anos iniciais e finais – 3º e o 9º ano do ensino fundamental regular. IV - Ampliação do período de permanência dos alunos na escola.” Disponível em: [Programa Novo Mais Educação - Ministério da Educação \(mec.gov.br\)](#), acessado em: 02/03/2023.

de novos saberes. É importante ressaltar que a nossa presença em uma Escola é fundamental para que as práticas pedagógicas, sejam bem construídas e colocadas em práticas.

São esses percursos da minha vida pessoal e profissional que me motivam a ser uma pesquisadora. Ser uma pesquisadora dentro da minha comunidade é a possibilidade de conhecer para além dos limites impostos a uma mulher indígena. Enquanto mulher indígena meu papel não é só o de mãe, dona de casa, cuidadora do marido e professora. Nós mulheres indígenas somos reconhecidas como protetoras e guardiãs dos valores culturais, pois temos responsabilidade de repassar para nossos filhos e para toda a nossa aldeia todos os ensinamentos que adquirimos em nossa trajetória de vida e, principalmente, os que foram aprendidos pelos nossos *guardiões*.

Vejo-me enquanto uma mulher guerreira que costuma enfrentar formas diversas de discriminação histórica, pois enfrentamos grandes obstáculos, como por exemplo, poucas oportunidades no mercado de trabalho, a exclusão por partes de algumas pessoas que não têm o devido respeito pela nossa cultura. Esse cenário de forma lenta vem mudando a partir do momento em que adentramos em territórios que nos foi negado historicamente, como a universidade. A nova Constituição de 1998, considerada a cidadã, contempla o direito à educação escolar específica e diferenciada dos povos indígenas. No entanto, ações que de fato propiciem o ingresso e permanência de estudantes indígenas no ensino superior são mais recentes. Instituídas desde o início da década de 1990 por meio de convênios entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) e algumas instituições privadas e comunitárias, desde 2004, por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni), do governo federal, também tem sido importante porta de entrada para instituições de ensino superior privadas (BERGAMASCHI, DOEBBER & BRITO, 2018, p. 39).

Percebo que o quanto aumentou o ingresso de estudantes indígenas nas universidades, mas não devemos esquecer que nós indígenas ainda passamos por grandes desafios dentro dessas instituições, uma delas é o preconceito, intolerância e violências simbólicas por parte de algumas pessoas. Ainda somos vítimas de “piadinhas” no ambiente acadêmico, expressado na rejeição de nossa identidade, na cristalização de modos anacrônicos de ser indígena, muitas vezes não aceitam o modo como nos vestimos, falamos, ou até mesmo quando usamos nossos adornos. Sem falar nos estereótipos criado sobre nós.

Nós estudantes indígenas que moramos longe dessas instituições, também enfrentamos desafios diários como por exemplo: o deslocamento das aldeias de origem até a universidade,

dificuldade financeira para custear alimentação e o aluguel de um lugar para morar e entre outros. Falo isso por que sou uma estudante indígena e tive que fazer de tudo para me deslocar até a cidade de Redenção.

Durante toda minha graduação, muitos desafios se apresentaram nesse percurso. A mesma não contemplava um currículo diversificado ou que interligasse com a minha realidade. Não existia tinha nenhuma disciplina que falasse sobre os povos indígenas, povos tradicionais ou originários. Outra realidade das universidades que nos atinge é a ausência ou a pouca presença de professores/as que seja formado na área indígena e que conheça a realidade dos povos indígenas. Assim, somos muitas vezes chamados a subverter essa lógica colonial e ocidental. A universidade ainda é um ambiente opressor para nossas existências.

Por outro lado, durante o curso de Mestrado em Antropologia fui contemplada pela pluralidade na disciplina que falarei dela mais adiante. A leitura de textos com teorias próximas à realidade do meu povo, contextualizava nossas experiências de forma peculiar. Exemplo disso foi a disciplina “Povos tradicionais, Territórios e Estados-nacionais”, ministrada pela professora Susana Abrantes e a professora Isabelle Braz. Durante a disciplina as reflexões em torno do processo de reconhecimento étnico dos povos indígenas foram construídas através de muitas superações e resistências, principalmente quando a afirmação étnica do povo se desenrolou na luta pela demarcação da terra.

Também compreendi de forma mais ampla o movimento indígena no Ceará dentro de um movimento mais amplo, do nordeste brasileiro, que se caracterizava na luta pela afirmação de sua identidade étnica e pela demarcação de seus territórios tradicionais. Além disso, nessa disciplina foi possível compreender que antropologia tem relação com o ser biológico, social e cultural, além de dialogar com o conhecimento etnográfico a respeito de várias sociedades e culturas.

Quando falo que sou uma mulher guerreira, por que sou protagonista da minha própria história de luta e resistência, pois além de ser mãe e professora participo ativamente das atividades desenvolvidas dentro do território indígena do povo Kanindé e também fora do nosso território, como por exemplo, assembleias gerais em defesa da terra, seminários, reuniões, retomadas, encontros culturais e entre outras atividades que fortalecem o movimento indígena enquanto unidade e pertencente a um povo, e a confederação de povos indígenas.



Vejo que enquanto mãe indígena, tenho a missão de manter a família, educar minhas filhas e passar a tradição do meu povo para elas, além disso, eu tenho o papel de manter viva nossa cultura e identidade. O trabalho que desempenho dentro da aldeia, tanto como professora e membra da associação indígena Kanindé tem ajudado para mostrar que a mulher indígena Kanindé tem grandes contribuições para o desenvolvimento da aldeia, e pode ser tudo que ela quiser ser.

Hoje enquanto professora indígena tento repassar tudo aquilo que aprendi com meus professores, principalmente desenvolver atividades junto com meus alunos a partir da história do Museu Kanindé, fazendo com que as crianças também vivenciem toda história do seu povo a partir das memórias individuais e coletivas que se tem no museu. Esse é um dos momentos mais importantes que realizo enquanto professora, e por esse motivo escolho como um dos meus objetivos nesta pesquisa apresentar a história do museu. Desse modo, através da prática educacional busco repensar as trajetórias de nossos ancestrais. Para isso, os nossos *guardiões da memória*, através da tradição oral, constroem e ressignificam nossas existências, com novos significados e saberes da nossa cultura.

Eu também faço parte do movimento indígena, enquanto um movimento étnico e político. Minha participação como indígena no movimento tem sido de forma ativa, porque continuo lutando pelos direitos do meu povo. Desde 2009 acompanho essa caminhada junto com minha família. Mas, hoje em 2023 já são treze anos que participo ativamente do movimento indígena, participando de tudo que é relevante para os povos indígenas. Já participei de Assembleia Indígena do Estado do Ceará, que é uma das formas de levar as demandas de meu povo e discutir com as parentes melhorias na área da educação, saúde e o principal a luta pela demarcação de nossas terras.

Ao perceber a possibilidade de adentar no Mestrado em Antropologia assim como outros irmãos indígenas do povo Kanindé da minha aldeia ingressaram, me motivou a pesquisar o processo de construção do Museu Kanindé e sua importância para a preservação da memória e história do meu povo. Assim, posso fortalecer a luta do meu povo dentro do movimento indígena, na educação, na universidade e no meu território, ou seja, sinto que há uma ampliação do escopo de minha participação no contexto em que o meu povo está inserido.

Romper com as fronteiras e ingressar no mestrado é uma realização pessoal, profissional e coletiva do meu povo, pois a universidade é uma grande fonte de saber, mas aos mesmo tempo podemos dizer que esse saber pode ser produtor de violência contra sociedade que possuem

outras tradições. Contudo, posso construir saberes coletivos dentro da universidade. Tenho duas motivações importantes para adentrar ao mestrado de Antropologia, primeiro a minha família que sempre esteve ao meu lado e segundo ao meu povo, pois a partir do momento que me aprofundar na pesquisa irei estar contribuindo no campo social de meu povo. Portanto esse trabalho é fruto de uma experiência de vida educacional, cultural, profissional e de uma memória incorporada ao cotidiano do povo Kanindé e das tradições orais que são lembradas pelos *guardiões da memória*. E aqui, as intersecções e os desafios de ser uma mulher indígena pesquisadora professora e mãe me acompanharam ao longo do trabalho.

## **2.2 Motivações para a escolha do tema de pesquisa.**

Nessa dissertação propomos investigar o Museu Indígena Kanindé como espaço de discussão em torno da identidade étnica (BARTH, 1969) e da memória (POLLACK, 1989) do povo indígena. O fortalecimento da identidade indígena como projeto político de resistência e protagonismo dos indígenas na história, na luta pela demarcação dos nossos territórios e pelo reconhecimento de nossa identidade étnica se faz necessário.

Traçar uma relação entre o povo Kanindé nos leva a um caminho de discussão entre aquilo que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, como diz Michael Pollack (1989) em “Memória, esquecimento e silêncio”. A memória é um recorte das lembranças individuais e coletivas de um povo. Segundo Pollack, a memória é um campo de disputa, desse modo, até aqui (hoje), as memórias contadas sobre os povos indígenas não foram produzidas por nós.

Aqui uma mulher indígena subalternizada vai falar, considerando a proposta de Spivak (2010). A minha escrita é resistência do meu povo. Resistência como um campo de estratégias e saberes oriundos do meu povo. E a partir da nossa autoafirmação e da nossa identidade étnica construída secularmente e reconstruída em nossas experiência e vivências diárias. Assim, resistimos ao sistema de colonialidade que nos expõe uma herança de subalternidade que inferioriza as vivências e saberes indígenas. É dentro da aldeia que iniciamos esse processo de fortalecimento da nossa identidade étnica e da nossa memória coletiva.

Esta dissertação tem em conta uma pergunta norteadora: qual a relevância do museu indígena Kanindé para a preservação da identidade e da memória do povo Kanindé?

Por meio dela, procuro apresentar o processo de criação do Museu Kanindé e a sua contribuição para o ensino do povo Kanindé, compondo no processo os significados em torno da memória e da identidade étnica desse povo construídos a partir de um discurso local entre

os anos de 1995 a 2022. O Museu Kanindé foi criado a partir da ação de diferentes atores, e iniciado com o Cacique Sotero.

### **2.3 Quando a Antropóloga é originária**

Desde que iniciei a minha caminhada no curso de pós-graduação em Antropologia, percebi que o curso me atravessava, por eu ser uma pesquisadora que desenvolve a pesquisa no meu próprio território e que estuda história e memória. Outros pesquisadores já pesquisaram sobre nós, contudo, aqui eu escrevo conosco, o povo Kanindé. Eu sou a primeira mulher indígena Kanindé que desenvolve uma pesquisa na aldeia.

Ser antropóloga e originária ao mesmo tempo me coloca em um lugar de muitas reflexões como essa pesquisa me atinge. E assim, busco subsídios com as teorias antropológicas para ampliar meus horizontes com relação a esta pesquisa, que se desenvolve no meu próprio território indígena. Quando a antropóloga é originária, como é usual dizer, ela tem como objetivo fortalecer a identidade de um povo, portanto aqui teremos fortes contribuições para o fortalecimento da identidade cultural do povo Kanindé.

No entanto, o museu deve ter uma função, que reflita as necessidades da comunidade da qual esse objeto (peças do museu) faz parte, pois “o caráter social de uma ação museológica deve estar direcionado para a intervenção social que busca a transformação do meio” (FIGURELLI, 2012, p. 46). Acredito que esta escrita parte da minha experiência vivida cotidianamente dentro da aldeia, pois descrever e analisar o processo do Museu Indígena Kanindé – considerando importante para a preservação de saberes tradicionais, de patrimônio histórico-cultural e da memória do povo Kanindé – revela a dinamicidade da cultura e da organização social que a cada dia produz mais interação do povo com sua própria história.

Quando a pesquisadora é do próprio território, quando a pesquisadora também é originária, deve-se pensar nas contribuições na produção epistemológica para além da universidade. Este é um ponto crucial: o conhecimento se amplia também para dentro da comunidade pesquisada. Assim, se mantém o diálogo dentro do território tradicional.

Quando desenvolvemos uma pesquisa de cunho antropológico e histórico, os saberes tradicionais e costumes locais precisam ser respeitados, para que a comunidade se sinta acolhida pelo pesquisador. Nessa pesquisa, eu, mulher indígena, sou a antropóloga e originária. A minha relação com meu povo, me possibilita um diálogo aberto, buscando ampliar as nossas vozes

para a preservação da memória do nosso povo através do museu indígena Kanindé e na preservação das nossas tradições em nosso território.

Esta pesquisa irá contribuir historicamente com as conquistas do povo Kanindé, pois quando a antropóloga é originária, há uma construção das identidades e das relações coletivas do povo da própria aldeia. Desse modo, é possível construir novas formas de construção de epistemologias da comunidade para a comunidade.

Tendo como base a cultura do povo Kanindé, como um conjunto de hábitos, costumes, valores e tradição do meu povo, é possível pensar a pesquisa de cunho antropológico como uma ferramenta capaz de discutir os conhecimentos dentro da própria universidade. Portanto, espera-se que se descolonizem saberes e práticas epistêmicas que invalidam nossa história e trajetórias.

Meu professor de ensino Médio, Suzenilson, conseguiu através de metodologias ativas integrar a Escola Indígena Manoel com o Museu Indígena Kanindé. Foi com essa integração de saberes e conhecimentos entre história, Museu, Escola e povo Kanindé que, durante suas aulas, ele sempre demonstrou a importância do Museu Kanindé para nossa aldeia. Foi da relação entre saberes educacionais e saberes tradicionais que me passou a despertar para estudar a construção da história do Museu Kanindé e da relação que se estabelece com a Escola indígena local, porque são nesses dois espaços que também aprendemos a preservação da cultura e da nossa identidade. Desse modo, é a partir da história enquanto componente curricular do ensino que conseguimos estabelecer o elo entre Memória, Museu e Cultura do meu povo.

Como o Museu faz essa conexão com Escola, aprendemos a nossa cultura a partir das histórias que o Museu carrega em sua memória. Por exemplo: aprendemos sobre a caça que é o alimento tradicional do povo Kanindé; aprendemos sobre o artesanato que ainda é produzido na aldeia; aprendemos sobre as lendas que são contadas pelos *guardiões da memória* e aprendemos sobre os objetos que eram manuseados por nossos ancestrais na aldeia.

#### **2.4 Decisões teórica-metodológicas**

A decisão teórica-metodológica da escrita da dissertação perpassou caminhos e desafios, caminhos esses que me possibilitaram concretizar esta escrita. Esta pesquisa parte das minhas vivências com as pessoas na aldeia, das conversas paralelas que tive durante toda minha trajetória, o que permitiu traçar objetivos e métodos possíveis de serem realizados dentro dessa realidade apresentada.

Assim, esse trabalho é vivenciado dentro da aldeia Sítio Fernandes, município de Aratuba, Maciço de Baturité no Estado do Ceará. Contemplaremos o processo de criação do Museu Indígena e de sua relevância para a preservação da identidade do povo Kanindé. Por outro lado, as minhas vivências na aldeia me permitiram, e ainda me permitem, entender quem somos enquanto povo e identidade étnica, como a nossa cultura é ancestral e que formas de resistências esfalecemos todos os dias para preservar nossa identidade étnica, memória e história.

Para o entendimento do Museu enquanto um lugar de memória coletiva buscamos em Michael Pollack (1989) e Jacques Le Goff (1990) a memória como um conceito estruturante para essa pesquisa. A memória coletiva nos proporciona conhecer e pensar sobre o presente, conectando com o passado. A memória são lembranças de um passado que não volta, e sim, será interpretada e analisada pelo pesquisador.

O conceito de memória é compreendido como lembranças, ou seja, informações, histórias, ou acontecimentos que foram vividos por alguém. A memória também pode ser compreendida como algo que aconteceu no coletivo ou no individual. Desde que iniciei o processo de pesquisa sobre o Museu Kanindé e a Escola indígena, percebi que o conceito de memória parte de acontecimentos vividos por alguém de coisa que aconteceram anos atrás e que marcou a trajetória de várias pessoas, ou seja, pessoas que estavam envolvidas nesse processo de construção de Escola e Museu.

Em Michael Pollak (1989), é possível compreender que a memória é constituída por pessoas e nesse contexto encontramos personagens reais no decorrer da vida, e esses personagens de alguma forma presenciaram, vivenciaram ou construíram algo muito importante durante sua vida. Mas vale ressaltar que também existem os lugares de memória, lugares ligados diretamente a lembranças de alguém, a lembranças de objetos, uma lembrança pessoal, uma breve lembrança da infância, independente da data.

São por essas razões que destaco a memória do Museu Kanindé e sua relação com a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, pois são dois espaços que foram construídos ao longo dos anos por pessoas que estão diretamente envolvidas com a trajetória de luta do povo Kanindé e que guardam consigo lembranças importantes sobre esses espaços. Com base nesses argumentos, e segundo Pollak (1987, p. 200-212), a memória também pode ser entendida como fenômeno coletivo e social. O autor ainda destaca elementos importantes que são constituídos da memória, individual ou coletiva, em primeiro lugar, estão os acontecimentos vividos

pessoalmente, em segundo lugar, são acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos por grupos ou pela coletividade a qual a pessoa pertence.

Levando tudo isso para foco da minha pesquisa, desde que iniciei esse processo de escrita sobre o Museu e Escola vejo que muitas pessoas importantes fizeram parte dessa construção, pois cada pessoa que contribuiu com o desenvolvimento dessa pesquisa, tem uma memória significativa sobre como aconteceu o processo de criação desses dois espaços e de como foi a luta do povo Kanindé para se ter essa conquista.

Realizamos entrevistas com nossos e nossas interlocutoras buscando evidenciar a construção do Museu Kanindé e a relação desse espaço para a construção da identidade étnica e da preservação da memória do meu povo. Nesse contexto, buscou-se estabelecer um encontro de discussão sobre os nossos *Guardiões da memória* e qual a importância de saberes ancestrais e novos sujeitos e sujeitas indígenas como *guardiões* dessa memória local.

Para construção dessa pesquisa tive a contribuição de pessoas que a comunidade considera de extrema importância tanto para o desenvolvimento da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e também para o Museu Kanindé. As entrevistas aconteceram aleatoriamente algumas entre os meses de julho, agosto e setembro de 2021, outras em janeiro de 2022. Entre nossos interlocutores estão José Maria Pereira dos Santos, Cicero Pereira dos Santos, Francisco de Paula Pereira Lopes, Terezinha Gomes dos Santos Jales, Maria Ivonês Bernardo da Silva, Antonio Nilton Gomes dos Santos, Suzenilson Kanindé, Elenilson Gomes dos Santos e Francisco Reginaldo da Silva Santos.

E as metodologias que contribuíram com essa escrita, foram as entrevistas, a convivência no território, as conversas paralelas durante o dia a dia com pessoas e documentos importantes que estão presentes nesses dois espaços.

O processo de entrevistas trouxe grandes contribuições para o desenvolvimento da pesquisa, pois facilitaram na escrita e foi um dos melhores momentos que aconteceu durante a pesquisa de campo, pois as entrevistas possibilitaram uma maior interação entre as pessoas envolvidas e sem falar que foram de suma importância para fortalecer os conhecimentos adquiridos ao longo de minha formação sobre o Museu.

Em se tratando de um trabalho produzido dentro da minha aldeia, gostaria de apresentar as pessoas que foram diretamente entrevistadas para esta pesquisa: Nessa parte conhecer um pouco das pessoas que foram importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa e que

deram grandes contribuições de saberes para a escrita dessa dissertação, sem falar que são pessoas que fazem parte da minha vida e que tenho um convívio diário no território do povo Kanindé.

José Maria Pereira dos Santos, Cacique do povo Kanindé e mestre da cultura cearense reconhecido pelo governo do estado do Ceará através da secretaria de cultura secult/ce e diplomado pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Ele é uma pessoa muito importante para o povo Kanindé, pois sempre esteve envolvido na trajetória de luta pelo povo Kanindé e por ser também o criador do Museu Indígena Kanindé. A entrevista com o Cacique Sotero aconteceu no espaço da Oca que fica ao lado do museu no dia 17 de julho de 2021. Nesse dia eu estava acompanhada da minha filha mais velha de 13 anos e ela me ajudou nessa entrevista, principalmente na utilização do equipamento de gravação. Mas as conversas com o cacique Sotero não pararam por aí, sempre que eu o via na Escola ou no Museu, a gente conversava sobre a minha pesquisa e foi dessa forma que foi surgindo essa narrativa sobre o museu Kanindé que apresento neste estudo.

Cícero Pereira dos Santos, liderança tradicional do povo Kanindé e guardião da memória. Cícero nasceu e se criou na aldeia Fernandes e é irmão biológico de José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero), tem uma trajetória de luta pelo seu povo e pelo desenvolvimento da aldeia, sempre esteve presente na luta pela uma educação de qualidade para seu povo, saúde e na luta pela demarcação do território indígena Kanindé. A entrevista com o senhor Cícero foi realizada em sua própria casa, no dia 28 de fevereiro de 2022, nesse momento o mesmo estava no terreiro de sua casa fazendo maraca (instrumento musical utilizado no ritual do toré), então aproveitei esse momento para conversarmos e também observá-lo fazendo maracas.

Francisco de Paula Pereira Lopes, indígena Kanindé, liderança jovem, professor da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, bombeiro civil voluntário, mora na aldeia Balança, município de Aratuba. Dentro do movimento indígena é conhecido como Paulo Kanindé, pertencente a Etnia kanindé de Aratuba, e é descendente da Família Pereira Lopes na qual representa a família Santos. A entrevista com o professor Paulo foi realizada no dia 25 de janeiro de 2022, aproveitei esse período de janeiro por que é o mês em que os alunos estão de férias, então como esse professor estava na Escola e não estava em sala de aula, aproveitei para conversarmos sobre a minha pesquisa. A entrevista aconteceu em formato presencial.

Terezinha Gomes dos Santos Jales, tem 34 anos, 5 irmãos, é filha de Cícero Pereira e de dona Zenilma Gomes. Os dois são agricultores. Ela é casada há 8 anos e tem um filho. Hoje é professora da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, leciona na turma Fundamental I e II, ela visa uma educação de qualidade para seus alunos onde ela acredita que eles serão o futuro da aldeia. Ela faz parte também do conselho local de saúde e do movimento de mulheres indígenas do Ceará. No entanto visa uma educação de qualidade para seu povo, não só a educação, mas também a saúde. A entrevista com a professora Terezinha foi realizada no dia 10 de setembro de 2021. Para realização dessa entrevista utilizei o formulário<sup>7</sup>, pois a professora se sentiu mais confortável com esse formato de entrevista. Mas como fazemos parte do mesmo grupo de professores quase todo dia converso com ela a respeito do desenvolvimento da minha pesquisa e ela sempre dá sua contribuição.

Maria Ivonês Bernardo da Silva, tem 38 anos, mora na aldeia Fernandes desde que nasceu, é professora da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, leciona na turma de 3º do ensino Fundamental I com as disciplinas português, matemática, história, geografia e ciências e no ensino Médio com a disciplina de história. Graduada em história, pós-graduada em pedagogia e psicopedagogia. É importante mencionar que Ivonês foi umas das minhas professoras durante a minha passagem pelo ensino médio. Ela contribuiu muito com o meu processo educacional e hoje sou muito grata a ela por ter compartilhado seus saberes e contribuído com essa dissertação. A entrevista com a professora Ivonês foi realizada o dia no dia 26 de julho de 2022. Para realização dessa entrevista foi utilizado o formulário do Google.

Antonio Nilton Gomes dos Santos, tem 33 anos, mora na aldeia Fernandes desde que nasceu, filho de Maria Zenilma e Cícero Pereira, é coordenador da Escola Indígena Manoel Francisco do Santos, é formado na licenciatura intercultural indígena, pós-graduado em gestão e matemática, e mestre em Humanidades. O professor Nilton foi responsável pela formação da segunda geração do núcleo educativo do Museu. A entrevista com Antonio Nilton foi realizada no dia 12 de setembro de 2021. Essa entrevista foi realizada em formato presencial.

---

<sup>7</sup> Formulário é uma ferramenta criada pelo Google que facilita ao usuário criar formulários online, nele podemos produzir fazer questões de múltipla escolha, questões discursivas solicitar avaliações e entre outras opções. Vale lembrar que foi uma das ferramentas também utilizada durante a pandemia pelos os profissionais da educação, pois é uma ferramenta ideal para realização de atividades e para obter respostas rápidas.



Suzenilson Kanindé, militante do movimento social indígena, filho de Tereza Soares, exímia artesã do povo Kanindé conhecida por suas artes em plumarias e sementes que ratificam as ciências artesanais locais do nosso povo e de José Maria Pereira - o cacique Sotero, conforme já apresentado anteriormente. Suzenilson reside na aldeia Sitio Fernandes, Município de Aratuba, Região do Maciço de Baturité, até o ano de 2022 foi professor das disciplinas interculturais no ensino fundamental e em História, Filosofia e Sociologia no ensino Médio na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, também atua na Coordenação do Ponto de Cultura & Memória: Museu Indígena Kanindé juntamente com um grupo de jovens alunos monitores do museu indígenas da comunidade onde desenvolvem várias atividades de formação em torno dos processos sócio culturais e educacionais que envolvem os processos de patrimônio e memória em torno da identidade dos Kanindé visando o fortalecimento da culturas e seus aspectos da materialidade e imaterialidade dos significados cosmológicos indígenas próprios. Para além dos processos de formação colaborativa que desenvolve na comunidade, Suzenilson também é membro articulador da Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil, uma organização descentralizada entre nós povos indígenas que desenvolve várias atividades de articulação entre diversos povos indígenas brasileiro que tem espaços museológicos ou desenvolve atividades em torno dos processos de patrimônio e memória. Além disso tem participado nos últimos anos como representante dos povos indígenas cearense no Comitê Gestor de Políticas Culturais Indígenas no Estado do Ceará onde se discute e cria políticas culturais indígenas em torno das culturas dos diversos povos indígenas do Ceará. Hoje é um sonhador de dias melhores para nosso povo. Mestre no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB, buscando mais espaço onde os povos indígenas possam ter representações e garantia também de acesso ao ensino superior coletivamente com vários outros parentes indígenas, inclusive do povo Kanindé e atualmente a doutorando pela UFC. A entrevista com Suzenilson aconteceu no dia 10 de setembro de 2021. Para realização dessa entrevista foi utilizado o formulário do Google.

Elenilson Gomes dos Santos, professor da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, filho de Cícero Pereira dos Santos e Maria Zenilma Gomes dos Santos, liderança jovem do povo Kanindé, militante do movimento indígena. Vale lembrar que ele se iniciou muito novo na educação indígena. Além de professor, também já foi diretor da Escola e já teve grandes contribuições no desenvolvimento da educação indígena do povo Kanindé. A entrevista com professor Elenilson aconteceu na Escola indígena, no dia 25 de janeiro de

2022. O professor Elenilson foi bem acessível, deu uma grande contribuição para o desenvolvimento da minha pesquisa. Essa entrevista foi realizada em formato presencial, na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.

Francisco Reginaldo da Silva Santos, graduado em história e matemática, mestre em Antropologia, professor da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, leciona nas turmas de Fundamental I e II, liderança jovem do povo Kanindé. A entrevista com professor foi realizada no dia 25 de janeiro de 2022 e em formato presencial, na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.

Para obter as informações necessárias dos/as entrevistados/as, principalmente dos/as professores, utilizei as seguintes perguntas:

1. Apresentação inicial do entrevistado – Breve histórico, identidade, idade e posição que o/a entrevistado/a ocupa.
2. O que o museu Kanindé representa para o/a entrevistado/a e para educação indígena de seu povo.
3. A sua visão de educador e seu papel social no museu indígena Kanindé.
4. Como descreve a identidade do povo Kanindé a partir da história do Museu.
5. Qual o envolvimento com o museu Kanindé e quais as atividades desenvolvidas por pelo/a entrevistado/a no museu.

E para obter as informações importantes sobre o Museu foram utilizadas as seguintes perguntas, para alguns entrevistados (Cacique Sotero e Cícero Pereira):

1. Apresentação inicial do entrevistado.
2. Quais iniciativas iniciais do entrevistado para implantação (construção) do Museu Kanindé.
3. Qual foi a primeira peça a compor o acervo do museu.
4. De onde surgiu essa peça.
5. Que simbologia e significado têm a primeira peça do Museu Kanindé.
6. Se o achado da pedra preta tem alguma ligação ao passado.
7. O que ela nos conta sobre os Kanindé.
8. De que forma ela representa a identidade dos Kanindé.

Essas foram as perguntas utilizadas durante as entrevistas para coleta de informações e necessárias para conhecermos ainda mais esses dois espaços que estão localizados no

território do povo Kanindé e que são de suma importância para o desenvolvimento da aldeia, e aqui colocados como centrais nesta dissertação.

Portanto para coleta de mais informações sobre o Museu Kanindé tive acesso também a alguns documentos do museu, como por exemplo, o Livro de Tombo<sup>8</sup>, e as fichas do inventário, que são documentos bastante importantes para o museu, pois neles, podemos encontrar todo o registro do acervo, como por exemplo, as categorias das peças, a quantidade de peças, os tipos de objetos e a descrição de cada peça. Ressaltando que essa documentação foi construída a partir da primeira formação que teve no museu, que foi realizada pelo professor Alexandre Gomes. Também tive acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Manoel Francisco, para obter informações sobre esse espaço. O PPP é um documento muito importante para o desenvolvimento da educação indígena do povo Kanindé, é um documento que foi desenvolvido de forma coletiva dentro da Escola, e a sua finalidade é de orientar os trabalhos desenvolvidos pelos professores em sala de aula, a partir dos objetivos da Escola. Conforme a construção do PPP a Escola tem autonomia de traçar suas metas e de fortalecer sua própria identidade.

Lembro, ainda, que convivo no território do povo Kanindé há 13 anos e sempre vivenciei essas narrativas durante a minha trajetória junto ao povo Kanindé. Portanto essas entrevistas serviram para ampliar o olhar que eu havia recebido na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e principalmente do que aprendi com os *guardiões da memória* e as *lideranças*. Portanto, esta pesquisa expressa uma perspectiva que também contempla uma experiência da pesquisadora, e que inclui memórias individuais e partilhadas coletivamente em vários momentos da minha trajetória pessoal, conforme dito na introdução.

Para Linda Smith (2018), quando os povos indígenas se tornam pesquisadores e não meramente os pesquisados, a atividade de pesquisa é transformada. Indagações são feitas diferentemente, prioridades são classificadas diferentemente, problemas são definidos diferentemente, as pessoas participam sob outros termos (SMITH, 2018, p. 221). Portanto pensando dessa forma, vejo que quando o pesquisador realiza a pesquisa no seu próprio território, a pesquisa ganha uma proporção maior, pois passamos a ter um novo olhar com relação a nossa própria escrita e o cuidado que devemos ter com as pessoas que estão

---

<sup>8</sup> Livro de Tombo ou livro de registro, é utilizado para fazer o registro dos objetos do acervo do Museu, a partir desse livro podemos obter informações a respeito do Museu, como por exemplo, os tipos de objetos existente no Museu, a quantidade de peças. Além disso, ele é o um documento histórico, e um peça importante na elaboração de atividades desenvolvida pelo Museu Kanindé.

envolvidas nesse processo e principalmente o que vamos escrever. Além disso, percebo que as pessoas que participam das entrevistas se sentem mais à vontade para falar quando o pesquisador é um indígena e que faz parte do mesmo território.

Estar em casa, fazer pesquisa dentro da aldeia, é muito importante e bastante significativo, pois de acordo com o pensamento de Linda Smith, “a pesquisa pode fornecer maneiras sistemáticas de compreender nossas próprias dificuldades, de responder as nossas próprias questões e de nos ajudar a resolver com comunidade nossos próprios problemas e a nos desenvolver” (2018, p. 221).

Acredito que esse processo de pesquisa dentro do próprio território faz com que a gente respeite e valorize cada vez mais as narrativas das pessoas mais velhas da aldeia. Com tudo isso, percebemos o quanto é importante essa escrita, por que ela mostra a potencialidade que tem a pesquisa realizada por um indígena em seu próprio território.

Em seguida, tivemos que investigar a relação entre Escola indígena e Museu Kanindé, para isso nos debruçamos sobre arquivos e documentos da escola e do museu.

Durante a trajetória da pesquisa, ao longo do ano de 2021, foi realizado conversas com os *guardiões da memória*, professores, jovens da comunidade e principalmente com o Cacique Sotero que é o idealizador de todo esse conhecimento construído ao longo dos anos sobre o museu Kanindé. Para realização desse trabalho foi montado um questionário afim de nortear as entrevistas que foram realizadas.

No ano de 2022 realizamos uma observação participante, de uma visita guiada entre a Escola e o Museu Kanindé. Vale ressaltar que durante toda a pesquisa a atividade de campo foi um procedimento necessário. A etnografia como a escuta, observação, vivência e experiência se tornou um caminho sólido para documentar e gravar as entrevistas.

Portanto, a pesquisa de campo teve como partida os seguintes aspectos: a escolha do tema da pesquisa e a produção de narrativa. Partindo das minhas experiências enquanto mulher indígena e das vivências no território indígena Kanindé, quando falo das minhas experiências e vivências, estou falando de tudo que aprendi, na Escola e principalmente com as pessoas da minha comunidade, como por exemplo das noites culturais que é realizado na aldeia que nesse momento acontece as contações de histórias pelos mais velhos, dos momentos de aula que acontecia no museu na qual a professora levava nos para pesquisar no museu ou participar de

palestras com os *guardiões da memória*, nesse momento eles falavam de suas experiências e lembranças enquanto criança e das histórias que escutava dos meus ancestrais.

A pesquisa de campo foi um dos momentos mais importantes para construção desse trabalho, pois permitiu que eu tivesse uma interação maior com o meu povo. O trabalho em campo permitiu que eu vivenciasse novamente uma história que já conhecia, mas também proporcionou uma busca maior de informações que foram essenciais para construção desse texto. Vale lembrar que tudo que escrevi nesse trabalho além de ter partido das minhas vivências dentro da aldeia, também partiram das conversas que tivemos com essas duas grandes lideranças do povo Kaninde, “José Maria Pereira dos Santos”<sup>9</sup> e “Cicero Pereira dos Santos”<sup>10</sup>

Segundo Gonsalves (2001):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas” (Gonsalves, 2001, p. 67).

A pesquisa de campo é uma abordagem metodológica de investigação quando o objetivo é explorar, descrever e compreender acontecimentos, ou seja, investigações somadas as pesquisas bibliográficas e documentais, além disso, é onde se realiza coleta de dados junto a pessoa, grupos de pessoas que pode ser realizada com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. Essa abordagem metodológica foi essencial para coleta de dados, pois possibilitou uma maior interação com as pessoas que foram entrevistadas e facilitou na coleta de informações com relação o objetivo da pesquisa.

As entrevistas expressam, segundo Chizzotti (1995, p.90), “as representações subjetivas dos participantes”, possibilitando intervenções do pesquisador em sua realidade ou ações transformadoras mediante questões problemáticas”.

Além de contextualizar a história e tradição do povo Kanindé, por exemplo nos animais de caça que ainda fazem parte da alimentação, o artesanato que ainda é produzido por algumas pessoas na aldeia que fortalecem a nossa memória e identidade étnica de geração em geração.

A pesquisa teve como objeto de estudo, o Museu Indígena Kaninde, localizado no Sítio Fernandes, município Aratuba. O museu Kanindé possui um grande significado para o povo

---

<sup>9</sup> Cacique da aldeia e mestre da cultura indígena no Ceará, mas conhecido como “Sotero”.

<sup>10</sup> Liderança tradicional do povo Kanindé. Presidente da Associação Indígena Kanindé de Aratuba.

Kanindé que podemos destacar como uma *memória em movimento* representada pelas histórias dos objetos, as falas dos mais velhos, as palestras e as visitas. É importante mencionar que quando me refiro que o museu é uma memória em movimento é porque é um espaço que dialoga com a aldeia e principalmente com Escola, por transmitir a sua narrativa para as pessoas e disseminar saberes sobre a nossa identidade. Além disso, essa memória permite guardar experiências, sentimentos e acontecimentos, portanto podemos utilizar dessa memória para recordar, transmitir nossas histórias e fortalecer a nossa identidade. A memória em movimento quer dizer que o museu não está presente só no espaço interno do MK<sup>11</sup>, mas sim nas narrativas dos mais velhos, na oralidade dos professores, nas atividades desenvolvidas pela Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, nas casas das lideranças e nos roçados, pois é nessas casas, nos lugares de trabalho, nos lugares de memória, em toda comunidade e na Escola que buscamos os conhecimentos do museu indígena Kanindé, principalmente na oralidade dos mais velhos

O MK é símbolo vivo da presença de uma cultura indígena que recorre às histórias do passado, do presente e do futuro. Tudo remota a um recomeço muito mais forte a cada dia e que gera vida e sabedoria. O museu é trajetória de luta, resistência e de identidade do povo Kanindé. A memória é reelaborada no processo de interação entre os participantes da aldeia Kanindé a partir da apresentação de objetos e histórias contribuindo para a criação de laços e de modos de organização interna, como sugeriu Frederik Barth (1969). Nesse sentido, essa memória viva é parte integrante de uma socialização e formação da nova geração Kanindé que se constrói na base de uma diferenciação face ao outro, o membro externo à comunidade.

Finalizando esse capítulo, gostaria de destacar o pensamento de Linda Smith (2018). Em seu estudo “O Rumo ao desenvolvimento de metodologias indígenas: a pesquisa Kaupapa maori” (p. 209), refletindo sobre as formas de abordagem que utilizamos em uma pesquisa, aborda a necessidade do respeito dentro da comunidade, desse modo há uma necessidade de manter o diálogo a respeito da pesquisa que será desenvolvida dentro de um território tradicional. Devemos ter um olhar de valorização ao realizar a pesquisa em uma comunidade, sabendo respeitar os conhecimentos tradicionais, os costumes e as tradições.

Aos poucos a pesquisa foi tomando um novo rumo, pois comecei a lembrar de quando ainda era apenas uma menina que costumava ir para Escola e estudar sobre como o meu povo se organiza em torno do Museu e Escola, isso me fortaleceu mais ainda, então dei continuidade

---

<sup>11</sup> MK é uma sigla muito utilizada para se referir a Museu Kanindé, portanto quando estiver essa sigla no corpo do texto, lembre-se que estou me referindo ao Museu Kanindé.

a minha pesquisa, pois percebi o quanto ela era importante não só para meu desenvolvimento acadêmico, mas também para o fortalecimento da identidade do meu povo.

### 3 ASPECTOS DA HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA DO POVO KANINDÉ

Iniciamos esse capítulo apresentado quem somos enquanto povo Kanindé, nossa trajetória e formação de identidade indígena<sup>12</sup>. Temos como objetivo narrar as práticas culturais, alimentares, costumes e tradições que permanecem entre nosso povo. Acredito que seja de grande relevância estar trazendo esse capítulo, pois, a partir dessa escrita passamos a conhecer mais ainda a trajetória de vida do povo Kanindé e de como iniciou o seu percurso até chegarem à aldeia Fernandes.

#### 3.1 Quem somos?

Somos reconhecidos como descendentes dos povos que habitavam o Brasil antes da chegada dos europeus. A presença indígena é fortemente percebida nos costumes e tradições do meu povo, pois preservamos a cultura herdada dos nossos antepassados.

A construção da identidade indígena Kanindé passa por lugares que se constituem da materialidade do povo desde o museu à escola, às matas, aos roçados, às dinâmicas sociais das reuniões, dos seres das matas, das encantarias e das memórias que estejam no presente e que sejam capazes de difundir uma reflexão sobre o tempo passado e o tempo futuro. (SANTOS, 2021, p. 46).

Nós, povo Kanindé, produzimos nosso próprio alimento, as famílias se ajudam e as crianças são criadas a partir da agricultura familiar e são ensinadas desde cedo sobre como é o *desenvolvimento*<sup>13</sup> da aldeia, ou seja, o trabalho na agricultura, atividades domésticas, a rotina de ir para Escola e o aprendizado dos costumes relacionados à caça. Esta agricultura é praticada de forma bem rudimentar, pois utilizam a técnica de *coivara*: derruba-se a mata, em seguida fazem a queimada para limpar o solo para o plantio como explicaremos adiante. Segundo a liderança Cicero Pereira, essa é a maneira que os agricultores utilizam para a preparação do solo que irá receber o plantio dos alimentos que é consumido pela aldeia, como por exemplo, o feijão, a fava e o milho. Portanto, o solo passa por esse processo para que esses alimentos possam ser plantados.

---

<sup>12</sup> Durante a escrita desse texto vocês irão perceber que eu utilizo muito as palavras no coletivo, como por exemplo, as palavras “nós” e “somos”. O motivo dessa linguagem é porque eu faço parte de um povo que preza pela coletividade e também por eu estar sempre aprendendo a nossa história com o meu povo. E também por eu fazer parte da trajetória de luta do povo Kanindé. É importante mencionar que as citações presentes nessa dissertação estão transcritas da forma como foram faladas pelos entrevistados, portanto tentei preservar o modo de como as pessoas mais velhas da aldeia se comunicam.

<sup>13</sup> Esse *desenvolvimento* aqui mencionado está relacionado às atividades desenvolvidas pelo povo Kanindé em seu dia a dia, como por exemplo, o trabalho na agricultura, as atividades domésticas, o cuidado com a família, o cuidado com a natureza e atividades culturais que são desenvolvidas no território Kanindé, como por exemplo, as práticas artesanais, as práticas medicinais do povo Kanindé, rituais sagrados entre outras atividades que são desenvolvidas dentro do território.



Hoje em dia nossos filhos frequentam a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos que é fruto da luta constantes de nossas lideranças, como mencionamos brevemente no capítulo anterior e falaremos mais detalhadamente neste. Na Escola eles têm a oportunidade de vivenciar e aprender a cultura do seu povo. Vivemos da natureza, através de uma mistura de caças e coleta de alimentos. O povo Kanindé cultivam plantas que utilizam como alimentos e medicamentos e também usam a vegetação para fazer objetos do cotidiano, como por exemplo o artesanato de madeira.

A origem histórica da etnia Kanindé remete ao chefe Canindé, principal da tribo dos Janduís, que liderou a resistência de seu povo no século XVII, obrigando o então rei de Portugal a assinar com ele o tratado de paz, firmado em 1692, mas que foi descumprido por parte dos portugueses. Como ocorria com muitos agrupamentos nativos, seus descendentes passaram a ser conhecidos como Kanindé, alusão ao chefe e à ancestralidade<sup>14</sup>.

As primeiras famílias do povo Kanindé chegaram ao Sítio Fernandes vindas da serra da Gameleira, também conhecida como serra do Pindá, em Canindé, por conta de secas, como a de 1877, e invasões de suas terras por posseiros criadores de gado. Traço cultural herdado dos ancestrais, a cultura da caça se materializa na existência de diversas armadilhas, como o *quixó de geringonça*, utilizado no apresamento de animais como *mocó*, *tejo*, *cassaco*, *peba*, *veado*, *nambu*, *seriema e juriti*<sup>15</sup>, sempre respeitando os períodos de gestação dos bichos.

A partir da escrita histórica de João Paulo Vieira Neto (2009), o povo Kanindé fez as viagens saindo de Mombaça por Quixadá, nas margens do rio Curo que fica entre o rio de Quixeramobim e Banabuiú antes de encontrar o sítio Fernandes e a Serra de Baturité. E passaram pela serra de Gameleira no município (Canindé) onde habitavam outros grupos e parentes Kanindé, assumindo a identidade indígena nos anos de 1990 (VIEIRA NETO, 2009, p. 93). Vieira Neto afirma que a partir da “tradição oral, vieram migrando por conta das secas e invasões de suas terras por posseiros criadores de gado, da região do município de Mombaça” (VIEIRA NETO, 2009, p. 93). Segundo nosso interlocutor Cicero,

A gente tem história dos mais velhos, a gente vem acompanhando os mais velhos, a gente que mais novo vamo acompanhando os mais velhos. As primeiras famílias aqui são a família Francisco, essa família Francisco são desde de 1864, essa família são desde de 1800, que veio essas primeiras famílias, ficaram só os Francisco aqui dentro no tinha outra família aqui dentro da aldeia, depois foi que na seca de quinze começou

<sup>14</sup> Blog Escola Kanindé. Disponível em <http://escolakaninde-indio.blogspot.com/p/origem-historica-do-povo-kaninde.html>. Acesso 18 de julho de 2021.

<sup>15</sup> Esses nomes citados ao texto, são espécies de animais que predomina no território do povo Kanindé, além disso, são animais que fazem parte da cultura alimentar desse povo, “juriti”, é uma ave columbiforme da família Columbidae.

a alguém saí, os Francisco saia daqui ir pra outros canto e outras pessoas vim pra serra atrás de agua e alimentação e veio uma família Bernardo que subiu pra serra em 1915, e com aquilo se juntou as duas famílias, família Francisco e a família Bernardo por isso que nos somo misturado por que a minha vó Coralina ela é dar Bernardo e meu avô não cheguei a conhecer quando eu nasci ele já tinha morrido, mas o meu avô ele é da família Francisco, ai ficou as famílias, até na era 30, 32 os casamentos daqui só era familiar, só era primo com primo, aí quando foi na era de 70 pra cá foi que mudou essa parte de pessoas de casar, ou se juntar com família diferente, por isso que hoje nos temo a mistura por que nos se misturemo através da rumação que a gente fazia, a gente saia pros canto, a vez quando chegava trazia ou alguém vinha mais agente ali as famílias ia se encontrando e se misturando né e hoje nos tamo tudo misturado. (Entrevista, Cicero, 2022)<sup>16</sup>

Os nossos anciões relatam que a história dos Kanindé iniciou a 100 anos atrás, quando os irmãos Francisco vieram viver na aldeia Fernandes, eram pessoas sofridas, mas que tinham esperanças de dias melhores. O sofrimento com a seca fez com que o povo Kanindé migrasse indo de um lugar para outro em busca de melhorias para seu povo que já tinha sofrido muito. Até que eles chegaram nos Fernandes e puderam recomeçar. Os irmãos Francisco se separam para poder montar um pequeno lugar que iam morar, então a partir daí iniciou a mudança. Cada um deles levantou seu lugar de moradia, na época ainda não tinha energia elétrica. A luz que eles utilizavam para iluminar suas casas era uma lamparina. Só depois de alguns anos a energia chegou em suas casas, portanto essa foi uma das primeiras conquistas. Os tempos eram difíceis, pois não havia energia ou caminhos para andar, no início as casas eram feitas de taipa, depois de alguns anos começaram a mudar, pois começaram a aparecer tijolos para construir suas casas. Com o tempo as famílias foram aumentando e começaram a se espalhar, o lugar que era pequeno passou a ser uma grande estadia para o povo Kanindé.

Os antepassados dos atuais Kanindés, os Janduís, habitaram primeiramente o sertão, sobretudo as terras compreendidas entre as Capitânicas de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande (do Norte). Porém, após o “Assento das pazes, registrado em 1692, entre o chefe Janduí e o rei de Portugal”, os Janduís, chefiados por Canindé, passaram a circular e a serem vistos também na Capitania de Siará-Grande. Já na primeira metade do século XVIII, “em 1734”, os Kanindés receberam “Sesmaria e, em 1739”, fizeram aliança com o povo Jenipapo. Em seguida, “em 1764”, os Kanindés, então aliados aos Jenipapos, transferiram-se para as terras da Vila de Monte-mor-o-novo-D’América, atual município de Baturité-CE, situado no sopé da serra que dá acesso ao município serrano de Aratuba-CE (GOMES, 2012, p. 77).

Os povos indígenas Kanindé habitam a zona rural do município de Aratuba (aldeia Fernandes e aldeia Balança), Gameleira no estado do Ceará, perfazendo um total de 1.268 indígenas, em aproximadamente 185 famílias, nas três localidades<sup>17</sup>. Possuem a Escola

<sup>16</sup> Entrevista com Cícero Pereira, Liderança tradicional do povo Kanindé, realizada por Joselane Lima da Silva Santos, em 28 de fevereiro de 2022.

<sup>17</sup> Esses dados foram coletados através da “Associação indígena Kanindé” (AIKA) que tem como presidente a liderança Cicero Pereira.

Indígena Manoel Francisco dos Santos (Aldeia Fernandes), onde lecionam 23 professores indígenas e estudam 203 alunos<sup>18</sup>. Na aldeia Fernandes, há também um Centro de Artesanato e uma Casa de Farinha, construídos com recursos de um projeto aprovado junto à Carteira Indígena (linha de financiamento da FUNAI). A assistência na área de saúde atende hoje famílias indígenas nas Aldeias Fernandes, Balança e Gameleira.

A maior parte do nosso povo forma um grupo de parentesco que está concentrado há mais de 130 anos na Aldeia Fernandes, a cinco quilômetros da zona urbana de Aratuba, município localizado à cerca de 140 quilômetros de Fortaleza, na região do maciço de Baturité, caracterizada por um conjunto de serras que se erguem entre o litoral e o sertão-central cearense. A região de Baturité sediou um dos mais antigos aldeamentos jesuíticos no Ceará: Monte-mor-O-Novo-d'América, que foi denominado inicialmente de Aldeia dos Paiacu e, posteriormente, de Freguesia da Villa de Nossa Senhora da Palma de Monte-mór novo. Segundo a antropóloga Isabelle Braz, quando da criação da vila de Monte-Mor-O-Novo-D'América, em março de 1764, mandou-se “unir à vila que estava sendo criada, a antiga missão da Telha, situada no Quixelô, com todos seus índios e habitantes de ambos os sexos, para completar o número de casais exigidos pelo Diretório na criação das vilas” (SILVA, 2006, p.107). Foram reunidos nesse aldeamento indígenas provindos dos grupos “tapuia” Kanindé, Quixelô e Paiacu. De procedências variadas, desta Missão espalharam-se, ocupando todo o maciço.

O mais conhecido registro que relata a existência dos nossos antepassados é o “Assento das pazes com os Janduís” de 10 de abril de 1692<sup>19</sup>, feito entre Canindé, o chefe dos Janduís, e o rei de Portugal. Segundo o documento, a nação Janduí habitava o sertão, entre as capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande (do Norte). Apenas depois desta data, temos notícias da existência de um povo identificado com o etnônimo Kanindé, na capitania do Siará-Grande, provavelmente um dos grupos por ele chefiado que, após sua morte, adotou seu nome.

Em os cinco de abril deste referente ano, chegaram a esta cidade da Bahia José de Abreu Vidal, tio do Canindé, rei dos Janduís, maioral de três aldeias sujeitas ao mesmo rei, e Miguel Pereira Guajiru Pequeno, maioral de três aldeias sujeitas também ao mesmo Canindé, e com eles o capitão João Pais Florião, português, em nome de seu

<sup>18</sup> Esses dados foram coletados na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos no ano de 2022, quem fez o repasse dessas informações foi o secretário escolar da escola, conhecido como Francisco Suzenilton.

<sup>19</sup> Em 1695, outro documento reitera o tratado de 1692: “Retificação da paz feita com os tapuias janduís da Ribeira do Açu, 20-09-1695”. Os dois documentos encontram-se em anexo, e foram publicados em: PUNTONI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Hucitec, Editora da USP: FAPESP, 2002, p. 300-303. Originalmente, fazem parte, respectivamente do: Arquivo Histórico Ultramarino, Pernambuco, caixa 11; e Arquivo Histórico Ultramarino, Rio Grande, caixa 1, 40. PUNTONI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 2002, p. 302-303.

sogro putativo, chamado Nhangujé, maioral da aldeia Sucuru da mesma nação janduí e cunhado recíproco do dito rei Canindé, a cuja obediência e poder objetivo está sujeita a toda nação janduí, difundida em vinte e duas aldeias, sitas no sertão que cobre a capitania de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, em que há treze para quatorze mil almas e cinco mil homens de arco, destros nas armas de fogo. E vindo estes maiorais nomeados com mais quinze índios e índias que os acompanhavam a presença do senhor Luís Gonsalves da Câmara Coutinho, do conselho d'el – rei nosso senhor, comendador das comendas de São Miguel de Bobadela, Santiago de Benfê, São Salvador de Maiorca, almontacé – mor do reino e governador – geral e capitão – general do estado do Brasil, lhe representou o principal José de Abreu Vidal, em língua portuguesa não bem falada, e pelo capitão João Pais Florião, seu interprete, que eles vinham de trezentas e oitenta léguas a pedir e estabelecer com o dito senhor, em nome do rei dos Janduí, Canindé, uma paz perpetua para viver essa nação e a portuguesa como amigos. E mandados levarem para depois se conferirem as condições da proposta de paz cinco dias, a trouxeram vocalmente as proposições seguintes, de modo que mandamos proferir na sua língua e explicaram-nas nossos interpretes. Primeiramente. Que o dito rei Canindé e os três maiorais, José de Abreu Vidal, Miguel Pereira Guajiru Pequeno e Nhangujé, em seu nome, reconhecem ao senhor rei de Portugal, dom Pedro, nosso 79 senhor por seu rei natural e senhor de todo o Brasil e dos territórios que as ditas 22 aldeias ocupavam; e lhe prometem agir como submissos vassallos com obediência para sempre, e aos mais senhores que mandava a coroa de Portugal, e o dito rei Canindé, e os outros maiorais, e todos os mais desta nação prometem e juram, em nome de todos os seus descendentes, a tal obediência, vassalagem e sujeição a suas leis, como a seu rei e senhor (PUNTONI, 2002, p.302 -303 )

Em 1734, nossos antepassados Kanindé foram aldeados nas margens do rio Choró, no sertão do Ceará. Segundo contam nossos velhos, migramos pelo sertão, fugindo de guerras e perseguições, subindo a serra de Baturité ainda no século XIX. Mantivemos nas lembranças destes mais antigos, memórias de uma longa peregrinação, passando pelos municípios de Banabuiú, Mombaça, Quixeramobim, Quixadá e Canindé. Em 1874, nossos antepassados conseguiram comprar, por 1(um) conto de réis, as terras onde ainda hoje trabalham e vivem. Possuem a escritura desta terra. As famílias estão espalhadas entre a quebrada da serra de Baturité, na descida para o sertão (Aldeia Fernandes e Balança, em Aratuba) e o município de Canindé, onde habitam nossos familiares da Aldeia Gameleira, a 14 quilômetros da sede. Ainda hoje existe uma “vareda”, caminho estreito de terra que desce da serra rumo ao sertão, que une as duas localidades. Nas secas de 1877 e 1915, temos notícias da migração de outras famílias em direção a serra, onde encontramos água em abundância, caça e terras férteis.

Segundo a liderança Cícero Pereira, por conta dessa fertilidade, as terras do povo Kanindé sempre despertaram a cobiça e o interesse de posseiros, invasores, fazendeiros da região. Sempre lutamos e resistimos contra a invasão de nossas terras, cultivadas, plantadas, mantidas e defendidas coletivamente. Em 1996, tiveram conflitos para manter a posse e suas terras, com trabalhadores rurais de uma fazenda vizinha, chamada Alegre. Houve um tempo em que pagavam renda para produzir nestas terras, em forma de folhagem para rebanhos de gado de um posseiro vizinho (o antigo dono da Fazenda Alegre), após o período de colheita (fim do

ano). Por ocasião do processo de desapropriação desta fazenda pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), fruto de uma mobilização coletiva da qual participamos, os trabalhadores desta propriedade quiseram englobar a nossa terra da “Gia”, sob o argumento de que não queríamos morar nela. Não deixamos, porque esta terra para nós é sagrada, há várias gerações é de lá que retiramos a nossa sobrevivência. Vivemos na aldeia Fernandes, mas plantamos e caçamos numa vasta área no entorno, cuja parte principal é a Gia.

As principais atividades de subsistência do povo Kanindé são caça e a agricultura. Cultivam, principalmente, feijão, milho e fava, produtos que são base de sua alimentação. Trabalham nas terras que herdaram de seus antepassados, principalmente os serrotes conhecidos por Gia e Rajado. Iniciaram o processo de organização como povo indígena em 1995, a partir do contato com as demais etnias mobilizadas no Estado do Ceará, principalmente os Tremembé de Almofala, estimulados pela entidade indigenista Associação Missão Tremembé<sup>20</sup> (AMIT), através da atuação da missionária Maria Amélia Leite<sup>21</sup>. Desde então, o povo Kanindé se mobilizou internamente, obtendo crescente reconhecimento público e governamental. Hoje, lutam por uma educação diferenciada de qualidade, assistência à saúde e, principalmente, a demarcação de suas terras.

Em 1999, o início da *educação escolar diferenciada*<sup>22</sup> na aldeia indígena do povo Kanindé foi fruto de muita luta, foi uma grande conquista das lideranças tradicionais do povo Kanindé. A partir de 2001, obtiveram assistência na saúde. A terra indígena do povo Kanindé ainda espera procedimentos de regularização fundiária. Recentemente, passaram por um levantamento visando a elaboração do documento para a qualificação da reivindicação de demarcação territorial, realizado pela FUNAI.

O povo Kanindé se alimentam de frutos como: ingar, caju, manga, mamão, banana e outros frutos. Mesmo com dificuldades para a caça, ainda vivemos dela. Caçamos animais

---

<sup>20</sup> Associação missão Tremembé era uma organização indigenista e sem fins lucrativos localizada em Fortaleza – ce, que ajudou o povo Kanindé na luta pelo reconhecimento. Ela foi fundada em 10/ 11/ 1995 e tinha como objetivo defender e garantir os direitos sociais dos povos indígenas.

<sup>21</sup> Maria Amélia foi uma importante pessoa para o povo Kanindé, pois era ela que enviava as demandas dos Kanindé para órgãos de governo solicitando o reconhecimento do povo e sempre estava presente nas articulações e principalmente sempre exigindo os pedidos do povo Kanindé através da missão Tremembé. Ela também era uma pessoa que gostava de ajudar, pois sempre que vinha na aldeia do povo Kanindé gostava de trazer novidades como por exemplos roupas, chinelos e entre outros objetos.

<sup>22</sup> Quando se fala sobre uma educação escolar diferenciada é uma educação na qual podemos desenvolver atividades relacionadas a nossa cultura, onde os alunos passam a vivenciar a trajetória de vida do povo Kanindé, como por exemplo, estudar a nossa história, sobre o Museu, sobre a caça, sobre alimentação tradicional e principalmente sobre a luta do povo Kanindé. Portanto é uma educação que respeita e valoriza a cultura e os saberes de um povo e está conectada com a realidade de toda aldeia.

como: *teju, preá, caçaco, girita, tamanduá, mocó, jacú, juritir, tatu, peba*, avuante, veado, gato do mato, namdu e outro. O povo kanindé depende muito da natureza pois quando andam nas matas se alimentam da própria natureza.

O povo Kanindé vivem da agricultura onde cultivam, a fava, feijão, milho, mandioca, batata. Antes eles sobreviviam da caça e de batatas. Com o passar dos tempos, a comunidade foi crescendo e algumas caças foram diminuindo. Hoje a etnia preserva ainda seu modo de vida, suas caças ainda sobrevivem.

**Figura 2** -*Peba* - alimento tradicional do povo Kanindé



**Fonte:** Nilton Kanindé

A partir da tradição oral, os mais velhos da comunidade repassam seus costumes para os mais novos, para que eles também aprendam a sobreviver e que continuem transmitindo os costumes para as futuras gerações. A agricultura predominante na comunidade é agricultura familiar, herança oferecida pelas pessoas mais velhas da aldeia, e principalmente das pessoas que já se foram. Para o povo Kanindé, a agricultura familiar é baseada no cultivo da terra que é realizada no coletivo pelos familiares.

O roçado que é o local utilizado para o plantio é uma das fontes de sobrevivência do povo Kanindé é e de onde retiramos a nossa alimentação que consumimos no dia a dia. Com alguns alimentos retirado da agricultura familiar, produzimos canjica, pamonha, tapioca, mungunzá, bolo de milho e entre outros alimentos. Segundo os mais velhos da aldeia e principalmente as pessoas que vivem da agricultura, para se ter um alimento de qualidade é necessário que se tenha um bom trabalho. Desse modo, em um primeiro momento se deve escolher um lugar que seja bom para o plantio, em seguida é feito a *broca*, que é um processo

de retirada de mato de dentro do lugar que vai ser plantado. Em seguida é feito a *queimação do mato* que foi retirado para se fazer uma limpeza do local. Após esse processo é necessário esperar o período de chuva para que se possa dar início a plantação. Depois desse processo é só manter o cuidado do local, limpando o mato que vai nascendo.

Desde a chegada do povo Kanindé, vindo da Serra da Gameleira e de outros lugares próximos, a aldeia Fernandes tinha e ainda tem suas próprias formas de sobrevivência. Um traço cultural herdado dos ancestrais é a cultura da caça, várias armadilhas como o *quixó*, utilizado no apresamento dos animais, sempre respeitando os períodos de gestação dos bichos. E assim, a relação de sustentabilidade mantida com a natureza é ensinada às novas gerações, buscando garantir a permanência da caça para as novas gerações. Suas armas principais de caça são feitas de madeira que é chamada de armadilha que chamamos de quixó e gaiola. Todos os ensinamentos ancestrais fortalecem a nossa identidade étnica.

### **3.2 Conceitualizando a identidade étnica**

A nossa identidade étnica tem sido construída ao longo do tempo. Dessa maneira, cada grupo é quem determina seus traços culturais a serem utilizados na elaboração de sua etnicidade. De acordo com o que eu aprendi ao longo da minha trajetória tanto pessoal e principalmente com o meu povo, a palavra etnicidade está ligada ao pertencimento ao grupo étnico, ou seja, é utilizada para designar que faço parte de um povo. Além disso, com base no que aprendi na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, podemos também denominar etnicidade como um conjunto de características que incluem a cultura, o modo de falar, dançar, ou seja, nossos hábitos culturais.

Podemos dizer que etnicidade é uma forma de identificação com um grupo étnico, pois possuímos características comuns a um grupo de pessoas e a partir dessas características podemos se diferenciar de outro grupo. É importante também enfatizar que além desse conceito que trago sobre “eticidade”, ainda existem outras definições para o termo, pois tem outros estudiosos que trazem outras definições para o termo utilizado, como, por exemplo, Giddens (2013, *apud* DONIZETE, 2021), diz: “a etnicidade se refere às práticas culturais e perspectivas que distinguem, de outras, uma dada comunidade. Os membros dos grupos étnicos veem-se, a si-próprios, como culturalmente diferentes dos outros grupos e são entendidos, por estes, de igual modo”. Já, segundo Barth (1976, *apud* DONIZETE, 2021), “é o limite étnico que define o grupo e não o conteúdo cultural que ele encerra: os limites étnicos canalizam a vida social e isto ocasiona uma organização muito complexa de relações sociais e de conduta. Assim, a

persistência dos grupos étnicos em contato implica, por um lado, critérios e sinais de identificação e, por outro, uma estrutura de interação que permite a manutenção das diferenças culturais”. Portanto, podemos dizer que o pertencimento étnico pode estar ligado às ações coletivas e às relações sociais, pois, a identidade étnica gera uma ação comunitária.

Segundo Fredrik Barth (1984, p.186), a identidade étnica se expressa pelo ato de um grupo poder contar “com membros que se identificam a si mesmo e são identificados pelos outros”. Cada etnia tem sua história de luta pela determinação de suas metas e valores. Nesse contexto, Fredrik Barth mostra que é preciso compreender que tais grupos são construídos a partir de categorias de atribuição e de identificação criadas pelos próprios atores dentro de um determinado contexto social que informa uma relação com grupos externos. Portanto, existe uma característica de interação e afinidade entre as pessoas pertencentes a um dado grupo, ou seja, ele enfatiza que as categorias são fatores significativos, e são usadas para atribuir e identificar um grupo étnico e produzir uma diferenciação.

Compartilhando ainda do pensamento de Fredrik Barth, os grupos étnicos se organizam socialmente a partir daquilo que está presente na sua cultura, ou na sua vivência, ou seja, aquilo que é socialmente efetivo que já fez e faz parte da vivência dos grupos étnicos. O social está relacionado com o sentido organizacional dos grupos étnicos.

É perceptível analisar que os grupos étnicos se organizam para interagir e categorizar a si mesmo e os outros. E as categorias favorecem a reinterpretação da história étnica do grupo, história esta que está sempre em transformação. Além disso, Barth define grupos étnicos como aqueles que compartilham valores culturais fundamentais, formados por membros que se identificam e são identificados por outros como tal.

Valendo-se dos estudos de Barth, Roberto Cardoso de Oliveira (1976) designa algumas características comuns para um grupo étnico, entre elas: compartilhamento de valores culturais, perpetuação por meios biológicos, identificação entre seus membros e por outros membros como constituinte de categorias comuns. O povo Kanindé partilha de uma cultura comum, de uma organização social com valores e ideias pertencente ao nosso povo. Desse modo, ao longo de nossa existência “cuidamos em ampliar a própria noção de identificação étnica” (CARDOSO, 1976, p. 2).

Um dos momentos mais importantes para os povos indígenas foi dado com a Constituição de 1988, que passou a estabelecer o direito à autonomia civil e a reconhecer as terras



da população indígena e as manifestações culturais<sup>23</sup>. Nele se estabelece os elementos que caracterizam os povos e a implantação de políticas públicas para que seus direitos sejam garantidos.

A Constituição de 1988, é uma fonte de informação que garantiu os direitos dos indígenas. Segundo Lima (2009), a afirmação das identidades indígenas emergentes está intimamente relacionada à descoberta dos direitos indígenas. Surge, então, “um processo de criação de sujeitos políticos, que se organizam através da mobilização de uma série de elementos da identidade comum e de caráter localizado, em vista da conquista de novos recursos, em particular, os de natureza territorial” (LIMA, 2009, p. 237).

O processo de reconhecimento étnico dos povos indígenas foi construído por meio de muitas superações e resistência principalmente quando a afirmação étnica do povo se desenrolou na luta pela demarcação da terra. O movimento indígena no Ceará, como em todo o nordeste brasileiro, se caracteriza na luta pela afirmação de sua identidade étnica e pela demarcação de seus territórios tradicionais. Essa luta pela reivindicação dos direitos tradicionais tem revelado a grande capacidade de organização dos indígenas.

Os povos indígenas em seu processo de mobilização identitária vivem constantemente em uma realidade de luta e resistência, pois somos atravessados e atingidos, no tempo em que vivemos, por violações de direitos.

Diante de tudo que foi estudado é possível compreender que a identidade pode ser entendida, ou conceituada como o conjunto de referências culturais por meio do qual uma pessoa ou grupo se define, se manifesta e deseja ser reconhecido, mas também implica as liberdades inerentes à dignidade de pessoa e que integra, em um processo permanente, a diversidade cultural, particular, universal, e a memória. É uma representação intersubjetiva e que orienta o modo de sentir, compreender e agir das pessoas no mundo.

---

<sup>23</sup> “No que se refere às Terras Indígenas, a Constituição de 88 ainda estabelece que: Incluem-se dentre os bens da União (art. 20, XI); São destinadas à posse permanente por parte dos índios (art. 231, § 2); São nulos e extintos todos os atos jurídicos que afetem essa posse, salvo relevante interesse público da União (art. 231, § 6); apenas os índios podem usufruir das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes (art. 231, § 2); O aproveitamento dos seus recursos hídricos, aí incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais, só pode ser efetivado com a autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada a participação nos resultados da lavra (art. 231, § 3, art. 49, XVI); É necessária lei ordinária que fixe as condições específicas para exploração mineral e de recursos hídricos nas Terras Indígenas (art. 176, § 1); As Terras Indígenas são inalienáveis e indisponíveis, e o direito sobre elas é imprescritível (art. 231, § 4); É vedado remover os índios de suas terras, salvo casos excepcionais e temporários (art. 231, § 5)”. Texto completo da “Constituição da República Federativa do Brasil de 1988” disponível no Portal do Planalto. Disponível em: [Constituição - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://Constituição - Povos Indígenas no Brasil (socioambiental.org)). Acessado em: 09/01/2023.

A construção da identidade indígena Kanindé passa por lugares que se constituem da materialidade do povo desde o museu à escola, às matas, aos roçados, às dinâmicas sociais das reuniões, dos seres das matas, das encantarias e das memórias que estejam no presente e que sejam capazes de difundir uma reflexão sobre o tempo passado e o tempo futuro. (SANTOS, 2021, p. 46).

Essa construção de identidade tem como objetivo não só o repasse de histórias, mas também a construção cultural de um povo, a criação dentro de uma coletividade da importância de cada história, a importância das percepções individuais e repasse das mesmas. Através da *tradição*<sup>24</sup> oral é possível a construção dos povos de tempos em tempos e esses valores, a tradição do coletivo, a ancestralidade e a palavra não devem jamais deixar ser silenciados ou esquecidos. A identidade é fluída e tem um processo de reconstrução e revalorização dinâmicos, resultados de contínuas discussões internas ou contatos e influências de outras culturas.

Fazendo uma análise sobre identidade étnica, percebo-a como uma construção de movimentos e narrativas que são vivas, que são colocadas em movimento para manter a união e a comunidade voltada para um único objetivo dentro do espaço e do tempo em que vive.

### **3.3 Atores e elementos da identidade étnica dos Kanindé**

Nessa dissertação vamos apresentar ao longo do texto, de algum modo, a cultura do povo Kanindé e como esta tem muita influência dentro da aldeia a partir das atividades que são desenvolvidas pela Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, que envolve aulas de campo e rodas de conversas com os *guardiões da memória*.

Os Kanindé sempre demonstraram ao caminhar por ser um povo forte, guerreiro, que sempre buscou formas de sobrevivência para se sobressair das dificuldades, dos preconceitos e das diversas perseguições dos opressores. Os mesmos são responsáveis por contar e refazer sua própria história, retirando de suas vidas os entraves que hoje servem como aprendizados de luta por afirmação indígena. Os *guardiões da memória* estão conseguindo fortificar, solidificar e enriquecer o movimento, a cultura e a afirmação étnica. (SANTOS, 2021, p. 174)

Entretanto, importa mencionar, de forma geral, que a cultura do povo Kanindé se faz presente como um conjunto valores, conhecimentos, crenças e costumes, isso vai desde a culinária até o artesanato, passando por hábitos e ensinamentos sobre as plantas medicinais até mesmo na contação de história.

Habitando tradicionalmente a serra que é conhecida como Sítio Fernandes, quebrada entre serra e sertão, que tem, devido a divisa, diversas formas de sobreviver no

---

<sup>24</sup> Essa tradição está relacionada ao modo de como os Kanindé vivem, se alimentam, caçam, estudam e de como colocam em prática suas manifestações culturais. Podemos destacar tradição oral que é uma das formas utilizadas para transmitir as histórias dos nossos antepassados para nova geração.

território. Uma delas é a caça de animais, atividade essa considerada de subsistência para o povo local, desde muitos anos, essa tradição vem sendo repassada de geração a geração. A atividade da caça dos índios Kanindé é realizada, preferencialmente, nos meses da estação seca (agosto a dezembro). Há uma redução do número de caçadas durante a estação chuvosa e em noites de lua cheia, pois consideram tais períodos menos favoráveis para a captura de animais. Os principais animais caçados na aldeia são: Punaré, preá, mocó, gato do mato, tejo, girita, cassaco, gato maracajá, raposa, peba, tatu, onça, tamanduá, camaleão, cobra de veado, avoante, nambu, cericória, rolinha, juriti, seriema, gavião e jacu. Para a captura desses animais é preciso experiência e muita técnica. As armadilhas são construídas por eles no dia-a-dia e para voltarem para casa com muita comida é necessário saber o comportamento dos animais: hábitos, comida, cheiro, forma de organização e etc. As principais armadilhas artesanais são: Quixó, mundé, gaiola, chiqueiro, arapuca e o fojo. (SANTOS, 2021, p. 91).

A alimentação do povo Kanindé costuma ser baseada no consumo de frutas, carnes de caça, raízes e verduras. Como uma construção da identidade étnica do meu modo, esses modos de viver se constroem e reconstróem dentro de nossas vivências e experiências na aldeia. Esse conjunto de elementos e categorias étnicas fazem parte da identidade étnica do povo Kanindé, como algo dinâmico e presente na aldeia.

O povo Kanindé tem transmitido grandes ensinamentos não só para mim, mas para toda a aldeia, desde o saber conviver com a maternidade, respeitando, dando amor e zelando por ela. As crianças indígenas do povo Kanindé aprendem com seus genitores e com as lideranças da aldeia, pois os conhecimentos são transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais como os rituais sagrados e as “festas culturais” do povo Kanindé.

As lideranças tradicionais do povo Kanindé têm um papel fundamental dentro da aldeia de integrar os indígenas na comunidade, na vida na aldeia, aprendendo a conviver uns com os outros e a se relacionar com os saberes desenvolvidos por seus antepassados. A cultura do povo kanindé está muito presente na aldeia, pois a percebemos em nosso dia a dia, como por exemplo: comidas, receitas, vocabulário, brincadeiras, lendas, crenças, na organização familiar e muito mais.

Os elementos da identidade Kanindé estão visíveis a partir do ritual do *toré*, nas contações de histórias, nas lendas e nas músicas. É importante enfatizar que a identidade de um povo reúne elementos centrais, pois o reconhecimento de povos e comunidades tradicionais como sujeitos de direitos tem trilhado um longo caminho ao longo da história no Brasil. Os diferentes elementos no processo de organização do povo Kanindé perpassa dentro da comunidade étnica categorias essenciais para compreendermos a identidade desse povo a partir do território, da linguagem, rituais e costumes. Elementos esses que permanecem vivos nos espaços de resistências da comunidade.

### 3.4 Espaços de resistência do povo Kanindé: a Escola e o Museu.

As várias formas de resistência do povo Kanindé através da luta coletiva ao longo dos anos, os Kanindé vêm conquistando seus espaços dentro da aldeia e fazendo da sua luta formas de resistências. Desde a luta e reconhecimento do território indígena até a reivindicação de uma Escola formal específica para ensinamentos indígenas.

O Museu dos Kanindé conjuntamente a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos são espaços de transformação e afirmação étnica para o povo Kanindé. São espaços voltados à reunião, incentivo, resgate e difusão da memória. São fontes de estudos e inspirações para as novas gerações, locais onde compartilhamos as conquistas concebidas através de projetos e parcerias. Além do caráter de espaços educativos, neles preservamos e divulgamos importantes informações da cultura do povo. (SANTOS, 2021, p. 119).

A construção da Escola e do Museu se configuram como espaços locais de resistências e de existências do nosso povo. Nesses espaços foram incorporados elementos da nossa identidade étnica e da memória do povo Kanindé. É importante mencionar que esses espaços são de resistências, porque foram conquistados ao longo dos anos através de muita luta.

A partir de 1995 inicia na comunidade um processo de luta, mobilização e reconhecimento étnico. A princípio os próprios indígenas resistiram, pois eram preconceituosos consigo mesmo, não aceitavam a indianidade, apesar de serem da mesma família. Com o passar do tempo o processo de afirmação de uma identidade indígena começa a se fortalecer em toda comunidade, e os Kanindé assumem conjuntamente, a partir das próprias lembranças e memória de seus antepassados, sua etnicidade enquanto povo indígena. O processo de reconhecimento étnico do povo indígena Kanindé foi construído através de muitas superações e resistências principalmente quando a afirmação étnica do povo se desenrolou na luta pela demarcação da terra. Um dos principais conflitos relacionados a disputa pela terra ficou conhecido na memória do povo Kanindé como a 88 “luta pela Terra da Gia”, quando em 1996, os Kanindé tiveram um grave conflito pela posse de suas terras com trabalhadores rurais da fazenda Alegre, que fica vizinho a aldeia dos Kanindé. (SANTOS, 2021, p.87 -88).

A chamada Terra da Gia, foi durante muito tempo utilizada pelos Kanindé para fazerem suas plantações e caçarem, se constituindo como significativo lugar de memória para o grupo. Em 1995, após grande luta junto aos trabalhadores rurais locais, este terreno foi desapropriado pelo INCRA. Após querelas na divisão da terra, os Kanindé do sítio Fernandes ficaram com 270 hectares e continuam plantando no sistema de roçados.

Em 1996, por iniciativa de José Maria Pereira dos Santos, mais conhecido por Cacique Sotero, foi aberto à visitação pública o Museu dos Kanindé, que traz em seu acervo artesanato, cujo trabalho em madeira merece destaque, instrumentos de caça e dança, entre outros. Mantido

no sigilo até o ano citado, foi com o acirramento da luta por seus direitos que o museu foi exposto ao público, sendo mais uma forma de afirmação étnica do povo Kanindé.

O museu é como uma grande árvore de conhecimentos na qual há raízes, troncos 121 e folhas com muitas flores e frutos que já dão novas sementes. Constitui um espaço onde jovens e crianças fazem pesquisas e se aprofundam no conhecimento sobre a nossa história e as origens do nosso povo, em estreito e permanente diálogo com troncos velhos e lideranças tradicionais. A parceria entre o museu e a escola é fundamental na realização das diversas atividades com o patrimônio e com a memória. Estas duas instituições educacionais são espaços onde se expressam de maneira mais dinâmica nossa relação com as tradições e os modos de ser e estar no mundo do povo Kanindé. (SANTOS, 2021, p. 120 – 121).

Dando continuidade a esse pensamento, podemos ver que o museu Kanindé é um espaço de saberes que possibilita um encontro entre a educação e a memória das pessoas mais velhas da aldeia, é um espaço que preserva a memória cultural de um povo, além disso, é onde podemos compartilhar e aprender sobre a nossa identidade.

Em 1999, iniciou uma proposta dos indígenas Kanindé de reivindicarem pelos direitos a uma educação formal específica e diferenciada para suprir as necessidades do povo Kanindé de Aratuba. O início da educação do povo Kanindé, começou de baixo de árvores e nas casas das pessoas da aldeia. Até se concretizar na criação da Escola Indígena. Em 2006 o povo Kanindé ganharam uma Escola diferenciada, um prédio de dois andares com amplas salas mobiliadas. Tem uma sala específica para a iniciação em informática e as demais que compõe uma unidade escolar: cantina, sala de professores e diretoria, banheiros e um pátio coberto.

A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos foi fundada em setembro de 1999, no entanto, sua inauguração oficial se deu apenas no dia 05 de agosto de 2006. Está localizada na aldeia Sítio Fernandes, zona rural do município de Aratuba. É a realização de um sonho coletivo que demandou muita luta resistência e perseverança das lideranças indígenas Kanindé onde sempre acreditaram numa educação diferenciada como uma importante estratégia para o fortalecimento da identidade indígena Kanindé desenvolvendo o bem viver local. Surgiu da necessidade de toda comunidade por uma educação diferenciada que respeitasse as singularidades culturais dos jovens indígenas que vivem na comunidade, mas que tinham que ser educados nas escolas da cidade sem quem as mesmas tivessem um planejamento pedagógico adequado para atender as especificidades étnicas. Uma escola que pudesse contribuir com continuidade da cultura do povo Kanindé e oferecer a alfabetização para os jovens indígenas, para que todos tivessem possibilidade de conhecer a história da comunidade, as suas origens, por meio do acesso à educação escolar dentro da própria aldeia, provendo oportunidade e visão de futuro as futuras gerações Kanindé. (SANTOS, 2021, p 122)

Assim, os entrelace entre museu, Escola e território indígena é fruto de resistência e preservação de suas memórias. Manter a memória do povo Kanindé viva é poder contar nossa trajetória de dentro para fora, e não de fora para dentro. A ação do cacique Sotero de construir

um museu com nossa identidade, revela a importância da ancestralidade que nos conecta com presente e passado.

#### 4. NARRATIVAS SOBRE O MUSEU KANINDÉ.

Esse capítulo tem por objetivo apresentar e refletir sobre o Museu Kanindé e a importância desse espaço para o povo. Para isso, dialogaremos com uma literatura produzida por Gomes (2012), Santos (2021), Le Goff (1990), Oosterbeek (2015), Ramos (2004), Maciel e Abreu (2019), Pollack (1989) e Neto (2009), buscando mostrar a importância das narrativas (pessoas e acervo) sobre o museu Kanindé e sua importância para o fortalecimento da identidade étnica.

##### 4.1 Narrativas da memória sobre o Museu Kanindé

O museu Kanindé é percebido dentro da comunidade como um espaço de memória que retrata a história do povo Kanindé, através de seus objetos e da memória local. Além disso, o museu é recriação do tempo passado, em seu espaço se refaz as experiências do passado, trazendo-a para o presente o elemento que constitui a identidade, tanto individual quando coletivo, por ser um espaço extremamente importante de sentimento de continuidade.

A partir da percepção de meus interlocutores, o museu é um espaço importante, por guardar e preservar tudo aquilo que faz parte da cultura do povo Kanindé, cultura essa que carrega histórias da ancestralidade, costumes e tradições.

Museu Indígena Kanindé funcionou a princípio em um pequeno quatinho ao lado da casa de seu fundador. Cacique Sotero sempre apresentava com muita emoção os objetos guardados dentro daquele pequeno espaço físico, mas de muita importância para os Kanindé. Foi através dele que as principais ações relacionadas a memória e o patrimônio foram sendo desenvolvidas. Foi no antigo espaço do Museu Kanindé que tudo começou: as formações, a limpeza dos objetos, a marcação e as outras atividades relacionadas ao museu e a escola diferenciada. Nesse processo de reorganização do Museu dos Kanindé nasce o desejo de que as ações pudessem ser mais eficazes e contribuir, inclusive, na formação dos jovens estudantes da escola diferenciada. Pensando nessa perspectiva foi discutido a criação de um Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé, podendo assim delinear ações para o crescimento do papel educativo do museu. A Criação do Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé foi sempre um sonho do Cacique Sotero que desde o início idealizava a formação de um grupo que pudesse dar continuidade ao seu trabalho. A proposta foi discutida na comunidade concomitantemente à pesquisa de campo realizado pelo antropólogo Alexandre Oliveira Gomes (UFPE) durante sua dissertação de mestrado na aldeia dos Kanindé. Na ocasião, foi pensado em se criar uma equipe que pudesse dar conta de atividades de formações, mediação e gestão. Assim, entre os meses de maio e julho de 2011, foi desenvolvido um trabalho de elaboração da documentação museológica do Museu Indígena Kanindé. O principal objetivo naquele momento era inventariar as peças, realizando a identificação, bem como sua classificação e marcação dos objetos do acervo. Para esse trabalho foi formado um grupo de trabalho GT, que posteriormente culminou no Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé. Este era composto por estudantes da escola indígena Manoel Francisco dos Santos, que possuíam faixa etária entre 13 e 17 anos, coordenado por um professor da Escola Kanindé, Suzenilson Santos, que assumiu a organização. (SANTOS, 2021, p. 56)

O Museu dos Kanindé foi a primeira organização educacional e cultural aberto ao povo da Aldeia Fernandes entre os anos de 1995 e 1996. O espaço foi aberto à comunidade por iniciativa do José Maria Pereira dos Santos, mais conhecido como Cacique Sotero, atualmente com 80 anos. Foi ele quem coletou os objetos, cedeu uma casa, manteve o museu por muito tempo sozinho. Entre 1995 e 1996 Cacique Sotero recebia os visitantes, junto à sua esposa, dona Tereza Soares, e seu irmão, Cícero Pereira dos Santos. Organizado com recursos próprios, o Museu veio sendo mantido pela comunidade de forma autônoma, ao longo de 26 anos de existência.

Com a história da primeira peça, sendo o primeiro objeto do museu Kanindé que foi encontrado pelo Cacique Sotero em uma das suas idas ao roçado junto com o seu irmão Cícero Pereira, ainda quando eram mais jovens. Percebe-se que cada um dos objetos do museu tem sua importância e significado. Cacique Sotero, mesmo sem nenhuma formação de âmbito museológico ou acadêmico, realizou diferentes processos técnicos, como o empalhamento dos animais que recebia de pessoas da comunidade, retirando assim as vísceras, colocando para secar empalhar e costurando, posteriormente, para poder expor.

No seu acervo, predominam objetos relacionados à caça. Peles diversas, como as de gato maracajá e tamanduá, pé de gavião, mão de onça, cascos de tatu e peba, coruja, couro de mocó, entre outros, muitos deles empalhados por técnica caseira do próprio Sotero. Guarda também documentos variados, como recortes de jornais, ofícios encaminhados e recebidos, alguns livros e fotografias. (PALITOT, 2009 p. 383).

Como podemos ver no acervo do museu Kanindé podemos encontrar uma variedade de objetos, principalmente diversas espécies de animais que predominam no território Kanindé e que fazem parte de sua alimentação. Como podemos ver na imagem abaixo que mostrar as espécies de animais que estão expostos na parede do museu.



**Figura 3** - Objetos relacionados à caça, madeira, palha e adornos



**Fonte:** Suzenilson Kanindé

O MK funcionou até 2013 numa casa simples, de um só compartimento. Os objetos eram expostos, em sua maior parte, pendurados na parede e em cima de uma mesinha.

**Figura 4** - Antiga sede do Museu Kanindé



**Fonte:** Suzenilson Kanindé

O MK é bem conhecido em Aratuba, município no qual apenas em 2009 foi inaugurado um museu. Antes, o cacique se responsabilizava por conduzir os visitantes numa imensa subida até o museu, para apresentá-lo.

O museu passou ao longo de 26 anos por várias modificações. Entre 2010 e 2012, foi realizada a pesquisa de campo do antropólogo e historiador Alexandre Gomes, que propiciou a criação do Núcleo Educativo do Museu dos Kanindé, em agosto de 2011. Nesse contexto, no final de 2011, aprovaram o primeiro projeto cultural, no Edital I Prêmio Pontos de Memória do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), intitulado “Museu dos Kanindé: formação, fomento e infraestrutura”. As ações desse projeto se desenvolveram durante 2012 e fomentaram a continuidade de processos formativos desencadeados com a criação do Núcleo Educativo. Um dos principais resultados desse processo foi a construção de uma sede própria para o museu, um antigo sonho do cacique Sotero.

Em 2013, o Museu dos Kanindé saiu de um quartinho na casa do cacique Sotero para uma sede própria, próxima da Escola, com duas salas de exposições e um pequeno escritório para gestão administrativa e organização de documentações. A partir de então, na nova sede vizinha à Escola, outras dinâmicas foram desenvolvidas – e o museu como espaço educativo foi potencializado por meio da intensa participação dos jovens nas atividades de gestão museal.

Através das palavras do Cacique Sotero, percebe-se o histórico da primeira peça do museu indígena Kanindé que, de acordo com o seu relato, deu origem à coleta e organização do acervo museológico hoje existente no museu. Ele retrata assim o surgimento do museu dentro de um processo histórico, no qual apresenta a visão de museu segundo a sua mãe naquele período, nos fazendo lembrar também das pinturas rupestres e sua relação à função desta primeira peça que deu origem ao museu. Sotero faz um relato sobre a criação e organização do museu.

Aí eu tinha um quartim na minha casa ai eu fui e butei esta pedra em cima de uma mesa e fumo achando outras peças cachimbo essas coisa assim aonde nos trabaia e fumo formando e é ele como museu que hoje e nosso museu ne hoje a gente vendo ele ta bem adiantado com outras peças achadas na nossa comunidade mesmo ne na nossa localidade e essa e uma história que nos temo do nosso museu e uma coisa tão interessante que eu mesmo me confio tanto que este museu ele e uma casa assim de escola que os alunos hoje estão estudando em cima dessas peças em cima da nossa história da nossa história aqui da comunidade. (Entrevista, Cacique Sotero, 2021)<sup>25</sup>

Começaram a conhecer o museu Kanindé, a partir do momento em que Cacique Sotero voltou de uma reunião que aconteceu em Maracanaú, a partir desse momento Sotero e seu irmão Cicero Pereira começaram a reunir as pessoas da comunidade para falar da importância que se

---

<sup>25</sup> Entrevista com o Cacique Sotero, realizada por Joselane Lima da Silva Santos, em 17 de julho de 2021.

tinha o museu para a comunidade, foi então a partir daí que as pessoas começaram a se envolver mais com os assuntos do museu e deram suas contribuições e assim, foi formando interações com membros da aldeia. Foram peças de vários tipos, desde panelas de barro até pequenos pássaros e animais encontrados mortos na aldeia, além de peças encontrados por caçadores e nas próprias áreas de plantio.

Já tinha várias peças agora era uma coisa que eu não comparava com que fosse um museu por exemplo o cachimbo que é uma coisa mais linda da vida como outras peças que a gente achou dentro da área indígena que tudo alguma delas eu a tinha mais ela veio crescer mais à depois que a gente formou o museu ne e a mais eu já tinha algumas peças mais como a palavra museu e com a palavra da pedra que era indígena foi essa que conde a minha mãe passou pra mim ne. (Entrevista, Cacique Sotero, 2021)<sup>26</sup>

Segundo o Cacique Sotero, ele não tinha ainda neste período uma noção mais clara do que era um Museu, mas já tinha ouvido muito falar através das visitas que tinha realizado em outros Museus, que não eram indígenas.

**Figura 5** - Cacique Sotero segurando a primeira peça do Museu dos Kanindé de Aratuba. (A pedra preta)



**Fonte:** Suzenilson Kanindé

Para ele, há muita diferença entre estas instituições, pois o Museu indígena conta as histórias dos diferentes povos. Em entrevista, o Cacique Sotero revela informações sobre a primeira peça do Museu indígena Kanindé e sua relação com o processo de autoidentificação como povo indígena. Segundo ele:

<sup>26</sup> Entrevista com o Cacique Sotero, realizada por Joselane Lima da Silva Santos, em 17 de julho de 2021.

A gente vendo a história do museu pode dizer foi conhecida por esta uma pedra preta que achei ela no sertão ali em baixo no pé da serra que aí amostrei a minha mãe era uma pedrinha preta aí nos conhece ela como pedra rutil, mais quando eu amostrei a ela disse 'oi Sotero essa pedra é pedra dos índios e isso a gente você, guarde ela que um dia vocês vão precisar dela dizendo assim pra buta assim num museu'. Aí perguntei a ela o que é um museu mamãe? Ela respondeu, 'o museu são coisas velhas antigas, coisa que a gente deixa de herança os índios onde moravam tinham tudo essa coisa e ela e sempre uma pedra que segundo dizia meus avo que elas escreviam nas outras pedras a rente escrevendo e dizendo o nome daquela história da gente' i eu fui e guardei a pedra guardei essa pedra eu era bem dizer menino foi em 1958 que achei a pedra. Quando foi em 1995, a Missão Tremembé foi me convidou para eu arranjar uma pessoa e eu ir uma reunião lá em Maracanaú ne aí quando eu cheguei lá essa reunião era uma reunião sobre índio e eu me lembrei quando eu vi a história quando eu vi a história dos antepassados aquelas coisa todinha me lembrei da pedra e ela ia ser um uma história nossa de e eu quando eu chegar na minha comunidade na serra eu ir forma assim umas peçazinhas já contando a história, a nossa história e isso aconteceu que quando eu cheguei mesmo foi eu fui e fizemo uma reunião e cada vez mais se fortifiquemo acreditando que nos era índio mesmo porque e a nossos avo, a nossa mãe dizia que nos era índio que nos gostava sempre de ir pós mato e só volta tarde dos mato e ela chamava a gente de índio e está pedra pra mim o Sotero foi uma experiência que ela era uma coisa que a gente podia forma ela num museu. (Entrevista, Cacique Sotero, 2021)<sup>27</sup>

O processo de formação do Museu leva em conta vários contextos que permeiam desde o histórico até o político, o econômico e o social. Como o MK foi se transformando em um espaço em que se percebe a cultura viva? Em uma ferramenta de identidade e de resistência?

Os museus contam suas histórias através de artefatos que fazem parte da história de um povo, servindo também como fonte de luta e resistência, através da organização e forma como são criados e organizados. Um Museu indígena, como um Museu comunitário de caráter local, resgata e demonstra todo um contexto diferenciado e específico, constituindo um olhar singular sobre a realidade, que parte do ponto de vista dos moradores de um lugar. Além de nos ajudar a melhor entender e questionar as versões de uma história colonial escrita pelos colonizadores, estes museus constroem narrativas de resistência sobre a história de uma população local, seja de uma comunidade ribeirinha, quilombola ou indígena.

Até 2009, não se tinha parceria alguma nas atividades e ações do MK. O espaço veio funcionando, à nossa maneira, como lugar de preservação de memórias e objetos, no qual realizavam-se pesquisas escolares e onde recebíamos pessoas da comunidade e de fora, que queriam conhecer um pouco de nossa história. Apenas depois, fomos descobrindo que, para tudo o que já fazíamos em relação aos nossos objetos e memória, havia nomes: salvaguarda, comunicação, musealização, etc.

Em 2009, foi realizada a oficina "Diagnóstico Participativo em Museus", como parte das atividades do seminário Emergência Étnica, realizado pelo Museu do Ceará e pelo Instituto

---

<sup>27</sup> Entrevista com o Cacique Sotero, realizada por Joselane Lima da Silva Santos, em 17 de julho de 2021.

da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), com recursos da SECULT/CE. Um dos resultados desta ação foi a elaboração de uma proposta de reestruturação museológica para o MK, publicada no livro “Museus e Memória indígena no Ceará: uma proposta em construção” (GOMES & VIEIRA NETO, 2009), e revisada para a elaboração do projeto enviado ao IBRAM, no final de 2011, para concorrer ao I Prêmio Pontos de Memória. Com a publicação, tivemos uma primeira sistematização da proposta em desenvolvimento de organização de uma rede de museus indígenas no Ceará, a partir da parceria entre organizações do movimento indígena e o Projeto Historiando, coordenado pelos autores.

O projeto desde 2006 tem por objetivo capacitar grupos étnicos e populares nas áreas de memória e patrimônio cultural, visando à formação das comunidades para a gestão de seus museus comunitários. Naquela época, tratava-se de seis diagnósticos museológicos realizados entre grupos étnicos do Estado, feitos a partir da realização da oficina “Diagnóstico Rápido Participativo” (16 h-a), que objetivou situar e propor direcionamentos para os processos de musealização entre os seguintes povos indígenas: Tapeba (Caucaia), Tremembé (Itarema), Pitaguary (Pacatuba), Kalabaça-Tabajara (Poranga), Kanindé (Aratuba) e Potyguara-Tabajara-Tubiba-Gavião (Monsenhor Tabosa).

Aquela publicação foi um instrumento que, adaptado para a nossa realidade, direcionou esforços para a efetivação da proposta de formação de indígenas para a gestão museológica e, conseqüentemente, para a implementação de ferramentas de dinamização de nosso patrimônio cultural, memória e território, nele representados. Ao longo destes vinte seis anos, foram realizadas muitas atividades, principalmente as pesquisas de grupos escolares da Escola indígena no acervo do MK, seja na coleção de documentos, seja na de objetos. O MK é bem conhecido na aldeia Fernandes. Constantemente chegam doações de objetos que os moradores entregam para o acervo. Escolas, universitários, outros povos indígenas, pesquisadores, pessoas de outros países, já visitaram o MK.

Algumas atividades realizadas merecem destaque, porque demonstram como se deu o desenvolvimento de nossa proposta museológica indígena. No segundo semestre de 2011, logo após o encerramento da etapa de pesquisa de campo de Alexandre Gomes, incorporamos nos trabalhos que denominamos “tempo-comunidade” (momento de implementação de atividades diferenciadas), metodologias orientadas pelos trabalhos de pesquisa em memória local do Projeto Historiando. A partir das histórias de vida e familiares, do mapeamento dos *guardiões da memória* e dos lugares de memória, da pesquisa sobre o acervo de objetos, foi sendo desenvolvida pela Escola indígena e do MK, coordenada pelo professor Reginaldo Santos.

Ainda em outubro de 2011, foi realizada a oficina “Captação de recursos para Museus indígenas”, justamente para discutir as demandas para sistematizarmos a proposta a ser encaminhada àquele ano ao IBRAM. Em 29 e 30 de novembro de 2011, foi realizada a oficina intitulada “Gestão museológica para museus indígenas”, na aldeia Monguba do povo Pitaguary, com núcleos gestores dos museus indígenas cearenses, ministrada pelos historiadores do Projeto Historiando, através do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos (CDPDH) da Arquidiocese de Fortaleza.

#### **4.2 O Museu Kanindé e a memória local**

A memória do povo Kanindé, se incorpora ao cotidiano da aldeia, através da tradição e dos costumes, a memória é a recriação de um tempo vivido que não volta mais. Assim, muitos dos objetos que estão no Museu, ainda fazem parte dos costumes do povo Kanindé, por exemplo, os animais de caça que ainda fazem parte da alimentação tradicional, o artesanato que ainda é produzido na aldeia e os instrumentos de caça que ainda é utilizado por alguns caçadores da aldeia, é por isso que o Museu é um símbolo vivo da memória local.

Por patrimônio histórico-cultural compreendemos como um processo de identidade coletiva de um povo. Para a pesquisadora Fabiana Santos Dantas (2015) o “patrimônio surge quando o indivíduo ou grupo de indivíduo reconhece como seu um objeto ou grupo de objetos.” (2015, p.31). Como uma construção social e coletiva, o patrimônio cultural de um povo é determinado pelo grupo humano que ao seu modo encontra significado em objetos. Acervos, como do MK são bens culturais, que a partir da memória representa a identidade do povo Kanindé.

Durante nossa visita ao MK, encontramos no acervo um recorte do Jornal Diário do Nordeste datado do dia oito (08) de junho (06) de dois mil e três. (2003). Na matéria “Museu mantém viva memória do povo”, destaca as ações de preservação da memória.

**Figura 6** - Recorte de um jornal - Museu Kanindé – Memória viva do povo Kanindé



**Fonte:** Acervo Museu Indígena Kanindé. Jornal DN. Regional. 08-06-2003

A memória do povo Kanindé está presente em suas narrativas da tradição oral, dos “trancos velhos”, mas que podem ser vistas, ou lembrada pelos objetos do acervo do Museu, são através desses objetos que o Museu preserva o patrimônio. Além disso, a memória é incorporada ao cotidiano da aldeia através da tradição e dos costumes. A memória preservada no Museu é a recriação do tempo passado, se fala isso porque muitas das coisas que estão no Museu ainda fazem parte da tradição do povo Kanindé, por exemplo, os animais de caça, eles ainda fazem parte da cultura alimentar dos Kanindé, o artesanato que ainda é feito por muitas pessoas da aldeia e repassada para seus filhos.

Os guardiões da memória coletiva, os “trancos velhos”, podem narrar, para as novas gerações, suas lembranças e conhecimentos, a partir da cultura material e simbólica. O museu transforma-se num potencial vetor para dar visibilidade as diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória. (GOMES & VIEIRA NETO, 2009, p. 48)

Segundo Gomes e Viera Neto (2009), os museus, por sua vez, constituem-se em elementos de afirmação desta etnicidade e *locus* educativo por excelência, por serem espaços formativos para as diversas gerações. Lugar potencializa a memória enquanto estratégia de afirmação étnica, os museus indígenas afirmam o que muitos querem negar: a existência de indígenas no Ceará, que nunca foi interrompida, apenas silenciada. Etnicidade que ressurgiu com força, em contextos de conflito e na luta por direitos básicos de sobrevivência, como terra, saúde e educação. (GOMES & VIEIRA NETO, 2009, p. 49)

O Museu representa um grande espaço simbólico que recorre as histórias do passado,

presente e futuro, pois tudo remonta a um recomeço muito mais forte da cultura tradicional do povo indígena que gera vida e sabedoria. O Museu representa a trajetória de luta e conquista, pois além de ser um espaço histórico, onde se aprende a própria cultura Kanindé é também a salvaguarda da memória. É um espaço que se aprende a valorizar os mais velhos, é um espaço de referência da própria cultura dos kanindé. Além disso, por ser um ambiente que guarda vários objetos, documentos e por ter uma historicidade abarcada ao longo de 26 anos de luta, deste de 1995, não só através dos objetos, mas também através de documentos, das oralidades dos mais velhos. Portanto, o museu é um local em que os Kanindés contam sua própria história. Segundo Gomes e Vieira Neto,

O museu deve ser visto como um lugar dinâmico. Para além da preservação de memória, acontece neste espaço a construção da diversidade étnica e da alteridade, tão necessárias a aceitação as diferenças. Infinitas são as atividades a serem desenvolvidas no espaço museal indígena: expressões ritualistas, oficinas para reaprender com a história oral. (GOMES & VIEIRA NETO, 2009, p. 48)

O Museu Kanindé é um espaço de educação e comunicação que, por sua vez, tem a ação educativa e cultural como política social e de caráter público. Além disso, o Museu é um espaço que propicia a ampliação do campo de possibilidades para construção identitária. O Museu Kanindé é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da comunidade e do seu meio envolvente com fins de educação e estudo.

O pesquisador Alexandre Oliveira Gomes (2012), quando estudou os objetos, a memória e a etnicidade nos museus do Ceará, analisou a historicidade e os sentidos dos objetos do povo de Aratuba. Aqui, nesta dissertação, a memória contada é a do povo indígena Kanindé, ou seja, é a memória coletiva local. Para Gomes (2012), os museus “revelam, para desvelar o esquecido. Escondem, para definir o lembrado. Entender a construção social da memória e analisar os sentidos da cultura material são duas partes inextricáveis de nossa antropologia dos objetos” (2012, p.22).

Entretanto, para esta dissertação, a memória, como um instrumento de construção coletiva, se faz presente no MK como um legitimador da identidade do povo Kanindé. Essa memória é resultado de significados variados por parte daqueles que compõe o coletivo. A memória local se baseia na sobrevivência de objetos, ações e narrativas do povo Kanindé que permanecem “vivos”. Os objetos têm “vida” ainda, pois são feitos e utilizados por pessoas – que apresentaremos no próximo capítulo. Cabe ao pesquisador e ao povo local interpretar os sentidos dos objetivos e as narrativas sobre eles.



Para os Kanindé, a memória tem a função de manter origens e a ancestralidade vivas. Manter viva a cultura, a territorialidade do seu povo e a coletividade é uma das funções da memória, bem como de um museu como o que estamos descrevendo. Partimos, portanto, de uma concepção de Pollack para pensar “a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar. (POLLACK, 1989, p.9).

Assim, os objetos presentes no Museu Kanindé possibilitam a construção de conhecimentos dos povos indígenas tendo como uma de suas bases o passado. As relações estabelecidas com os objetos ganham forma no cotidiano e nos processos pelos quais as pessoas passam e o passado vai sendo narrado. Ao longo do tempo as coisas ganham materialidade e sentido, e seus sentido não permanecem estáticos. Segundo o historiador Francisco Regis Lopes Ramos (2004) “qualquer objeto deve ser tratado como fonte de reflexão” (2004, p. 22), desse modo, os objetos, acervos no Museu Kanindé devem ser interpretados e questionados para fazer sentido para seu próprio povo e para os outros. É preciso olhar para o Museu dentro de sua construção ao longo do tempo, ampliando horizontes interpretativos constitutivos da vida social ao qual pertence.

Dessa maneira, pode-se notar porquê os museus têm grandes relações com aquilo que se vive em uma aldeia indígena, pois a partir do momento que passamos a fazer uma pesquisa de campo percebermos que há novidades nas narrativas, na forma como se lida com os objetos, no que aquelas peças representam para os que com elas dialogam e interagem e mais ainda como representam as “diferentes culturas”. É importante frisar que o MK é um Museu dos Kanindé, e que representa as 3 aldeias distribuídas nos territórios Fernandes, Balança e Gameleira. Ou seja, o MK entra em diálogo não apenas com os “aldeados” de Fernandes, mas também dos outros dois territórios.

A antropologia vai aos poucos encontrando no campo dos museus e da museologia fortes aliados para a construção de novos paradigmas voltados para os estudos, as pesquisas, a difusão dos conhecimentos sobre as relações sociais e humanas na dinâmica da chamada diversidade cultural. A antropologia dos museus como campo específico de estudos e pesquisas surge nesse novo contexto onde o desafio consiste, de um lado, em repensar o lugar do museu, em especial do museu antropológico e/ou etnográfico, e, de outro lado, em refletir de um ponto de vista antropológico sobre o lugar da forma “museu” nas relações sociais e na produção da diversidade cultural no contemporâneo. **Não é exagero dizer que, de “coisas do passado”, os museus passaram a ser hoje lugares de muitas novidades, perplexidades e projetos de futuro para aqueles que acreditam nas práticas da diversidade cultural como importantes patrimônios da espécie humana** (MACIEL & ABREU, 2019, p. 12, grifos nossos).

Como vemos pela citação acima, tanto os museus como a antropologia exercem um papel fundamental para a preservação da cultura, no sentido de que auxiliam a valorizar as práticas, significados e a colocar em movimento uma percepção de existência coletiva, ou seja, podemos dizer que são lugares de conexão entre passado e futuro. A pesquisa desenvolvida na área da antropologia permite uma compreensão das práticas da diversidade cultural como os autores mostram nessa citação acima, ou seja, das atividades do passado e de suas continuidades no presente, costumes e tradições, a “riqueza cultural” como chamamos e que vamos encontrar ao longo desta pesquisa.

Para além disso, é preciso perceber a importância do papel educativo do Museu histórico Kanindé. Ou seja, o MK, além de preservar a memória cultural de um povo, tem o papel de informar e educar por meio de exposições, atividades de pesquisas e formações. Quando iniciei a pesquisa de campo junto ao Museu, despertou em mim a curiosidade e reflexões sobre sua criação.

#### Segundo Santos (2021)

Quando o cacique Sotero criou o museu Kanindé, ele passou a ser um elemento essencial da identidade indígena do povo, numa perspectiva de construção coletiva, ao mostrar o próprio olhar do índio Kanindé sobre sua versão da história. Desde então, o museu dos Kanindé vem chamando atenção, principalmente por suas atividades realizadas em torno da educação escolar indígena e em museologia indígena numa perspectiva coletiva. Essa experiência se tornou referência no Brasil diante das crescentes práticas museológicas de cunho social, não somente dos povos indígenas, mas de outros sujeitos coletivos também. Os Museus Indígenas podem ser entendidos como espaços de relevância para a apropriação da memória e fortalecimento da identidade étnica, particularmente na relação com crianças e jovens, pois através do museu podem salvar e usufruir dos objetos da história que se tem no presente, em consonância com o passado, para poder afirmar no futuro a sua identidade e relações étnicas (SANTOS, 2021, p. 54).

O MK foi a primeira organização educacional e cultural aberta ao povo da Aldeia Fernandes entre os anos de 1995 e 1996. A iniciativa de se criar um Museu indígena refletiu diretamente na organização social do povo Kanindé, que levou a uma percepção da identidade indígena e sua relação com a memória dos mais velhos. Segundo o indígena Cicero

O Museu ele foi criado assim, ele foi colocado as primeiras peças do museu foi colocado uma pedrinha que nos chamava antigamente pedra de rutil, uma pedra que o Cacique Sotero achou na aldeia na época de 60 e guardou essa pedrinha, quando era mais jovem, mais pequeno ele guardou esse pedrinha, que mamãe pediu ele pra guardar aquela pedra que aquela pedra antigamente era uma pedra que os índios escrevia nas outras pedras ai ficava aquele sinal daquela pedra, ela soltava um tinta, ainda hoje ela solta ainda e ele com isso guardou que disse que era coisa de índio de antigamente tinha índio aqui na aldeia, isso é história antepassados, da história mais veia e eu andei muito mais ele, andei muito escutando as conversas dele que eu sou mais nono que ele e com isso eu venho e aprendi muito com ele, e venho repassando pro pessoal mais

novo e pra outras aldeia também a história dos kanindé de Aratuba. Por isso que o museu foi criado de uma pedra e aquela pedra e que hoje tem várias peças no museu né, ele já é um museu já bem conhecido e ali tem todo tipo de experiência, todo tipo de pesquisa, todo tipo de coisas que a gente queira aprender a gente vem ali e já nasce uma história de todo povo da aldeia. (Entrevista, Cicero Pereira, 2021).

Com a história das primeiras peças, percebe-se que cada um dos objetos do Museu tem sua importância e significado. A organização do Museu foi feita por muito tempo pelo próprio cacique<sup>28</sup> de maneira solitária, de acordo com algumas categorias pensadas por ele mesmo. Isso ocorreu desde antes da criação do MK até 2011. Assim, ao organizar o primeiro espaço do Museu que o cacique chamava, de forma carinhosa, de “quartinho” as peças eram separadas em artesanato, caça, agricultura, entre outras. Cacique Sotero, mesmo sem estar circunscrito ao conhecimento museológico ou acadêmico, construiu o MK, que hoje é um exemplo vivo de preservação cultural, ou seja, de como uma cultura vai sendo apresentada, cuidada, nomeada em um processo que depende da materialização do que é relevante para os Kanindé.

O MK hoje tem uma representatividade muito forte na comunidade, porque ele é a maneira de mostrar como esses objetos e como essa memória foi guardada ao longo dos anos, para que as futuras gerações possam ter o conhecimento dessa memória. Assim, nem só os mais velhos são responsáveis por preservar a memória; a geração mais jovem também participa dessa construção ao estar junto no processo aprendendo e também construindo novos significados étnicos. É através dos ensinamentos coletivos e comunitários que a memória, a “tradição viva”, fortalece a nossa identidade.

A memória do nosso povo é garantia de que a história que vem sendo contada pelos mais velhos chegue às futuras gerações, não só através dos objetos e seus significados, mas também por meio de formações dentro da educação escolar indígena. Como veremos no próximo capítulo, esse espaço de ensino possui diferentes atividades e práticas de memória em que tradição oral permanece viva entre os participantes.

O MK, além de ser um espaço que possui histórias (histórias da caça, do artesanato, da agricultura, dos objetos rotineiros) que compreende a cultura, a memória e o que os mais velhos desejam valorizar, é também um espaço de referência da própria cultura do povo Kanindé. Dentro do Museu, os acervos de vários objetos e documentos revelam a marcas do tempo ao longo de 27 anos de luta. Todo esse conhecimento dentro do Museu, não só através dos objetos,

---

<sup>28</sup> Cacique é considerado uma pessoa de muita influência dentro do território do povo Kanindé, pois o Cacique tem o papel de representar seu povo e é também responsável por organizar e cuidar de questões referentes às demandas de sua aldeia, seja ela relacionada a luta pelo território, saúde e educação.

mas também através de documentos históricos e da tradição oral dos mais velhos. Portanto, o Museu Kanindé é um espaço onde o povo Kanindé pode contar sua própria história do seu jeito, do jeito que os Kanindé sabem contar, do modo que eles conhecem a sua própria história.

Segundo o professor Suzenilson Kanindé, o Museu Kanindé:

O MK se deu ao longo desses anos através de muita luta, mas também de conquistas e batalhas. Antigamente o Museu era próximo à casa do Cacique Sotero e por um sistema de ideias até da própria Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, resolveram trazer o museu para próximo da escola, por que o povo Kanindé sentiram a necessidade das crianças e jovens a conhecer um pouco mais próximo a estrutura do que é a cultura, e a memória do povo Kanindé, e ao longo desses anos o museu Kanindé passou por várias formações. Por exemplo em 2011, quando o professor Alexandre Gomes veio fazer sua dissertação de mestrado aqui na comunidade, sobre o museu dos Kanindé, iniciou-se uma formação e uma nova organização, ao longo dos anos conseguiram ganhar o prêmio Pontos de Memória<sup>29</sup>, então, inicia-se ciclos de formação (Entrevista, Suzenilson, 2021).

Os nossos interlocutores, ou seja, as pessoas que foram entrevistadas durante o desenvolvimento da pesquisa, utilizam os termos “memória” e a “história” como elementos que contribuem para proteger o passado e o presente. Eles entendem a história compreendida como a trajetória de vida e de luta de nosso povo. A tradição oral repassada de geração em geração é um mecanismo de manter viva a memória do nosso povo. Vale ressaltar que toda história contada começa a partir da memória, das lembranças do passado. Muitas dessas lembranças foram esquecidas. Os anciões e anciãs utilizam a oralidade para relembrar os caminhos e

---

<sup>29</sup>“O Programa Pontos de Memória nasceu em 2009, resultado da parceria entre os Programas Mais Cultura, do Ministério da Cultura e do Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania – PRONASCI, do Ministério da Justiça, com o objetivo de identificar, apoiar e fortalecer iniciativas de memória e museologia social pautadas na gestão participativa e no vínculo com a comunidade e seu território. O Programa Pontos de Memória tem como objetivo promover ações de reconhecimento e valorização da memória social, de modo que os processos museais protagonizados e desenvolvidos por coletivos culturais e entidades culturais, em seus diversos formatos e tipologias, sejam reconhecidos e valorizados como parte integrante e indispensável da memória social brasileira. As ações desenvolvidas, pautadas no fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias referentes à diversidade social, étnica e cultural do País, visam garantir que o direito à memória seja exercido de forma democrática por indígenas, quilombolas, povos de terreiro, mestres e grupos das culturas populares, urbanas, rurais, de fronteira, e/ou que requerem maior reconhecimento de seus direitos humanos, sociais e culturais. Dessa forma, o Programa Pontos de Memória contribui para o desenvolvimento de uma política pública de direito à memória, com base no Plano Nacional Setorial de Museus – PNM e Plano Nacional de Cultura – PNC, trabalhando a memória como fator de inclusão e transformação social, por meio da integração das diversas iniciativas museais brasileiras. Informações sobre os Pontos de Memória premiados e mapeados pelo Ibram em todo território nacional podem ser acessadas na página do Programa Pontos de Memória que integra o sistema Mapas da Cultura”: <http://pontosdememoria.cultura.gov.br/>, [Instituto Brasileiro de Museus - Ibram](http://www.ibram.org.br/). Publicado em 24/08/2021 18h16 / Atualizado em 25/10/2022 22h45. Disponível em: [Pontos de Memória — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://pontosdememoria.org.br/). Acesso em: 22/01/2023

trajetórias até aqui; nós da nova geração podemos passar a utilizar o texto escrito para conhecer e fortalecer a nossa identidade.

O professor Suzenilson acrescenta dizendo

Foi formado um núcleo, e esse núcleo foi intitulado Núcleo Educativo do Ponto de Memória, o intuito desse núcleo era formar um grupo de alunos da escola e de professores para serem capacitados e estarem trabalhando na área museológica dentro do processo educativo do Museu, então para formar esse grupo de estudo foi chamado vários alunos da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, tanto do ensino fundamental como também do ensino médio. Por tanto a partir desse processo educativo conseguiram formar esses alunos nas áreas de antropologia, arqueologia, fotografias e museus, então a partir daí esses alunos foram se transformando em outros grupos, tiveram outras vivências em outros momentos também. Hoje alguns desses alunos não fazem mais parte do museu educativo, eles se expandiram para outros locais, entraram em universidades com esses conhecimentos práticos da própria cultura e da memória. (Entrevista, Suzenilson, 2021).

Para descrever e refletir sobre memória de um povo, podemos pensar a partir das histórias que são narradas pelas lideranças tradicionais do povo Kanindé, ou seja, as memórias das pessoas que fizeram e fazem parte desse processo de construção de identidade. É por meio da reflexão sobre a memória que conseguimos conhecer as experiências e vivências de nossos ancestrais. A memória traz à tona as vivências dos rezadores, pajés, benzedeiros, lideranças e ancestrais. As histórias do povo Kanindé são narradas através da tradição oral, pois o museu Kanindé não fala por si só, é necessário fazer perguntas aos objetos, como bem diz a tradição dos historiadores.

A história faz parte de nossas vivências, pois ela se eterniza na nossa memória, fazendo com que as histórias dos nossos ancestrais permaneçam “vivos”. A afetividade estabelecida entre a própria memória sobre o Museu e do Museu mexe com as lembranças do passado do povo Kanindé. Assim, “é preciso provocar os poros da pele, afetar os limites entre nós e os objetos” (RAMOS, 2004, p. 83).

#### **4.3 Guardiões da memória: o tempo passado e o tempo presente.**

*Guardiões da memória* são as pessoas mais velhas da aldeia, são as pessoas que guardam valores tradicionais de uma cultura herdada de seus ancestrais. Além disso, os guardiões da memória exercem na formação cultural de crianças e jovens da aldeia.

Para a professora Maria Ivonês, *guardiões da memória* são:

Todas as lideranças indígenas que tem sua própria identidade étnica e cultural e todos os espaços nos quais guardam algo que servirão para fortalecer uma cultura. Cacique, Pajé, lideranças tradicionais e trocos velhos. (Entrevista, 2022).

Os Kanindés tem como *guardiões da memória*: o senhor José Maria Pereira dos Santos,

o cacique Sotero, representando a defesa do território e de seu povo Kanindé; Manoel Constantino da Souza, o pajé Maciel, líder espiritual, responsável por manter viva a memória, o legado histórico-cultural da etnia e o curandeirismo com base no conhecimento de ervas e plantas medicinais; Cícero Pereira dos Santos, liderança viva do povo Kanindé, que fundou a Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA) em 19 de outubro de 1998, que busca e defende o reconhecimento étnico-cultural e os direitos sociais do povo Kanindé permanentemente; Francisco Bernardo da Silva, mas conhecido como “sinhor”.

Desde que passei conviver na aldeia Kanindé juntamente com o meu povo, sempre escutei das pessoas que convivo dentro do território Kanindé que os *guardiões da memória* são as pessoas mais velhas da aldeia que tem uma trajetória de luta e resistência juntamente com o seu povo. Além disso, essas pessoas exercem um papel fundamental na formação da cultura de crianças e jovens na comunidade. Quando me refiro aos *guardiões da memória*, me refiro as pessoas que exercem um papel importantíssimo no território Kanindé e fora dele, são pessoas que estão sempre envolvidos na luta pelo território, no desenvolvimento da educação escolar indígena e também na luta por uma saúde de qualidade para seu povo.

Os mais antigos, que são os guardiões de uma memória silenciada porque não-dita, mantem os segredos mais recônditos destes grupos e são protagonistas das narrativas desta descoberta. Suas memórias são interpretadas de forma a justificar, no presente, a conduta da comunidade em assumir-se herdeira de uma tradição que não se rompeu. (PALITOT, 2009, p. 376).

São por essas razões que destaco essas duas pessoas que além de serem consideradas *guardiões da memória*, e lideranças tradicionais do povo Kanindé, são extremamente importantes para o desenvolvimento da aldeia e por terem uma trajetória de luta e resistência junto ao seu povo. Mas como o protagonismo é mais forte dessas duas pessoas dentro do território Kanindé, por isso que dou destaque para elas, por estarem, mais envolvidos na trajetória de luta de seu povo que é o senhor Cicero Pereira dos Santos e José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero).

Entre os *guardiões da memória* o senhor José Maria Pereira dos Santos exerce uma função primordial na aldeia. Indígena de 80 anos de idade, nasceu na aldeia Fernandes Aratuba-Ce, em quinze de novembro de 1943, descendente da família dos Francisco da etnia Kanindé. Filho de Maria Pereira dos Santos e de Lafaete Francisco dos Santos tem doze irmãos, casou-se com Tereza Pereira dos Santos é pai de cinco filhos e tem catorze netos. Cresceu em meio às matas, acompanhando os pais desde pequeno nas caçadas e nos trabalhos agrícolas nas terras que herdaram de seus antepassados, os três irmãos “Francisco dos Santos”, que compraram a

“quebrada de plantar dos Fernandes” no ano de 1874, onde seus descendentes permaneceram até os dias atuais.

**Figura 7 - José Maria - Cacique Sotero**



Fonte: Nilton Gomes

Cacique Sotero fundamenta-se em saberes e conhecimentos sobre as matas, seus encantos, mistérios e segredos, incorporados nos sentidos dos objetos. Os saberes e técnicas associados à atividade da caça, bem como o material cinegético utilizado (armadilhas), possuem um lugar especial dentre os saberes museológicos indígenas que compartilha. Sua museologia indígena associa-se aos saberes e conhecimentos herdados de seus ancestrais sobre as coisas, a natureza e os seres que nela habitam: bichos, plantas e encantados.

Entre os *guardiões da memória* também destaco, o senhor Cicero Pereira dos Santos exerce uma função primordial na aldeia. Indígena de 71 anos de idade, nasceu na aldeia Fernandes em 08 de agosto de 1952. Filho de Maria Pereira dos Santos e de Lafaete Francisco dos Santos, descendente da família dos Francisco da etnia Kanindé, irmão biológico do Cacique Sotero, casado com sua prima Zenilma Gomes dos Santos, pai de 06 filhos, três homens e três

mulheres, avô de nove netos e dois bisnetos. Além de ser liderança tradicional do povo Kanindé é também um *guardião da memória*, por ser uma pessoa que sempre está junto com o seu povo em busca de melhorias para aldeia.

**Figura 8** - Cicero Pereira, liderança tradicional do povo Kanindé



**Fonte:** Nilton Gomes

Essas duas pessoas representa os *guardiões da memória* do povo Kanindé no momento. Cada um deles tem a sua contribuição na trajetória de luta de seu povo. Sempre nas minhas falas dou destaque para Cicero Pereira e Cacique Sotero, por serem as primeiras pessoas que foram à luta para o autorreconhecimento da identidade do povo Kanindé e por sempre estarem a frente de tudo que foi conquistado dentro do território Kanindé.

Mas vale ressaltar que tem outras pessoas consideradas *guardiões da memória*, como por exemplo José Clovis que leva consigo o saber da caça, Constantino De Sousa Maciel (Pajé Maciel), que leva consigo o saber da espiritualidade, Francisco Bernardo da Silva (Sinhô) e Valdo Teodósio que tem uma trajetória de luta junto ao povo Kanindé.



É importante mencionar que os jovens da aldeia ainda não são nomeados *guardiões da memória*, pois nessa fase eles ainda estão aprendendo junto com os mais velhos, pois os *guardiões* são narradores privilegiados das histórias culturais de um povo, por isso que os mais velhos que são considerados *guardiões da memória*, porque são testemunhas de um tempo passado que nunca se acabou, e não acabou por que os *guardiões* têm a missão de repassar esses saberes para as crianças e os jovens da aldeia.

O Museu também é um *guardião da memória*, pois ele carrega a memória de um saber coletivo e das tradições culturais. O Museu tem a missão de preservar e fortalecer a identidade do povo Kanindé. Além disso, o Museu é um importante instrumento de preservação da memória cultural de um povo, é responsável por seu patrimônio material e imaterial. Nesse contexto o MK exerce um significado extremamente relevante, pois ele é um lugar de conexão entre o passado, presente e futuro, por isso que o Museu é considerado um guardião da memória.

Vale destacar que o MK, tem a função de informar, ensinar e fortalecer por meio dos objetos presentes no acervo e pelas atividades que são realizadas no Museu, pois o Museu é um espaço que desperta a curiosidade, estimular a reflexão e para colaborar para sustentabilidade das transformações culturais.

#### Segundo indígena Reginaldo

Acredito que o museu indígena Kanindé, ele tem alguns traços muito importante nesse contexto realmente de identidade do povo Indígena Kanindé, então em si o museu ele traz uma reflexão bem próxima a nossa história, então quando eu falo da nossa história, falo como referência a história indígena do povo Kanindé e a história de todos as famílias que existem na comunidade, então assim o museu pra mim ele é um ponto muito importante quando se refere às esses processos de identidade, eu me sinto representado pelo museu quando eu chego no museu e consigo visualizar a história do meu povo, mas ao mesmo tempo que vejo a história do meu povo, eu também vejo a minha própria história, sendo que é dentro da comunidade a gente trabalha em vários aspectos. Como essa questão da própria caça, a questão da agricultura, então tudo isso está representado no museu, então assim acredito que o museu ele é uma identidade, tanto no contexto pessoal, como também no contexto social do povo indígena kanindé, acho que o museu tem um pouquinho de cada um de nós que fazemos parte do povo indígena Kanindé de Aratuba. (Entrevista, Reginaldo Kanindé, 2022)

O Museu tem importância dentro do contexto social, então, o Museu em si é considerada como uma parte da Escola. A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, também tem esse “braço”, como a gente costuma dizer. O Museu dá uma amplitude muito grande para se trabalhar o contexto histórico do povo indígena Kanindé. A partir da relação entre Escola e Museu, os nossos alunos conseguem desenvolver habilidades e atividades de autorreconhecimento, ou seja, a prática de reconhecimento da sua própria história, pois essas

atividades possibilitam que o aluno conheça como foi a trajetória de vida das pessoas mais velhas da aldeia, como por exemplo: a forma que se alimentavam, os tipos de objetos que manuseavam para trabalhar na agricultura, os tipos de animais que predomina no território Kanindé, conhecem as pessoas que iniciaram a luta pelo reconhecimento enquanto indígena. Lembro também que durante a aula desenvolvida pelo professor Paulo no Museu, ele inicia sua aula falando da criação do Museu, fala sobre a pessoa que foi responsável por essa criação, em seguida conta para os alunos as histórias dos objetos que estão ali presentes. E inicia com a história da primeira pedra que foi encontrado por cacique Sotero e fala o que ela representa para o povo Kanindé e a sua história.

À medida que realizamos estudos guiados, os/as alunos/as conseguem vivenciar dentro do Museu suas histórias e memórias. Não sendo preciso se deslocar para outras cidades e territórios. O Museu tem uma dimensão que abrange os aspectos interdisciplinar, podemos trabalhar matemática com peças de artesanato, com cerâmicas e pinturas, com esses artefatos podemos ensinar sobre medidas e ângulos. Pelo método do espalhamento realizado pelo cacique Sotero, envolve os estudos das ciências biológicas. Através das peças coletadas pelo cacique Sotero, nós trabalhamos a territorialização, o processo de construção e a importância de contextualizar esses objetos.

Segundo Reginaldo Kanindé o Museu é amplo e pode-se relacionar diretamente com a educação e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC traz a parte diversificada que contempla a educação para a população indígena.

Eu acho que o museu ele dar várias e várias possibilidades, levando em conta partida a própria oca que é um local que pode realizar vários momentos de conversa com os alunos e com as lideranças, então acho que o museu ele tem muitas conexões que a gente pode trabalhar esse contexto do museu e escola como a gente vem desenvolvendo ao longo do tempo. (Entrevista, Reginaldo Kanindé, 2022)

O Museu Kanindé representa o passado do meu povo, tendo uma representação significativa para nós, além de preservar elementos do “nosso passado”. Segundo Paulo Kanindé:

O museu do povo Kanindé é uma forma de identificação é uma identidade indígena que nos transmite saberes, que nos transmite algo relacionado a história, a vivência, a tradição e a cultura do povo Kanindé. (Entrevista, Paulo Kanindé, 2022)

Os nossos alunos sempre se perguntam “como a gente chegou aqui, buscando entender as origens do nosso povo. Desse modo, entender a história do povo é uma possibilidade de se afirmar enquanto indígena. Paulo Kanindé acrescenta

Então de acordo com a história do povo Kanindé a gente já vivencia isso através do museu, o museu tem seus relatos, documentários, de como os nossos antepassados chegaram aqui, através do museu a gente também pode tá vivenciando com nossos alunos a tradição, a própria vivência do povo, a própria sobrevivência no caso. Quando nossos antepassados chegaram aqui faziam o básico da alimentação que era a caça e posteriormente foram adquiridas algumas sementes de fava e de milho, na qual foi feito os primeiros roçados no território do rajado e com isso nossos antepassados utilizavam o básico, a alimentação era através do milho e a fava, e também utilizavam as caças, caça essa que tem sua retratação no museu. (Entrevista, Paulo Kanindé, 2022)

Outra contribuição importante para seguirmos a discussão é do indígena Elenilson Kanindé,

Eu costumo sempre falar do museu fazendo referência a fala de uma liderança do povo Kanindé, que é seu Cícero, que ele fala que o museu é pai, que o museu é mãe, o museu é a base identitária do povo kanindé, o museu hoje ele tem uma simbologia muito grande não só dentro dos processos educacionais do povo kanindé, mas soa como tudo um espaço interdisciplinar que fortalece as práticas educativas da escola isso transformando todo aquele espaço num espaço de vivência, num grande acervo pedagógico para o ensino dentro da escola e para a comunidade o museu representa toda ancestralidade, ele representa todas as vivências, ele representa todas as lutas é lá que está contido a história do povo, é lá que está contido todos os elementos que fundamentam sobretudo a existência desse povo enquanto povo. (Entrevista, Elenilson Kanindé, 2022).

Para Elenilson, o Museu está vinculado a ideia de ancestralidade de maternidade e paternidade, de origem e nascimento de um povo. Como um grande símbolo de espaço institucional, o Museu é uma extensão da Escola, assim como a Escola é uma extensão do Museu. As práticas educativas, como já citadas anteriormente, são recorrentes para a transformação e vivências dentro da comunidade. Há uma relação forte entre Museu e educação formal do povo Kanindé.

A construção de narrativas sobre a história do Museu torna-se importante para o povo Kanindé, à medida que o uso da memória como fonte história é interpretada e construída pelo próprio povo Kanindé. Compartilhamos também do pensamento de autorreconhecimento de um povo, do espaço que vivem, das origens familiares e dos traços culturais que herdamos dos nossos ancestrais.

## **5. O MUSEU COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E O VÍNCULO COM A ESCOLA KANINDÉ**

Nesse capítulo apresentaremos as práticas educacionais que são desenvolvidas por professores indígenas Kanindé no espaço do MK. Assim, buscamos encontrar elementos que consigam preservar e valorizar a educação indígena no espaço do Museu. Ao longo do texto, para fazer essa relação entre a Escola e Museu, analisamos o projeto político pedagógico (PPP) e realizamos uma pesquisa de campo em uma visita guiada organizada pelos professores da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Temos, portanto, como objetivo deste capítulo apresentar como se construiu a relação entre Escola e Museu visando a uma educação dos jovens indígenas Kanindé.

### **5.1 Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.**

Segundo as lideranças tradicionais do povo Kanindé e os professores indígenas, a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos nasceu de uma ação autônoma da comunidade e da resistência do povo Kanindé de Aratuba, zona rural do Ceará. O maior objetivo da comunidade era perpetuar a cultura indígena e os direitos elementares dentro do seu território. Para o povo Kanindé a Escola não é só uma instituição de ensino, mas uma fonte de vivências, uma fonte de pesquisas em um centro de formação de lideranças indígenas, mas principalmente um espaço de experiência sobre a vida em comunidade. Além dos conteúdos básicos, os alunos estudam sua cultura resgatando alimentos, objetos que fazem parte da trajetória de vida do povo Kanindé, os hábitos e tudo isso em um ambiente essencialmente indígena, onde tudo é compartilhado e tudo gira em torno do respeito ao outro e a natureza. O objetivo da Escola é juntar a tradição e a cultura indígena que é rica em experiências de vida em comunidade. O processo de luta pela educação escolar indígena dos Kanindés, iniciou-se em 1999, quando lideranças tradicionais passaram a reivindicar os direitos a uma educação específica e diferenciada, que pudesse contemplar as necessidades do povo Kanindé de Aratuba.

No Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, encontramos definição de *educação indígena*<sup>30</sup> e principalmente elementos que colaboram com

---

<sup>30</sup> “Educação indígena é uma educação voltada para os povos indígenas e é uma educação que respeita as especificidades culturais de etnia, além disso, é uma educação que tem como objetivo preservar as culturas tradicionais. Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia

a cultura do povo Kanindé: Entre o povo Kanindé, a educação se assenta em princípios que lhes são próprios, dentre os quais: a Escola tem a missão de ofertar para os alunos uma educação que valorize a cultura em suas diversas áreas do conhecimento e desenvolver uma educação que proporcione ao aluno capacidades e habilidades para atender as demandas da comunidade diante da sociedade.

No PPP, apresenta-se o histórico da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em que se destaca a ligação direta as ações de cultura e patrimônio voltadas à atividade educativas através da museologia social desenvolvidas pelo ponto de memória: Museu indígena kanindé que, serve como uma biblioteca onde os alunos indígenas fazem pesquisas e ficam conhecendo a história do povo e sua origem. No Museu existem objetos representativos das caças que ainda existe na comunidade, peças de artesanato que são feitas por um grupo de índios kanindé, que trabalham com madeira, fotos e jornais. Atividades realizadas na parceria MK e Escola indígena kanindé merecem destaque, porque demonstram o atual momento de desenvolvimento em que está a proposta museológica indígena em consonância com a proposta pedagógica da Escola indígena Manoel Francisco dos Santos, tais como: Palestras com *guardiões da memória*; Oficinas; Cursos; Exposições; Eventos culturais e esportivos; Seminários; Sessões de cinema e Assembleias.

O professor Suzenilson costuma dizer que o espaço formativo do Museu é um espaço sobretudo de reflexão para novas gerações. Desse modo, sua fala está relacionada com o incentivo de práticas educativas e também educação patrimonial entre a juventude. A interligação entre saberes ancestrais da comunidade com os saberes pedagógicos científicos fortalece a educação indígena do povo Kanindé. Os saberes ancestrais transmitidos por meio da tradição oral, das ações culturais entre os Kanindés, são transmitidos para as novas gerações. Segundo Elenilson os saberes

são utilizado pelos professores juntamente com esses saberes tido ancestrais que são os saberes culturais, que são os saberes que as lideranças têm que passar e passaram na verdade esses conhecimento para as gerações presentes, não vou nem falar das gerações futuras não, porque a intencionalidade maior dos processos formativos que o museu representa hoje dentro da comunidade e para o povo Kanindé é sobretudo de formar as gerações presentes para que essas pessoas eles possam multiplicar tudo isso não só nos espaços educativos da escola, mas também em toda comunidade, sobretudo pensando num contexto bem maior de que a escola de que o museu é toda a comunidade, o museu ele não está preso só nas peças, na coisas materiais, o museu para povo Kanindé sobretudo todos os elementos imateriais que tão contido dentro das vivências, dentro dos diálogos, dentro dos saberes dos antigos, tudo isso

entrelaçado também com as formações sociais, as transformações culturais que vem ocorrendo ao longo dos anos e tudo isso dentro de um processo histórico nada mais é um processo de formação identitária e formação cultural, mas acredito que o museu ele representa sobretudo isso para o povo Kanindé, fortalecendo essa vivência, fortalecendo esse laço realmente de pai esse laço de mãe, porque esse sentimento faz com que você cuide, acredito que quando Cícero ele coloca e fala dessa maneira ele quer dizer que a gente deva cuidar desse espaço como cuida da nossa mãe, como cuida do nosso pai, como cuida do nosso filhos, porque o sentimento maior realmente quem tem é que resiste aos tempos que dão origem a existência do povo Kanindé e de cuidar do outro, acredito quando ele fala isso no sentido que a gente deva cuidar e preservar realmente de fato o museu Kanindé. (Entrevista, Elenilson Kanindé, 2022)

Analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, observamos a presença da memória e da identidade ao longo do tempo da aldeia, como uma estratégia de romper com o silêncio da história do povo Kanindé. O PPP como um instrumento escolar fortalece a mobilização e ocupação dos espaços dentro da aldeia. Além disso, foi possível analisar que as atividades que são propostas dentro do PPP têm uma forte ligação com o Museu, pois algumas temáticas trabalhadas em sala de aula têm como referência o desenvolvimento de atividades a partir dos objetos que estão no Museu.

É importante mencionar que origem das primeiras mobilizações para a construção do espaço escolar, deu-se entre o povo Kanindé e o secretário de educação do município de Aratuba. Desse modo,

Foi a partir dessa reunião que muitas coisas puderam acontecer para o desenvolvimento da Escola Kanindé, após várias discursões o secretário de educação do município não queria aceitar que as crianças saíssem da escola municipal para a Escola indígena, o mesmo chegou a dar uma sugestão para que os professores indígenas kanindé Suzenilson Santos e Elenilson Gomes passassem a lecionar na escola municipal com as disciplinas de arte e religião, os mesmos não aceitaram “estávamos decididos a ter nossos direitos reconhecidos” (Suzenilson Santos), e ocupar um espaço que de fato era dos índios Kanindé, de passarem por muitas negociações. (PPP, 2015, p. 12)

A busca por uma educação formal, como um processo de educação significativo para o povo Kanindé é um projeto coletivo da comunidade escolar. A construção da proposta curricular define o caráter educacional da Escola indígena.

Na medida em que compreendemos a educação como um ato político, concomitantemente entendemos que nossas práticas pedagógicas refletem nossa visão de mundo, portanto nossas ações educativas revelam nossas intenções, por isso mesmo estaremos constantemente nos policiando para não colaborarmos na inculcação da ideologia dominante do capital que se propaga entre outros meios pela escola. Nessa dimensão a escola deverá se concretizar como um espaço propício à criação de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento do educando, onde estes pelo seu crescimento intelectual poderão contribuir nas tomadas de decisões e nos processos de emancipação da nossa comunidade e da sociedade envolvente. Investiremos numa educação libertadora que respeite as diferenças e limitações de

cada ser, que transforme o indivíduo indígena em sujeito do seu próprio desenvolvimento, conhecedor e operador da realidade que o cerca. (PPP, 2015, p. 06).

Assim, o currículo escolar como uma proposta de educação pautada nos conhecimentos indígenas do povo Kanindé, direcionada para a realização de atividades ligadas ao Museu Indígena Kanindé. A ação museológica com ações lideradas pelos *guardiões da memória*, palestras, oficinas, cursos, aulas de campo são algumas ações que interliga os dois espaços na aldeia.

Logo abaixo mostrarei os temas do currículo escolar que são ligados ao Museu e que são trabalhados na Escola e que abrange as turmas da educação infantil ao ensino médio.

1. Identidade do povo Kaninde.
2. Artes visuais “produções artística indígena”;
3. Tipos de artesanato do povo Kanindé;
4. Poesias e cordéis indígena;
5. Desenhos indígenas;
6. O corpo como instrumento de produção na vida do índio;
7. A simbologia e a espiritualidade das pinturas, os significados das pinturas corporais e seus usos, tipos de pinturas corporais e os momentos de uso;
8. Ritual do toré “Origem do ritual do toré e sua importância para o povo Kanindé”;
9. Os significados das músicas do toré. (Cantigas e produções de músicas e orações do toré);
10. Espiritualidade - As ciências medicinais;
11. Plantas medicinais e o poder da cura “atividade de pesquisa”;
12. Religiões do povo Kanindé;
13. Resadeiras e parteiras da aldeia;
14. Luta e resistência;
15. Populações indígenas e seus modos de sobrevivência;
16. Cultura e tradições dos indígenas;
17. Organização do povo Kaninde;
18. Costumes e tradições (valorização);

Bom como podemos ver acima, essas são as temáticas abordadas no currículo escolar. Podemos ver que cada tema tem uma ligação como o Museu, como por exemplo o tema 1 que trabalha a identidade do povo Kanindé, então podemos está desenvolvendo essa temática no espaço do Museu, por que lá podemos encontrar objetos contam a nossa própria história, como

a maraca que é usada no ritual do toré, as caças que fazem parte da nossa alimentação tradicional do povo Kanindé e artesanato que é produzido pelas pessoas da aldeia e entre outros objetos.

Os saberes produzidos entre professores/as, alunos/as, famílias, aldeia e lideranças locais é previsto no PPP como uma atividade necessária. Conforme o Projeto Político Pedagógico:

O tempo comunidade tem como função principal de garantir dentro da proposta pedagógicas disciplinas e conteúdos voltados especificamente indígenas e estas atividades necessitam ser realizadas fora da escola pois se entende que estes saberes estão contidos em espaços, lugares sagrados e pessoas velhas da aldeia, justificando deste modo a necessidade da escola e sala de aula se tornarem neste momento insuficiente para atender os objetivos das aulas, deste modo a sala de aula passar a ser a própria aldeia que é onde está localizado, disposto e vivenciados todos os saberes indígenas (PPP, 2015 p. 18).

Diversos projetos integradores se fazem presentes no chão da Escola, produzindo saberes entre Museu e Escola. Os saberes tradicionais indígenas envolvem a aldeia conectando o ensino e aprendizagem. Os projetos interdisciplinares tendo com foco formar novas lideranças locais, são previstos no PPP.

Formar lideranças Kanindé para o movimento indígena com finalidade de enriquecer o seu conhecimento sobre o movimento indígena Kanindé, estabelecendo diretrizes, e propostas de ações para melhor se organizarem e se sistematizarem, atividades que venha a subsidiar o desenvolvimento dor grupo de jovens. (PPP, 2015, p. 146)

Como destaca o indígena Elenilson Kanindé, enquanto professor e liderança local, acrescenta:

Acredito que na condição de educador a intencionalidade maior de se ter uma proposta pedagógica voltada de certa maneira a interculturalidade, as vivências da aldeia, acredito que uma atividade primeira que deveria ser elaborada dentro do museu seria de pensar como a historiografia ela serviu para o processo de identificação do povo Kanindé. Então você poderia fazer uma análise documental inicialmente, isso também iria depender da turma, vamos supor que a gente tivesse trabalhando com uma turma de ensino fundamental anos finais, ou ensino médio, que são as turmas mais orientadas que já são de adolescentes, acredito que uma atividade grande de análise documental da parte escrita que se tem no museu, seria uma primeira atividade de um processo de identificar como se construiu essa identidade do povo Kanindé a partir dos relatos, a partir das peças, de jornais que se tem lá, dos documentos exposto no acervo do museu, como uma introdução para poder chegar realmente de fato o que leva o museu representar hoje o povo Kanindé, então essa atividade inicial ele ia servir, inicialmente para ver os protagonistas desse processo, isso eu tô falando de uma aula de história e essa aula ela poderia ser de dividida em várias categorias por que você poderia pegar esse material de produção e também fazer uma análise também dentro da língua portuguesa por que quando você vai ler um jornal e o jornal na grande maioria das vezes as peças que estão exposta no museu, ele deixou a fala do Cacique, ele deixou a fala da lideranças da maneira que eles falaram, então você poderia também usar isso como um material para uma aula de português por exemplo da linguagem do povo Kanindé, mas voltando ao termo de história, fazendo essa análise



inicial você iria trabalhar a trajetória do povo Kanindé, nas lutas identitária, nas trajetórias do povo Kanindé pela luta por dever, por direitos à saúde, por direito a terra e acredito, eu agora to escrevendo e to falando sobre, na verdade to introduzindo um novo termo educacional para o museu dizendo que o museu é o principal material didático para a formação indígena, dentro da escola, porque o museu ele é de fato um referencial para todas as práticas ligadas a questão indígena desse processo educacional e eu acredito que aula e iria se estender dentro de um contexto de se transformar de fato em um aula intercultural onde você poderia trabalhar não só a história, mas a partir das peças que estão lá no museu, você trabalhar matemática a partir dos desenhos, dos traços que se tem na pinturas externas, nas pinturas internas do museu, você introduzir tudo isso as práticas da etnomatemática indígena, você trabalhar a biodiversidade dos pássaros, das caças, dos tipos de madeira que se faz os artesanatos, as sementes que estão lá e tudo isso dentro de contexto de uma formação plural, eu acredito que essa formação cultural é que de fato vai formar o verdadeiro cidadão indígenas. (Entrevista, Elenilson Kanindé, 2022).

A fala de Elenilson nos possibilita compreender a categoria da *interculturalidade* como ferramenta antropológica de fortalecimento da identificação do povo Kanindé dentro de um processo educacional, presente no PPP.

Conforme a fala do professor Elenilson, a interculturalidade se baseia no diálogo entre as culturas que tem como objetivo mostrar os costumes de um povo e principalmente a forma como elas são praticadas dentro de um território indígena. Dando continuidade a esse pensamento, pode se dizer que a interculturalidade é uma variedade de cultura e quando penso dessa forma vejo que podemos encontrar essa cultura no espaço do Museu, pois ele é um espaço que dialoga com os saberes da aldeia. Com base nessa fala acredito que a interculturalidade é assunção das práticas educativas que são desenvolvidas na Escola com as práticas culturais, pois o Museu tem uma forte ligação com a Escola, fazendo ambos parte de uma sociedade atual.

Portanto com base na colocação do professor Elenilson Gomes, podemos perceber que presença do Museu nas atividades escolares é um dos caminhos encontrados pelos professores Kanindé como um processo de identificação da memória, da sabedoria indígena e da construção da identidade. Quando os/as professores/as recorrem o uso da memória do Museu, do seu acervo, como mecanismo de representação do povo Kanindé, estamos falando aqui da concretização da própria memória como uma categoria de preservação da identidade. Por meio de ações educativas e ações culturais a relação entre Escola indígena e Museu Kanindé ganham lugar de destaque na educação formal na aldeia. Como podemos ver na imagem abaixo que mostra o professor Paulo realizando um momento de aula no espaço do Museu que teve como objetivo falar para as crianças a história dos objetos que a li estavam presentes naquela parede. Nesse momento ele fala sobre o artesanato que ali está presente, e ainda ressalta que a maioria desse artesanato ainda é produzido por algumas pessoas da aldeia.

**Figura 9** - Aula de Arte e cultura - realizada pelo professor Paulo



**Fonte:** Própria autora - Joselane

Essa aula aconteceu no dia 1 de março de 2023, na qual o professor mencionado levou a turma do 5º ano para o Museu para que os estudantes pudessem conhecer a história desses objetos e a importância que eles têm para o povo Kanindé, foi um momento muito importante pois pude ver o quanto os alunos estavam atentos escutando as explicações do professor.

## **5.2 Entre a Escola Indígena e o Museu Kanindé: ações educativas e culturais.**

Nesse tópico trago algumas informações sobre ações educativas que aconteceram na aldeia Kanindé, ou seja, sobre algumas formações que aconteceram no espaço do Museu tanto na antiga sede como também no espaço atual do Museu, entre as elas destaco duas que acredito que foram de extrema importância para o povo Kanindé, uma que foi realizada pelo professor Alexandre Gomes que desenvolveu um trabalho riquíssimo da comunidade e este trabalho visava a elaboração da documentação museológica do Museu Kanindé. Destaco também a formação realizada pelo professor Antonio Nilton Gomes que realizou um trabalho belíssimo com um grupo de estudantes e tinha como objetivo registrar a história do Museu através de pesquisas e entrevistas com os *guardiões da memória*.

Durante a primeira geração desenvolvemos várias atividades de cunho organizacional do espaço museológico, nos desdobramentos dos trabalhos de

pesquisa do antropólogo Alexandre Gomes sobre o significado do Museu dos Kanindé, neste período desenvolvemos os trabalhos que se desdobram em torno da: identificação, mapeamento, Higienização, preenchimento de fichas de catalogação e identificação, processos de marcação e etiquetagem dos objetos "peças" onde foram desenvolvidos todas as atividades em torno do inventário participativo do MK. Além disso realizamos formações em torno da discussão dos processos acadêmicos para uma inteiração dos processos onde participamos de oficinas sobre: Antropologia, Museologia, Arqueologia, Patrimônio e Memória, Fotografia, História Local, além de termos participado do projeto de elaboração estrutural de uma nova sede para o museu kanindé. Na segunda Geração que durou de 2016 a 2019 realizamos mais uma vez formações em torno dos saberes indígenas e dos saberes museológicos envolvendo oficinas direcionadas aos saberes dos guardiões da memória Kanindé para a fixação do conhecimento dos monitores desta época, participamos também de atividades em parceria com a escola na proporção e realização de levar os guardiões da memória a participar seus saberes aos alunos que lecionam neste período. Participamos também de movimentos para além da comunidade, como formações de gestores indígenas no Ceará e dos fóruns estaduais e nacionais de museus indígenas. Atualmente estamos desenvolvendo o programa de formação da terceira turma, ou seja, a terceira geração de monitores do museu Kanindé, que estão sendo formados e habilitados através de uma formação para atuarem nos trabalhos de organização museológica do museu dos Kanindé. (Entrevista, Suzenilson, 2021)

Entre março e agosto de 2011, Alexandre Gomes, então mestrando em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, desenvolveu um trabalho visando a elaboração da documentação museológica do MK. O principal objetivo era fazer o inventário de peças, identificando, classificando e contabilizando as peças. Formou-se um “grupo de trabalho” (GT), composto por estudantes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, entre 13 e 17 anos. Desde o início, a equipe foi capacitada com o propósito de tornar-se o núcleo educativo ou pedagógico do MK. O professor Suzenilson Santos, hoje mestre em Humanidades pela UNILAB, que acompanhou o trabalho, vem atuando desde então como coordenador do núcleo educativo organizado nesse processo de pesquisa e ação museológica.

**Figura 10** -Alunos da Escola e professor Alexandre Gomes



**Fonte:** Suzenilson Kaninde

Essa fotografia mostra a foto dos estudantes que participaram do grupo de trabalho coordenado pelo professor Alexandre Gomes. Essa formação tinha o intuito de criar o núcleo educativo do Museu: eram alunos que passaram por um processo de formação e o trabalho desenvolvido com esses alunos tinha como objetivo fazer um inventário das peças do Museu, ou seja, fazer um trabalho de identificação das peças, classificação e contabilização das peças. O Museu tem um papel fundamental para povo Kanindé por contribuir inclusive na formação de crianças e adolescentes.

**Figura 11** - Primeiro grupo de estudantes que participaram das formações do Museu.

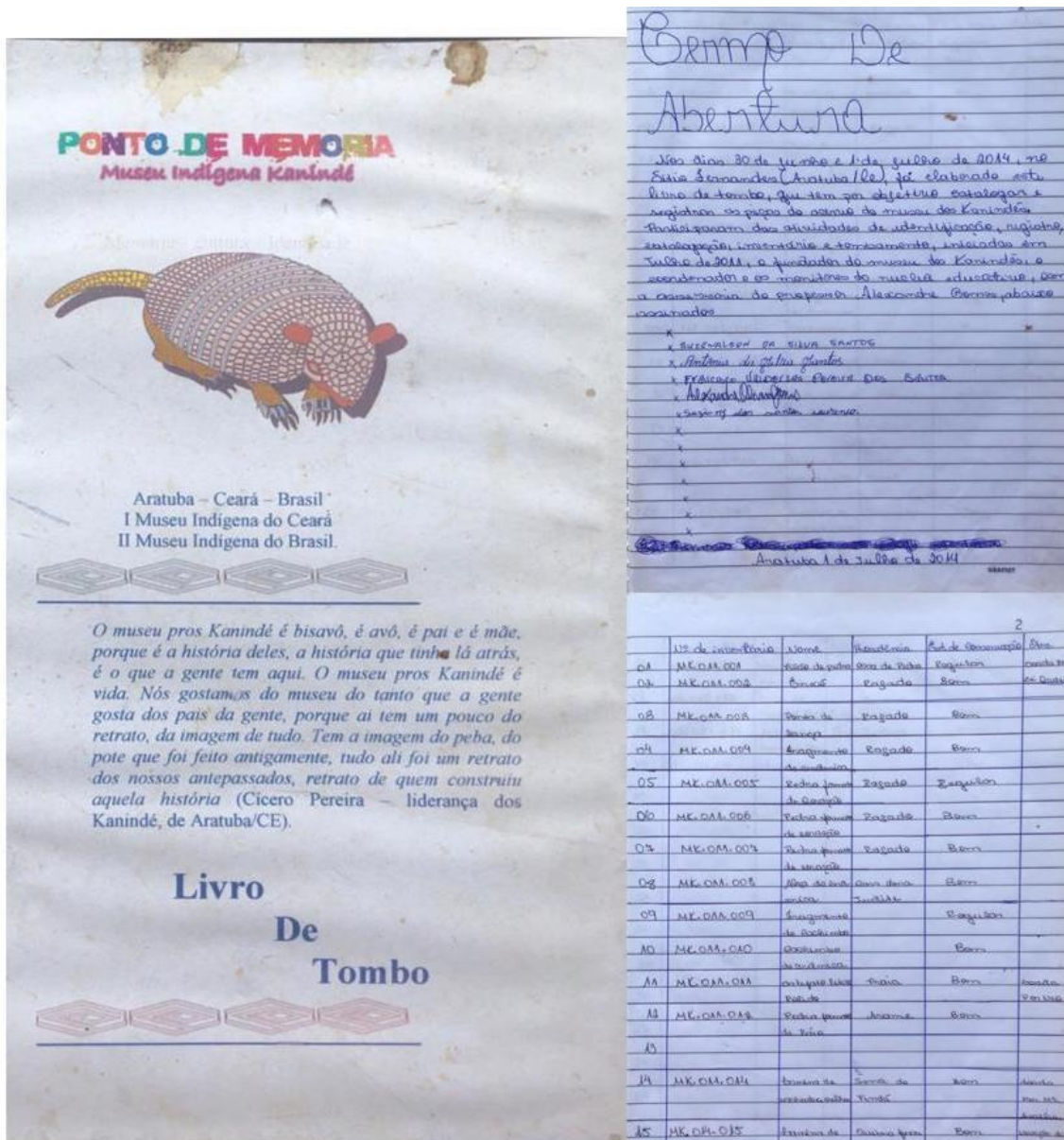


**Fonte:** Suzenilson Kaninde

Essa imagem mostra os alunos já no processo de formação, na qual tinha como objetivo fazer a elaboração da documentação dos objetos do acervo do Museu e esse momento foi realizado pela primeira turma de monitores do Museu. Estavam presentes nesse momento a aluna, Antonia, Camila, Nayara, Rita e o professor Alexandre Gomes como mediador desse processo de formação e os alunos da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.

O grupo de jovens passou por uma capacitação de três dias antes de iniciar os trabalhos práticos no acervo, sob orientação do professor Alexandre Gomes, nas dependências da Escola e do Museu. A formação se deu por metodologias teóricas e práticas através de desenhos, contação de histórias, vivências e significados de objetos. Durante a formação, foram feitos alguns procedimentos básicos e criados alguns documentos, como o Livro de Tombo e as fichas de registro de peças. Por fim, exercícios práticos de registro de peças a partir das várias fases do processo de documentação: identificação, preenchimento da ficha, registro fotográfico, marcação (definição de número de inventário) e tombamento.

**Figura 12 - Livro de Tombo utilizado para fazer o registro do acervo do Museu.**



**Fonte:** Documentos Museu Kanindé

No final da formação foi estabelecida uma rotina de trabalho diário pelas manhãs (das 7h às 11h:30min), com os estudantes sendo divididos em escalas. É importante destacar que, às tardes, todos estudavam na Escola indígena, entre 6º e 9º ano. É importante destacar que durante a formação também teve a presença dos *guardiões da memória* que foi parte fundamental na construção da organização do GT.

A partir dos trabalhos realizados quando Gomes residiu na aldeia Fernandes, iniciaram-se uma série de atividades voltadas à formação para a ação e gestão museológica. Iniciou-se a capacitação do núcleo gestor e educativo, com os cursos “História Indígena” (para professores)

e “Inventário Participativo do MK” (para estudantes). Foi feita a higienização, identificação, registro e catalogação do acervo de objetos do MK. Contabilizaram 430 peças. Elaborou-se um Esquema Classificatório para o acervo, dividido em três grandes coleções: 1. Bibliográfica (livros, publicações, revistas, catálogos e congêneres); 2. Arquivística (documentos de variados tipos, manuscritos, impressos e hemerográficos); 3. Objetos (peças não-manuscritas ou impressas). Foram definidas, para a coleção de objetos, as seguintes categorias:

**Figura 13** - Técnicas artesanais feitas de palha. Fonte: Acervo Museu Kanindé



**Fonte:** Acervo museu Kanindé (2022)

**Figura 14** -Técnicas artesanais: Adorno corporal e escultura em madeira.



**Fonte:** Acervo museu Kanindé (2022)

**Figura 15** - Instrumentos musicais - Utilizado ritual do toré - Maracas.



**Fonte:** Acervo museu Kanindé (2022)



**Figura 16** - Coisas dos mais velhos: Instrumento de trabalho, doméstico e pessoal.



**Fonte:** Acervo museu Kanindé (2022)

Instrumentos de trabalho utilizados na agricultura pelo povo Kanindé. E nessa imagem também mostra uma ferramenta que era muito utilizada pelas famílias para moer milho que é um dos alimentos tradicional do povo Kanindé. Uma história que sempre escuto da minha sogra (Maria Zenilma) que ela sempre acorda cedo para moer milho, pois era o primeiro alimento que sua família consumia. E mesmo depois de casada ela ainda fazia essa atividade para poder dar de alimento para seus filhos.

As caças são comuns no território do povo Kanindé e também fazem parte da alimentação tradicional do povo. Cada objeto presente no acervo do museu, conta uma história que representa os costumes, as tradições, a cultura e identidade do povo Kanindé, a maioria desses objetos traz a trajetória de vida e do cotidiano da aldeia, como por exemplo os animais que estão no acervo, pois cada um desses animais tem um significado porque representa a cultura alimentar de um povo, além do território, dos lugares sagrados, a memória dos mais velhos e seus costumes.

Como podemos ver na imagem abaixo, ela mostra algumas espécies de animais que fazem parte do território e que também faz parte da alimentação tradicional do povo Kanindé, como exemplo, *gato do mato* e *tamanduá*.

**Figura 17** - Acervo coisas das matas dos Kanindé: animais de caça. Acervo Museu



Fonte: Acervo museu Kanindé (2022)

Registro fotográfico de documentos e imagens de momentos e acontecimentos importantes que aconteceram entre o povo Kanindé dentro da aldeia e fora dela.

**Figura 18** - Registros importantes do povo Kanindé (Histórias e Memórias). Acervo Museu



Fonte: Acervo museu Kanindé (2022)

Neste mesmo processo, foi elaborada parte da documentação museológica do Museu dos Kanindé. O MK vem realizando um importante papel no fomento à salvaguarda, pesquisa

e comunicação de seu acervo. É importante destacar que os grupos existentes sempre tiveram essa preocupação de possibilitar que jovens capacitados atuassem junto ao museu, como forma de estimular o protagonismo juvenil na aldeia. Portanto, da primeira geração do Núcleo Educativo, criado em 2011 e que atuou por aproximadamente 5 anos, grande parte dos integrantes hoje são estudantes universitários e contribuíram diretamente com atividades voltadas ao Museu e Escola.

“A primeira geração dos monitores do museu Kanindé durou entre os anos de 2011 a 2016 e durante todo esse percurso foi formado por: Antônia da Silva Santos, Antônia Leila Souza Costa Santos, Antônia Dhessica Barroso da Silva, Camila Gomes da Silva, Rildelene dos Santos Silva, Samara Lourenço dos Santos, Nayara Sousa dos Santos, Rita de Cássia Gomes Nascimento, Antônio Josuelo Aprígio de Souza , Breno Rocha Santos, Francisco Evenilson da Silva Vieira<sup>36</sup>, Francisco Nedson Gomes Batista , Francisco Wagner Pereira Lopes, Francisco Valdelan Pereira dos Santos , Jasiel Cruz da Silva, Paulo Sergio Santos Silva e Suziany dos Santos Lourenço”. (SANTOS, 2021, p. 126).

Para o cacique Sotero, o Museu Indígena Kanindé é muito mais do que um Museu. Ele o considera como a sua família. O Museu, enquanto uma categoria de família, envolve identidade e sobretudo uma relação afetiva com cada peça recolhida e arquivada ao longo do tempo.

Primeiro o Museu teve lugar na sala de sua casa, como já dissemos nos capítulos anteriores. Após a saída do Museu das proximidades de sua residência, passou a formar uma nova coleção. Hoje, o cacique já possui várias peças expostas na sala que, em um novo e atual contexto organizacional, pode ser considerada uma extensão do Museu Kanindé. Cacique Sotero nos conta:

[...]É um amor e aquele amor que a gente tem por aquelas peças é o amor que a gente tem pra apresentar aquela história pra que chega e pergunta o que é aquele unificado? Vocês vendo aquele unificado, hoje das peças do nosso museu é muito interessante quando vocês ver essas caças, essas pele de coisa, tudo no nosso museu que se você for na minha casa eu não sei ficar sem o museu. Chorei muito quando o museu saiu da minha casa que veio cá pra escola. Hoje quando eu conto a história tenho aquilo no meu coração, mais o amor é tão grande por um museu, uma história de um museu, que eu não deixo de possuir um museu lá em casa, eu não tirei as peças do museu e deixei e levei pra minha casa, são as mesmas, quais as mesmas peças que eu faço todo o sacrifício pra adquirir e butar e amostrar aquelas peças na minha casa né, que as peças mesmo tão no museu. Mais o meu gosto, aquele meu bem querer, como um filho daqueles que a gente quer bem, bem mesmo, e o museu na minha casa pra eu ficar zelando, ficar limpando e ficar conversando com aquelas peças, como eu converso com vocês. (Entrevista, Cacique Sotero, 2021)<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Entrevista com o Cacique Sotero, guardião da memória do povo Kanindé, realizada por Joselane Lima da Silva Santos, em 17 de julho de 2021.

Neste contexto, percebe-se o amor do Cacique Sotero pelas peças existentes no Museu, seu profundo “unificado” e a ligação espiritual evidenciada quando ele destaca o fato de conversar com as peças. Em sua concepção de Museu, destaca também o fato importante de tratá-lo como um filho, um aspecto que sempre fica bem descrito em seus relatos. É bem interessante, porque realmente a sala da residência do cacique foi, pouco a pouco após a saída do acervo para a sede própria do Museu, se enchendo de vários artefatos colocados nas paredes, como cocares, fotos, artesanatos, brincos, filtro dos sonhos, entre outros objetos. Hoje o cacique vive com sua esposa, Tereza Soares, que é artesã e fabrica manualmente cocares, colares e brincos. É algo muito bonito de se ver os dois em um ambiente em que parecem interagir de forma tão natural que é como se eles não conseguissem viver sem o contato com aquelas peças, e junto com elas, formassem uma família.

Hoje, o Museu indígena do povo Kanindé, como cita o cacique Sotero, está bem diferente. Porém, um fator em comum desde seu início é a sua profunda ligação com as demais instituições de organização comunitária que fortalecem à luta e resistência do nosso povo. Junto com o Museu, temos duas instâncias de organização que merecem destaque: a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, que como estamos mostrando neste capítulo tem o Museu também como uma extensão que é utilizado para pesquisas e trabalhos; e a Associação Indígena Kanindé de Aratuba, que é uma instituição social e coletiva do povo que objetiva contribuir de forma significativa na organização da comunidade, buscando projetos que beneficiam a coletividade. Estas entidades fazem com que se fortaleça cada vez mais nosso processo de organização.

No ano de 2016, Antônio Nilton Gomes, professor da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, propôs aos jovens estudantes Isaías Cruz, Thomas dos Santos, Maykon Pereira, Cleysuan Fidelis e Viviane Bernardo, dentre outros, criarem um grupo permanente de pesquisa, que se constituiria como a segunda geração do Núcleo Educativo do Museu dos Kanindé. Este grupo destinou-se a contribuir para o fortalecimento de grupos de jovens, qualificando-os para o desenvolvimento da pesquisa e da gestão indígena dos processos museológicos comunitários e da investigação sistemática sobre aspectos relevantes da história do povo Kanindé. Assim, surgiu o NEPIK – Núcleo de Estudos e Pesquisas Indígenas Kanindé. Àquele momento, a maior parte dos integrantes da primeira geração de monitores do Museu já havia terminado o ensino médio, deixando também de participar mais ativamente das atividades do Núcleo Educativo, com exceção de Antonia Santos – a única que permanecia desde 2011 e que cursava o 3º ano do Ensino Médio. Os alunos foram reunidos para um primeiro encontro de formação, nos quais foram abordados assuntos relacionados como a memória indígena do povo Kanindé. Uma das

principais funções do NEPIK, a partir de então, foi organizar eventos com ideia de formar jovens lideranças para serem atuantes na aldeia e no registro das memórias e histórias locais.

**Figura 19** - Grupo NEPIK – Núcleo de Estudos e Pesquisas indígenas Kanindé



Fonte: Nilton Kaninde

Segundo o professor Nilton Kanindé, logo no início, houve relevantes momentos formativos com os jovens da primeira geração do Núcleo Educativo do Museu dos Kanindé, nos quais Antônia Santos, hoje acadêmica de Museologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira/BA), apresentou o Museu, a forma como se organizava e funcionava o Núcleo, o que faziam e a forma de organização das peças. Em um outro momento, já com as lideranças tradicionais, aconteceram rodas de conversa durante as quais foram compartilhadas narrativas do povo Kanindé.

Dentre estas lideranças, estavam Dona Odete (rezadeira), Cícero Pereira (liderança), Cacique Sotero, Sinhô Bernardo (liderança), Valdo Teodósio (liderança), pajé Maciel e Dona Luzia Aprígio (guardiã da memória). Esses encontros aconteceram em janeiro de 2017, organizados como o seminário “Saberes Indígenas e saberes museológicos: formação para ação educativa no Museu dos Kanindé”. Foram organizados durante uma outra etapa de pesquisas de campo de Alexandre Gomes, desta vez, como parte do doutorado em Antropologia, também pela UFPE.

Como culminância deste processo, em 19 de janeiro de 2017 foi reinaugurado o Museu dos Kanindé, após uma nova reforma e ampliação do espaço físico, com a construção de duas outras salas (uma de exposições e outra administrativa) e de uma oca na parte externa da sede,

que passou a sediar atividades da população, da Escola e do próprio Museu. Na oportunidade, foi apresentada à população do Sítio Fernandes a segunda geração de jovens que atuou como mediadores do Núcleo Educativo no Museu dos Kanindé<sup>32</sup>.

Segundo o professor Nilton Gomes,

Os objetivos centrais do grupo NEPIK são: “repassar aos demais jovens a importância do estudo da memória como forma de valorizar a história do povo; fortalecer o protagonismo juvenil e a identidade do povo; promover pesquisas e registros sobre as oralidades e os modos de vida Kanindé” foram várias as atividades desenvolvidas pelo NEPIK desde que foi criado, como: entrevistas com os guardiões da memória sobre a cultura e memória; oficina de cartografia sobre o território; participação em feiras científicas escolares; estudos sobre a história do povo. Além disso, os jovens desenvolveram sites, blogs e vídeos documentários, a fim de colherem informações e as divulgarem para a comunidade e a sociedade como um todo. (Entrevista, Nilton Gomes, 2021)

Assim, os jovens dessa segunda geração foram sendo formados para serem mediadores do conhecimento indígena, atuando dentro e fora da aldeia, em feiras educativas, em palestras, cursos; assim como também recebendo visitantes em nossa aldeia, no Museu e em outros espaços. Nesta atuação, o protagonismo em que os estudantes estavam envolvidos nas atividades da Escola e aldeia passou a ser um diferencial para construção da cidadania por parte desses jovens. O NEPIK, como um grupo em constante formação, assim como outros grupos existentes na aldeia, facilita a comunicação entre nosso povo e demais aldeias existentes no Ceará.

Nilton Gomes nos fala que os jovens, com a participação no NEPIK, passaram a adquirir várias habilidades, como organizar eventos e realizar pesquisas. Além disso, foi notável a melhoria no rendimento escolar e a atuação mais ativa destes estudantes na Escola e na aldeia. Fortaleceu-se a participação deles no movimento indígena e percebemos que foram compreendendo melhor o significado de nossas lutas. Uma das principais e mais importantes funções desses estudantes foi a de atuarem como mediadores no Museu, onde passaram a receber constantemente vários visitantes e pesquisadores nacionais e estrangeiros, professores, alunos, indígenas de outras etnias, a população da região e, principalmente, nossos parentes indígenas Kanindé.

---

<sup>32</sup>Um importante registro desse momento foi o vídeo “Toré de reabertura do Museu dos Kanindé”, editado por Alexandre Gomes e Daniel Barros, a partir de imagens captadas no dia 19 de janeiro de 2017, quando aconteceu a abertura do Museu dos Kanindé. Nesse vídeo, estão retratados prioritariamente os rituais do toré, tanto na parte da manhã, conduzido por Suzenilson dos Santos junto aos jovens, na oca na parte externa ao Museu; quanto o toré da noite, conduzido pelo cacique Sotero e reunindo dezenas de pessoas do Sítio Fernandes, no mesmo local. Disponível via: [Toré de reabertura do Museu dos Kanindé, Aratuba/Ceará - YouTube](#) acessado em: 12/04/2022.

Enfatizamos o quão grande é a importância destes grupos de jovens para fortalecer movimento indígena local, estadual e nacional, pois no *espaço museológico* apreendem ferramentas para resgate e valorização da cultura e memória, além de constituírem grupos que favorecem o treinamento para formação de futuros jovens líderes que continuarão o trabalho e a luta dos seus antepassados.

A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, por meio de seu corpo docente e núcleo gestor, com o apoio das lideranças tradicionais, investem em seus alunos para que sejam pessoas que possam se desenvolver tanto profissionalmente como pessoalmente, além de contribuir positivamente para sociedade cearense e brasileira. O Museu dos Kanindé vem desempenhando, ao longo de 26 anos, um papel fundamental, resultado dos esforços do Cacique Sotero. Segundo Santos (2021)

O museu Kanindé possui uma grande contribuição para a educação escolar diferenciada, portanto, a escola indígena Manoel Francisco dos Santos do povo Kanindé e o Ponto de Memória: Museu Indígena Kanindé, interdisciplinarmente, devem dialogar sobre como fortalecer e consolidar as suas relações, através de projetos e ações comuns nos campos da memória e do patrimônio cultural, e que essa ações atuem para além e paralelamente à educação escolar indígena, no fortalecimento e transmissão dos saberes, de cantos, de danças, de elementos da espiritualidade e dos modos de fazer, contribuindo de maneira eficaz para a valorização dos troncos velhos. O museu Kanindé é compreendido como um espaço vivo, que agrega rezadores, pajés, benzedores, parteiras, lideranças e ancestrais, tornando-se o lugar onde os troncos velhos narram suas memórias para as novas gerações, possuindo uma íntima relação com o território, pois suas atividades não estão restritas somente aos espaços físicos, mas aos lugares sagrados, aos ecossistemas, ao patrimônio cultural e aos sítios arqueológicos existentes no território. Que o museu para os Kanindé fala de suas histórias não apenas no passado, mas também no presente, destacando-se as lutas e resistências empreendidas, por conta disso, torna-se um lugar privilegiado para o registro da memória dos trocos velhos. (SANTOS, 2021, p. 58)

A relação entre Museu e Escola tem muito nos ajudado no fortalecimento da identidade do povo Kanindé, pois tanto o Museu como a Escola têm a função de conservar, preservar e valorizar a *memória dos guardiões* presentes nesses espaços, principalmente as histórias dos nossos antepassados. O Museu é uma fonte de conhecimento onde os professores da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, utilizam o seu contexto histórico para repassar para seus alunos a cultura tradicional dos Kanindé. Além disso, a parceria entre Museu e Escola possibilita diferentes experiências, como por exemplo o contato com os objetos do acervo, e a apresentação interativa da temática abordada por cada professor.

O museu é um espaço para onde, hoje podemos trazer o nosso próprio conhecimento e aprender com o que está lá. No percurso da nossa vida é nos ambientes informais que aprendemos a maioria das coisas, e o museu é um espaço onde se pode ter a livre opção de se chegar lá e aprender (MCMANUS 2013, p.22).

A educação indígena é um ponto chave para estabelecer a ligação entre esses dois espaços, pois tem um papel de estabelecer uma conexão entre a história, a memória e identidade do povo Kanindé. O trabalho educativo realizado pelos professores indígenas Kanindé dentro do Museu é um caminho viável para fortalecer a cultura Kanindé entre as novas gerações. De acordo com Pivelli (2006), para construção de um potencial pedagógico é necessário valorizar o papel do sentir, do intuir, do construir, do fazer parte, trabalhando a importância da vivência nas ações educativas e na sua própria relação com a cultura. Contudo, no aspecto pedagógico é preciso que ele seja aprimorado através de um planejamento estrutural que envolva além da área educacional, os setores técnicos e administrativos, buscando uma clareza maior nos objetivos institucionais. (PIVELLI, 2006, p. 119).

Os saberes ocorridos entre Museu e Escola são de fundamental importância para fortalecer os elementos que compõem a cultura escolar, pois determinam as relações de conhecimento entre essas duas instituições, sujeitos, tempos e espaços. Portanto a Escola indígena Manoel Francisco dos Santos tem uma história e sua função transformou-se ao longo do tempo, pois no ano de 1999, deu-se o início da educação Escolar diferenciada na Aldeia Fernandes, como fruto de muita luta, uma grande conquista das lideranças tradicionais desse povo. A Escola, surgiu de uma demanda do povo indígena Kanindé, que visava reforçar o movimento organizacional político por uma educação diferenciada para o povo e a luta pela terra.

Em 1999, iniciou uma proposta dos índios Kanindé de reivindicarem pelos direitos a uma educação específica e diferenciada para suprir as necessidades do povo Kanindé de Aratuba. Com a abertura de duas salas de aula para jovens e adultos os primeiros professores foram Francisco Suzenilton da Silva Santos e Terezinha Barroso da Silva (in memoriam). A Escola funcionava nas casas de famílias à noite com um total de 40 alunos, 20 em cada sala. Logo depois com o desenvolvimento da comunidade surgiu mais uma sala de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que iniciou com o professor Elenilson Gomes dos Santos por um período e depois continuado pelo professor Suzenilson da Silva Santos.

De início o principal papel da Escola era preservar a cultura do povo; educar para que todos conheçam a história da comunidade indígena; formar novas lideranças indígenas para dar sustentabilidade à luta do povo; e garantir uma educação diferenciada de qualidade para o povo Kanindé. No ano de 2002 começou o trabalho com as crianças da comunidade a fim de repassar os conhecimentos e a história do povo indígena para os mais jovens e fortificar o movimento e a luta do povo Kanindé.



Após algumas lutas e conquistas, não só da comunidade, mais do movimento indígena em geral e com o aumento no total de matrículas dos alunos, iniciou-se um processo de conquista de um prédio escolar para a comunidade indígena. As lideranças, Cicero Pereira dos Santos e José Maria Pereira dos Santos (cacique Sotéro) foram pessoas importantes na luta pela educação escolar indígena kanindé. Os professores, Francisco Suzenilton da Silva Santos e Terezinha Barroso da Silva foram os fundadores da Escola e lecionaram nas duas primeiras salas de aula e trabalharam voluntariamente quase dois anos sem remuneração salarial. Neste período os indígenas obtiveram muitas conquistas como, o curso de formação para professores através do magistério indígena, pela resolução 382/2003 que dispõe sobre a criação e o funcionamento de Escola indígena no Sistema de Ensino do Ceará e a construção da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos (Anexo I) razão de vários conflitos e agressões a índios Kanindé que lutavam em busca de melhoria para seu povo.

Entre os costumes indígenas temos a contação de histórias cultura que os professores Kanindé tendem a preservar. O toré é um ritual sagrado que ajuda na luta com garra. A tradição de chupar manga, coco catolé, maracujá de vaqueiro, armar quixó e arapuca, buscar lenha nos matos, rezar terços nas casas, fazer artesanatos, visitar pessoas doentes, e ajudar os próprios vizinhos são bem presentes. Além das diversões de jogos de bola; pesquisa na aldeia e visita ao Museu Kanindé onde se conhece mais sobre os índios Kanindé e o que têm de bom para mostrar aos visitantes da aldeia.

Segundo Ramos (2004) os Museus são importantes espaços para o ensino de história e, propõe que a Educação Patrimonial seja trabalhada a partir de um “objeto gerador”, baseado na teoria da “palavra geradora”, ideia elaborada por Paulo Freire, desenvolvendo-se, assim, uma pedagogia do diálogo com os visitantes. É fundamental o exercício de um olhar crítico sobre o objeto enquanto patrimônio, pois o desafio em uma exposição é que ela não seja vista apenas como se olha uma vitrine. É “necessário criar movimentos de alfabetização do olhar” (RAMOS, 2004, p.70).

Os professores indígenas Kanindé, costumam levar seus alunos para o MK para proporcionar aulas referente a cultura do povo Kanindé, então levam os alunos para esse espaço para que eles possam estar conhecendo ainda mais como iniciou a história cultural dos Kanindé. Para os educadores indígena Kanindé o Museu é um lugar de ensinar e aprender, pois tanto o Museu como a Escola são capazes de colocar seus estudantes diante de sua história, de sua tradição e cultura. Além disso, são espaços para refletir e para acessar os saberes e valorizar os saberes tradicionais do povo Kanindé.

O Museu se torna uma escola e não dá para separar educação e cultura ao mesmo tempo, pois a escola também se transforma no museu quando recebe suas práticas diferenciadas, diria que o museu e a escola são parte uma da outra na comunidade um seria "os pulmões" e o outro o "coração" um ajudando o outro a respirar e viver e lutar juntos. (Entrevista, Suzenilson, 2021).

A partir desse pensamento de Santos (2021), podemos ver que a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos é um ponto chave para estabelecer uma conexão de fato da história, da memória e da identidade. O trabalho realizado pela Escola realizado junto o Museu é um caminho viável para o fortalecimento da identidade dos Kanindé, pois o MK é muito mais que um espaço de acumulação de objetos, sua função é conservar, preservar, estudar e valorizar a cultura de um povo. É evidente que o Museu é um espaço de cultura que deposita a memória do povo Kanindé, é um espaço de produção de conhecimento, seu acervo e exposição favorece a construção social da memória.

O museu é um lugar dinâmico. Para além da preservação de memórias, acontece neste espaço a construção da diversidade étnica e da alteridade, tão necessárias à aceitação das diferenças. Infinitas são as atividades a serem desenvolvidas no espaço museal indígena: expressões ritualistas, oficinas para reaprender e reinventar saberes esquecidos, espaço privilegiado para o trabalho com a história oral. Os guardiões da memória coletiva, os “troncos velhos”, podem narrar, para as novas gerações, suas lembranças e conhecimentos, a partir da cultura material e simbólica. O museu transforma-se num potencial vetor para dar visibilidade as diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória. (PALITOT, 2009, p. 386).

Portanto o Museu é como uma grande oportunidade que contribui para formação dos estudantes, além disso é um espaço que pode ser trabalhado as diferentes disciplinas existentes no currículo da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, como por exemplo em História, Arte, Geografia, Matemática e Ciências. Dentro dessas disciplinas pode ser trabalhado uma temática diferente e que esteja relacionado ao Museu Kanindé, como por exemplo na disciplina de história os professores podem utilizar como conteúdos temáticos a história do Museu, as histórias de cada objeto, além disso pode ser feito aulas expositivas na qual a pessoas responsável pelo Museu pode ser convidada para dar uma aula para os alunos e expor a história de cada objeto. Já na arte pode ser trabalhado o artesanato presentes no Museu, que pode ser explanado para os alunos a maneira que feita a produção desses objetos, além disso, pode apresentar as pinturas presentes no Museu e falar seus significados.

Na disciplina de Geografia pode ser abordado uma aula sobre o território do povo Kanindé, principalmente os locais onde foi encontrado os objetos presente no Museu como por exemplo, o local onde foi encontrado o primeiro objeto do Museu que é a pedra preta. Já nas ciências pode ser feito um estudo sobre os animais de caça presente no Museu Kanindé, principalmente fazer uma junto ao Cacique Sotero como é feito o empalhamento desses animais

e quais produtos são utilizados, como já dissemos. Agora na matemática pode ser abordado as quantidades de peças, e também ser feito uma pesquisa com os mais *velhos da aldeia*, quais formas o povo Kanindé utilizavam para saber contar, além disso, pode se trabalhar a divisão por categoria de cada objeto presente no Museu.

No meu ponto de vista, realizando metodologias colaborativas entre a escola principalmente como um centro formador e o museu como um centro de diversidade e pluralidade de diversidade culturais essenciais. poderíamos socializar metodologias que envolvam para além das ciências humanas, mais em outras áreas também que envolvam a biologia como a grande diversidade existente de animais no espaço museológico até a própria matemática como os objetos do Artesanato dentro da economia do povo tentando focar muito num movimento de conhecimento interdisciplinar, porque querendo ou não, na educação diferenciada não se estuda nada separado, tudo faz parte do mesmo contexto quando trabalhamos nossas especificidades. (Entrevista, Suzenilson, 2021).

Evidente que diante das falas dos professores indígenas Kanindé, essas ações culturais e educativas no Museu Kanindé, colabora muito no processo de preservação da memória e reforça a construção da identidade do povo Kanindé, pois cada ação desenvolvida nesse espaço promove formação de monitores, a pesquisa a partir da história e da conservação de objetos e documentos e principalmente a memória dos mais velhos.

Desenvolver atividades em torno dos processos que envolva os processos educativos e educacionais dos Kanindé, o museu é um complemento da escola e a escola é um complemento do museu, dando assim a perceber da grande possibilidade que os dois espaços educacionais e culturais podem desenvolver um espaço de diálogo e fortalecimento da identidade e fortalecimento dos processos educacionais diferenciados. (Entrevista, Suzenilson, 2021).

Uma das primeiras atividades realizadas durante esse processo de formação com os alunos Kanindé, foi uma primeira visita ao Museu para realizar a identificação do acervo, primeiro os alunos visualizaram o que o Museu tinha, quais eram os objetos que estavam ali, quais arranjo que poderia ser feito para catologar esse acervo, para organizar a categoria e foi entendendo também quais objetos estavam nesse espaço.

principalmente na relação do povo com os objetos, que para além de objetos tem significado diferentes dentro da nossa história, as "coisas" que existem no museu estão para além da materialidade e da imaterialidade, pois os mesmos representam as cosmologias, os pensamentos próprios, os modos de sentir e viver dos Kanindé que desde os antepassados resistem na memória de cada guardião que mesmo tendo sido corroído não foi dilacerado, deixando as memórias vivas, sejam elas dos objetos das coisas dos índios do passado, seja das coisas dos índios velhos do presente ou seja das coisas da natureza, das coisas das matas, essa diferença é o que traduz nossa forma de ser Kanindé em relação a nossa identidade o que nos diferencia de outras sociedades. (Entrevista, Suzenilson, 2021).

Aos poucos os/as alunos/as foram identificando no Museu que tinha uma coleção zoológica que está relacionada as caças que são consumidas tradicionalmente entre o povo

Kanindé, identificaram uma coleção relacionada a uma categoria técnica artesanal, por que tem artesanato de madeira, trançado e palha, então a partir daí começaram a visualizar o que o Museu tinha e posteriormente, também a organizar em um catálogo como isso ficaria e como seria o arranjo dessas categorias que o Museu Kanindé apresentava.

### **5.3 O acervo do Museu Kanindé: nossa memória e identidade.**

O Museu indígena Kanindé apresenta parte importante da memória coletiva do povo Kanindé, o seu espaço traz elementos que faz parte da trajetória de vida desse povo. Vale ressaltar que o Museu tem a missão de preservar a memória dos Kanindé, por meio de um acervo que reúne documentos como publicações em jornais, fotografias de lideranças locais, que contribuíram com a luta do povo Kanindé, além de terem uma trajetória de vida dentro da aldeia. Além disso, temos também no Museu, animais que fazem parte da alimentação tradicional do povo Kanindé, como por exemplo tamanduá, tatu, peba, tejo e gato do mato. Peças de artesanato em madeira e sementes então entre o acervo.

**Figura 20** - Fotografia- Acervo MK



**Fonte:** Arquivo Pessoal (2022).

Cacique Sotero para fazer a divisão dos objetos do Museu Kanindé ele utiliza da categoria “Coisas das matas” e “Coisas dos índios”. A categoria “As coisas das matas” referem-se aos objetos que retirados de elementos da natureza. As coisas dos índios são os objetos que produzimos e utilizamos.

O espaço do Museu é dividido em três compartimentos, nos dois primeiros espaços ficam expostos os objetos do acervo e no outro espaço que é um local mais reservado ficam guardado a parte documental do Museu Kanindé. O Museu tem em média entre 500 e 600 peças. Ao longo dos últimos anos cacique Sotero tem recebido doações de outros objetos.

Como podemos notar no Museu fica exposto alguns animais como asa de gavião, couro de camaleão, rabo de tatu, casco de cagado, couro de tamanduá, rabo de girita, couro de girita ou gambá como é conhecido popularmente, couro de tejo, couro de camaleão, tamanduá, gato maracajá, rabo de gato maracajá, tejo, alma de gato, coruja e cabeça de coruja. Após o trabalho desenvolvido pelo professor Alexandre Gomes no Museu Kanindé esses objetos receberam categorias como “Zoológica”, pôr no Museu conter várias espécies de animais, “Artefatos” por conter vários objetos como, instrumentos musicais, equipamento ritual, adorno corporal, técnicas artesanais e “Numismática”, por conter objetos de metais, como moeda e medalha.

**Figura 21** - Fotografia – Acervo do MK



**Fonte:** Arquivo pessoal (2022).

No acervo do Museu também podemos encontrar instrumentos musicais, como maracás e tambor. A maracá é um artefato utilizado pelo povo Kanindé utilizado nos rituais do toré juntamente com o tambor. Esses objetos também receberam uma categoria e ficaram conhecido como “Artefato” subcategoria: instrumento musical.

**Figura 22** - Fotografia, Acervo do MK



**Fonte:** Arquivo pessoal (2022)

Objetos de metais como, medalha dos jogos indígenas, moedas antigas, medalhas de honra ao mérito. Categoria: Numismática é utilizado para descrever o estudo das medalhas e moedas.

**Figura 23** - Fotografia, Acervo do MK



**Fonte:** Arquivo pessoal (2022)

Adornos corporal e vestimentas indígenas como, cocar, colar, pulseiras, brincos, saia de pena, blusa de pena, bermuda de pena e saiote de pena. Categoria: Artefato – Subcategoria: Adorno corporal e Equipamento ritual.

**Figura 24** - Fotografia, Acervo do MK



**Fonte:** Arquivo pessoal (2022)

Objetos feitos de madeira, traçado em cipó e palha como, cabaça de madeira, mão de pilão, urupemba, chapéu de palha, caçoá, arco flecha, bolsa de palha, coxo de madeira, colher, escultura de colher de madeira, tampa de taboca, fuso de fio algodão, cajado, escultura de uma pá de madeira, tacape, copo para beber mocoioró feito de casca de mucunã, gamela, escultura de um facão em madeira, escultura de madeira com formato de uma santa, rolo de amassar massa, objeto de guardar bebida, garfo, machado, coração de madeira, concha de madeira, garrafa, castiçal, apito e objetos feitos de cerâmica como panela de barro, pote, cuscuzeira de barro, xicara de barro. Categoria: Artefato – Subcategoria: Técnicas artesanais

Portanto aqui trago fotos importantes dos objetos que estão expostos no Museu e com isso podemos ver a grande variedade de objetos que se tem no Museu e sem falar que cada peça tem sua própria história e muito dessas peças ainda faz parte do nosso modo de sobrevivência e da nossa cultura. Por fim a escrita desse capítulo possibilitará aprofundarmos no ato de pensar, sentir e perceber com os Kanindé, pois eles construíram uma forma própria de classificar e conceber o significado dos objetos do Museu Indígena para construir e interpretar as suas próprias visões de Museu indígena. Buscamos contar nesse percurso como os Kanindé contam sua própria história através dos objetos e coleções existentes estabelecendo suas relações de aprendizado com a educação diferenciada e relações com o movimento indígena.

#### **5.4 Uma visita guiada ao Museu Kanindé: Prática educativa desenvolvida por professores Kanindé**

A prática educativa que irei apresentar logo abaixo é uma das atividades que são desenvolvidas pelos professores Kanindé no espaço do Museu. Essa prática tem como objetivo fazer a aproximação do educando à história do Museu, para que ele possa conhecer cada história dos objetos presentes nesse espaço. Adentrar o campo como uma observação participativa, e ao mesmo tempo, uma antropóloga originária, e professora indígena é um desafio. Desafios que perpassam a nossa história local como um movimento em construção de nossas identidades.

No dia 5 de agosto de 2022, as professoras, Terezinha Gomes, Elicleide Pereira e Antonia Leila, desenvolveram uma atividade em torno do Museu Kanindé que teve objetivo levar as turmas do 1º ao 4º para fazer uma visita ao Museu. Essa atividade faz parte de um projeto interdisciplinar que as professoras desenvolvem todos os meses com os estudantes, tendo como objetivo levar as crianças para conhecer os espaços de memória do povo Kanindé. Em cada mês as professoras mencionadas escolhem um local para levarem seus alunos para que eles possam estar conhecendo a história do nosso lugar. De primeiro momento, ainda na Escola fizeram uma breve explanação a respeito do tipo de memória que podemos encontrar ao nosso redor. As professoras deram como exemplo o Museu, pois é esse espaço que guarda a memória dos nossos ancestrais que está ao nosso redor. A visita ao Museu e apresentação do acervo para nossos/as alunos/as fortalece a produção de conhecimento do nosso povo.



**Figura 25** - Fotografia, Visita guiada.



**Fonte:** Arquivo pessoal

Primeiramente, as professoras responsáveis por cada turma, reuniram os alunos no pátio da Escola antes de saírem em caminhada até o Museu. Nesse momento elas falaram sobre atividade que seria desenvolvida no Museu, além disso, as professoras disseram para as crianças que as levariam até o Museu para que elas pudessem conhecer a história desse espaço e a histórias dos objetos. Foi falado também sobre os cuidados com o acervo e da importância da atividade ao longo do dia.

**Figura 26** - Fotografia, Visita guiada, Momento de acolhida, Ritual do toré.



**Fonte:** Arquivo Pessoal

Chegando ao Museu, as professoras reuniram todas as crianças na oca que fica ao lado do Museu para fazerem um momento de acolhida e em seguida a apresentação do ritual do toré. E para quem não conhece, o ritual do toré é uma dança realizada em círculo, é um ritual realizado por diversos povos indígenas. Cada povo possui o seu toré próprio, mas, em geral envolve a dança circular. Nos Kanindé costumamos realizar o ritual do toré em momentos festivos e também na Escola, pois é momento de agradecer a Deus pela nossa vida, pedir proteção e energias positivas para dar continuidade aos nossos trabalhos e principalmente agradecer por nossas conquistas ao longo de trajetória.

**Figura 27** - Fotografia, Visita guiada. Leitura do texto "Memória e história".



**Fonte:** Arquivo pessoal

Após esse primeiro momento, a professora Elicleide fez a leitura de uma história para as crianças que tinha como título “Memória e História” e “A memória e os lugares da memória”, esse texto estava presente no livro de história da turma de 2º ano do fundamental anos iniciais.

“Todos nós, crianças e adultos, somos parte da história e a construímos o tempo todo com ações e atividades. Quando escrevemos um texto, tiramos uma fotografia ou gravamos um vídeo, estamos produzindo registros que poderão ser estudados por historiadores no futuro para compreender o modo de vida de hoje. Mas não é só isso.... Muitas vezes sabemos o que ocorreu no passado por meio de documentos e de objetos antigos. Eles guardam a memória de fatos que são transmitidos pela família, pela escola ou pela comunidade da qual fazemos parte. Alguns objetos são importantes apenas em alguma fazes da vida. Eles nos fazem lembrar de fatos ou de pessoas e podem contar a história da família ou do grupo ao qual pertencemos. Esses objetos são guardados e preservados, pois são registros de acontecimentos e ajudam a construir a história da pessoa, do grupo e da sociedade”. (História - Buriiti Mais: 2019 Moderna PNLD, p. 70).

Foi esse texto que foi utilizado pelas professoras e apresentado para as crianças. A partir dessa leitura os alunos puderam ver a importância que se tem a história do Museu e como são significativas as atividades que são desenvolvidas nesse espaço, pois passamos a perceber o quanto os objetos têm a nos contar sobre a nossa própria história e que eles fazem parte de acontecimentos que aconteceram ao longo da nossa trajetória e que ajudam a fortalecer a nossa identidade.

É importante mencionar que na visita guiada ao Museu, os professores tiveram a oportunidade de apresentar para as crianças os objetos do Museu e também de instigar a curiosidade dos alunos em querer saber mais sobre esse lugar. Eu enquanto professora vejo que quando acontece esses tipos de atividades no Museu, se torna algo motivador para turma, pois a partir desse momento elas passam a valorizar a sua própria história.

**Figura 28** - Fotografia, Visita guiada.



**Fonte:** Arquivo pessoal

Depois da leitura do texto, seguimos em direção ao Museu, chegando lá, deixamos que as crianças observassem os espaços do Museu e seus objetos. Em seguida a professora Terezinha Gomes reuniu todos os estudantes na primeira sala do Museu e começou a fazer uma explanação sobre as fotos que estão expostas na parede do Museu. Durante sua fala, ela foi destacando os nomes das pessoas que estavam nas fotos e o que cada uma representa dentro da aldeia, suas atividades dentro da comunidade. Nessa apresentação dessas fotografias, as crianças puderam conhecer a dona Celia que é uma das rezadeiras da aldeia, seu Maciel que é o pajé da aldeia. Também estão presentes nessas fotografias pessoas que não estão mais entre nós.

**Figura 29** - Fotografia, Visita guiada. Atividade prática



**Fonte:** Arquivo Pessoal

Assim, quando terminamos esse momento no Museu, voltamos novamente para oca (a oca é um espaço que fica ao lado do Museu) e lá as crianças puderam falar e realizar desenhos sobre suas vivências e experiências diante da aula.

A visita guiada como uma metodologia e prática de sala de aula, nos possibilitou construir uma vivência para fortalecer a relação entre Escola indígena e Museu. A busca pela valorização dos conhecimentos produzidos dentro da comunidade e transmitidos pelos *guardiões da memória* é um modo especial de opção descolonial.

Ao longo da nossa visita guiada, os nossos estudantes tiveram a oportunidade de descobrir novas práticas de produção de conhecimento definida pelo Projeto Político Pedagógico escolar, que apresentaremos na próxima seção. Assim, “a Escola indígena precisa ter presente, de forma muito concreta, as experiências e as vivências baseadas na reciprocidade, que tem o papel de reguladora social da vida indígena.” (FERREIRA, 2018, p. 116).

Pensar a Escola indígena tendo como metodologia a aula de campo, ou visita guiada, é um espaço político de luta, como uma ferramenta de novas práticas de educação escolar indígena do povo Kanindé. A valorização dos espaços da comunidade, das tradições culturais, fortalece a nossa identidade. Os nossos modos de saber, viver, ser e pensar foram apresentados durante todo o trajeto.

Conhecer a memória e história do nosso povo, a partir de uma visita guiada, representa a valorização da tradição oral dentro da comunidade, como um exercício de escuta e diálogo, onde aprendemos com a própria natureza do nosso povo.

A valorização dos conhecimentos ancestrais para as futuras gerações, se torna primordial para outros caminhos de resistências e para o diálogo entre atuais e as futuras lideranças do povo Kanindé. Vale ressaltar que os nossos conhecimentos têm valores ancestrais que perpassa geração em geração, sendo um diálogo entre memória e história produzido dentro da comunidade e na Escola. Os conhecimentos e as raízes ancestrais se fazem presentes em cada ação escolar que envolve o Museu Kanindé e os outros espaços da aldeia.

O museu indígena Kanindé sendo um local de memória, possui uma grande relação e contribuição na educação diferenciada do povo Kanindé. Desde sua criação tem dialogado sobre o fortalecimento e a consolidação de relações identitárias, comungando projetos e ações no campo da memória e do patrimônio cultural, atuando para além e paralelamente a educação escolar indígena, no fortalecimento dos cantos, danças, dos elementos da espiritualidade, valorizando os modos de fazer na relação com os guardiões da memória. (SANTOS, 2021, p. 44).

Diante disso, a educação Escola indígena vincula os modos próprios da comunidade, por meio de rituais, tradição, modos de vida, temporalidade, alimentação, arte, saber e ser do nosso povo como um direito presente dentro da Escola, e vivenciado para além dos muros. A educação escolar indígena do povo Kanindé envolve a categoria memória, Museu, história e educação como mecanismos de ensinar e aprender.

Para compreendermos essas categorias, apresentamos no próximo capítulo a liderança indígena Cacique Sotero como o grande idealizador do Museu Indígena Kanindé da aldeia dos Fernandes. Sua trajetória de vida é marcada por resistência, luta e sabedoria tradicional indígena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação buscamos narrar como se deu o processo de construção do Museu Kanindé a partir do olhar do Cacique Sotero, dos professores e lideranças do povo Kanindé. No olhar dessas pessoas, o Museu se torna um espaço importante, por guardar e preservar tudo aquilo que faz parte da identidade do povo Kanindé, como um lugar de memória. A cultura que procuramos expressar por meio das narrativas e da memória, segundo as pessoas que foram entrevistadas, carrega histórias dos seus antepassados, costumes e tradições. A partir do que foi pesquisado é possível analisar que o Museu tem um papel fundamental para os Kanindé por contribuir inclusive na formação das crianças e adolescentes.

Compreendo que abordar o tema do Museu Kanindé como objeto de estudo, tem ampla relevância científica, pois há pouca produção teórica a respeito do assunto. Em cada capítulo, buscamos trazer um pouco de tudo que é relevante para a história do povo Kanindé, então no primeiro abordamos sobre os processos metodológicos da pesquisa que é de suma importância para conhecermos os caminhos que foram percorridos durante a realização da pesquisa. O segundo que traz um pouco da história dos Kanindé desde da sua chegada na aldeia Fernandes que é importante mencionar para que possamos conhecer ainda mais a trajetória de vida e ancestralidade do povo Kanindé. O terceiro falamos sobre as narrativas do Museu Kanindé, ou seja, desde quando iniciou seu processo de criação e no quarto traz uma escrita voltada para as formações que acontece nesse espaço e sua relação com a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.

Considera-se importante ressaltar a importância desse espaço para aprendizagem e abordagem da identidade cultural dos Kanindé, pois o Museu representa uma grande simbologia para aldeia Fernandes, por ser um símbolo vivo da memória que recorre as histórias do passado, presente e futuro, tudo remonta um recomeço muito mais forte que gera vida e sabedoria, pois o Museu representa a trajetória de luta e conquistas. Ficou evidente na pesquisa que o Museu Kanindé conta as histórias dos nossos ancestrais, através das peças que estão no seu acervo, além disso, nos mostra a onde estamos, de onde viemos e principalmente quem somos.

O Museu dos Kanindé é um espaço de educação e comunicação que por sua vez tem ação educativa e cultural como uma política social e de caráter público. Portanto o Museu Kanindé, além de ser veículo de comunicação, educação e cultura, serve para mais do que isso, passa a ser um local de referências para sociedade a qual está inserido, além disso, o Museu é visto como instrumento de intervenção social. Vale ressaltar que o processo de construção do

Museu Kanindé, possibilitou a valorização, o entendimento e a promoção do patrimônio cultural. A princípio o Museu tem um importante dever de promover seu papel educativo de atrair e ampliar a visitação da sua comunidade. A interação com a comunidade e a promoção de seu patrimônio é parte integrante do papel educativo do Museu.

Cacique Sotero reunia tudo aquilo ele acreditava que tratava da história e da etnicidade do povo Kanindé, então ele reuniu e organizou tudo a partir de um modelo expor gráfico do próprio Sotero, onde ele colocou os objetos na parede. Então eu como pesquisadora indígena entendo a problemática que é para conservação e preservação desses objetos da forma originária de se pensar a exposição dentro do processo de organização do Museu Kanindé.

Com base no que foi apresentado em cada capítulo, foi possível analisar que o Museu é visto como um espaço que concentra manifestações artísticas, culturais, históricas e tradicionais, sendo uma fonte de conhecimento, mas também um meio pelo qual a organização étnica dos Kanindé se torna possível, proporcionando a interação entre os mais velhos e os mais novos, os vínculos entre o espaço do Museu e a Escola e a construção de significados para a formação de lideranças para o futuro.

Esta pesquisa sobre a memória e identidade Kanindé possibilita valorização de nossa comunidade. A princípio o Museu Kanindé tem um importante papel educativo ao apresentar conteúdos identitários e diferenciados para a comunidade e visitantes externos, agregando ao ensino básico e médio visões de mundo que ao serem recriadas nas histórias e na organização das peças do Museu, informam o valor da ancestralidade indígena.

Esperamos que nesse processo de pesquisa, possa ser capaz de desenvolver uma produção de conhecimento qualificada na antropologia e comprometida com o movimento indígena, contribuindo com outros povos indígenas para refletirem sobre a importância que tem os espaços museológicos em uma aldeia indígena, para as relações sociais, para o fortalecimento da identidade, para a educação escolar indígena e para a demarcação de seus territórios.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **Tal antropologia, qual museu?** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (orgs). *Museus, coleções e patrimônios*. Narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond/ Minc/Iphan/Demu, 2007, p. 138-178.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.
- AMARAL, W. R. **As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 2ª. Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BARTH, Fredrik. (1969). **Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference**. Oslo: Universitetsforlaget.
- BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In POUTIGNAT, P e STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade, Ed Unesp, 1995.
- BERGAMASCHI, M. A.; DOEBBER, M. B.; BRITO, P. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. **Revista Brasileira De Estudos Pedagógicos RBEP-INEP**, Brasília, v. 99, p. 37-53, 2018.
- BONIN, I. T. **Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor**. In: BERGAMASCHI, M. A. (org.). Povos indígenas & educação. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 95-104.
- BRASIL. Constituição. 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília/DF: Edição Administrativa: Senado Federal. 2012.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, **O índio e o mundo dos brancos** (1964), Campinas, Editora da Unicamp, 1996.
- CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos; SANTOS, Renata Lourenço dos. Literatura Indígena: entre memórias. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 2022.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 1995.
- DANTAS, Fabiana Santos. **O patrimônio cultural protegido pelo estado brasileiro**. IN: Patrimônio cultural, direito e meio ambiente: um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade. (org.). Juliano Bitencourt Campos, Daniel Ribeiro Preve, Ismael Francisco de Souza, organizadores - Curitiba: Multideia, 2015.
- Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: [ppp-actualizado.pdf\(ceartransparente.ce.gov.br\)](http://ppp-actualizado.pdf(ceartransparente.ce.gov.br)). Acesso em: 06/08/2022.
- FERREIRA, Bruno. Descolonizando a escola: em busca de novas práticas. In: **AVÁ. Revista de Antropologia**, vol.33, 2018. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/1690/169062373008/169062373008.pdf>. Acesso dia 12 de outubro de 2022.

FERREIRA, Danilo Carneiro. **Otimização em processos hospitalares: metodologia Lean Six Sigma**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Inovação em Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. **Cadernos de sociomuseologia**. nº 44, 2012.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta dos museus pelos índios. *In: Cadernos de etnomuseologia*. Nº 01. Rio de Janeiro: Programa de Estudos dos Povos Indígenas, Departamento de Extensão; UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998, p. 5-29 (Circulação interna).

Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Disponível em: **Educação Escolar Indígena — Fundação Nacional dos Povos Indígenas (www.gov.br)**. Acesso em: 28/01/2023.

GEERTZ, Clifford. “**Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**”. *In: Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. pp. 3-21.

GIDDENS, Anthony. **Saúde, doença e deficiência**. *In: \_\_\_\_\_*. Sociologia. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 428-479.

GOMES e VIEIRA NETO. **Museu e Memória indígena no Ceará: Uma proposta em construção**. Fortaleza: SECULT, 2009.

GOMES, Alexandre Oliveira. “**O Passado vai tá sempre na frente do Presente**”: Museus Indígenas em Rede, Etnografia em Processo. 2016. p.195 – 217.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Memória e patrimônio cultural dos povos indígenas: uma introdução ao estudo da temática indígena**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2016.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Por Uma Antropologia dos Museus Indígenas**. 2016. p.133-154.

GOMES, Alexandre; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e memória indígena no Ceará: uma proposta em construção**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP, Alinea, 2001.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *In: Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31 n. 1, p. 25-49, janeiro/abril 2016.

JALES, Terezinha Gomes dos Santos. [Entrevista cedida à Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2021. Arquivo formulário.

KI-ZERBO, Joseph. **Os métodos Interdisciplinares para estudos da África**. In: História geral da África volume 1: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória**. In: BITTENCOURT, Circe (org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.

LIMA, A. C. S. **Povos indígenas e ações afirmativas: as cotas bastam?** Rio de Janeiro: Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil, 2012. Disponível em: [http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/GEA\\_OPINIAO\\_N05.pdf](http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/GEA_OPINIAO_N05.pdf). Acesso dia 12 de outubro de 2022.

LIMA, Carmen Lúcia Silva. **As perambulações: etnicidade, memória e territorialidade indígena na Serra das Matas**. In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na Mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009, p. 233-250.

LOPES, Francisco de Paula Pereira. [Entrevista cedida à Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. Arquivo MP3.

LOPES, Francisco de Paulo Pereira. [Entrevista cedida á Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. 1 Arquivo MP3.

MACMANUS, Paulette. **Educação em Museus: Pesquisas e Práticas**. In: MARANDINO, Marta; MONACO, L. (Org.). São Paulo: FEUSP, 2013, p. 20-30.

MIGNOLO, Walter D. “**Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**”. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

NOGUEIRA, Luma. **Travestis na escola: Assujeitamento e resistência à ordem normativa**; Editora Léa Carvalho. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

OSTERBEEK, Luiz. **Revisitando antigona: o patrimônio cultural na fronteira da globalização**. In: Patrimônio cultural, direito e meio ambiente: um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade. (org)Juliano Bitencourt Campos, Daniel Ribeiro Preve, Ismael Francisco de Souza, organizadores - Curitiba: Multideia, 2015.

PALADINO, M. **Um mapeamento das ações afirmativas voltadas aos povos indígenas no ensino superior**. In: BERGAMASCHI, M. A.; NABARRO, E.; BENITES, A. (org.). Estudantes indígenas no ensino superior: uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2013.

PALITOT, Estêvão Martins. **Na mata do Sabiá: Contribuições sobre a presença indígena no Ceará**, 2009.

PIVELLI, Sandra Regina Pardini. **Análise do potencial pedagógico de espaços não-formais de ensino para o desenvolvimento da temática da biodiversidade e sua conservação**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), 2006.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *In: Estudos Históricos*, 1989, 3-15. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pd](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pd).

**Programa Pontos de Memória que integra o sistema Mapas da Cultura.** Disponível em: <http://pontosedememoria.cultura.gov.br/>, Instituto Brasileiro de Museus - Ibram. Publicado em 24/08/2021 18h16 / Atualizado em 25/10/2022 22h45. Disponível em: Pontos de Memória — Português (Brasil) ([www.gov.br](http://www.gov.br)). Acesso em: 22/01/2023.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros:** povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 2002, p. 302-303.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social.** *In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul.* Coimbra: Edições ALMEDINA. SA, 2009.

RAMOS, Francisco Lopes. **A Danação do objeto:** o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais e uma ecologia de saberes. *In: Revista Crítica de Ciências Sociais*. 78. outubro 2007: 3-46.

SANTOS, Cícero Pereira dos. [Entrevista cedida à Joselane Lima Da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. 1 Arquivo MP3.

SANTOS, Elenilson Gomes dos. [Entrevista cedida à Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. 1 Arquivo MP3.

SANTOS, Francisco Reginaldo da Silva. [Entrevista cedida à Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. 1 Arquivo MP3.

SANTOS, Suzenilson da Silva. **Um Museu Indígena como Estratégia Interdisciplinar de Formação Entre os Kanindé no Ceará.** – Redenção, 2021.

SILVA, Fábio de Sá e. Santos, Boaventura de Sousa, para uma revolução democrática da justiça. *In: Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 2007, 173-176.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de índios no Ceará Grande:** dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino. Campinas: Pontes, 2006.

SMITH, Linda Tuhiwai, 1950 – **Descolonizando metodologias:** pesquisas e povos indígenas. Linda Tuhiwai: Tradução Roberto G. Barbosa – Curitiba: Ed. UFPR, 2018. 239 p. il- (pesquisa; n. 337).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte MG: Editora UFMG, 2010.

Toré de reabertura do Museu dos Kanindé, Aratuba/Ceará - YouTube- Acesso em: 12/03/2022.

VANSIMA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *In: História geral da África Volume 1: metodologia e pré-história da África.* Brasília: UNESCO, 2010.

WAGNER, Roy. “A presunção da cultura” e “Cultura como criatividade”, *In: A invenção da cultura.* São Paulo: COSACNAIFY, 2010. pp. 27-48 e 49-74.

SANTOS, José Maria Pereira dos. [Entrevista cedida à Joselane Lima Da Silva Santos] Aratuba, CE, 2021. 1 Arquivo MP3.

SANTOS, Nilton Gomes do Santos. [Entrevista cedida à Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. 1 Arquivo MP3.

SANTOS, Suzenilson da Silva. [Entrevista cedida à Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. Arquivo formulário.

SILVA, Maria Ivonês Bernardo da. [Entrevista cedida à Joselane Lima da Silva Santos] Aratuba, CE, 2022. Arquivo formulário.